

2ª edição

Domingos Sávio Cordeiro (Coord.)

GRAFITE TOLERÂNCIA

EDURCA

GRAFITE
TOLERÂNCIA

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
CRATO
2019



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons:

Você tem o direito de compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato de acordo com os termos da licença:

Atribuição: Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

Para ver os termos completos dessa licença visite:

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

Coordenação do Projeto Grafite Tolerância: Domingos Sávio Cordeiro

Fotos das obras: Amiton Duarte Pereira (p. 19-81); Domingos Sávio Cordeiro (p. 82-94)

Fotos dos artistas e processos: Domingos Sávio Cordeiro

Capa: Fragmento de obra realizada por Mayanne Torres, no Projeto Grafite Tolerância

Arte da Capa: Maria Paula Cordeiro

Revisão de Texto: Hermógenes Teixeira de Holanda

As indicações de fontes, referências e conteúdos dos ensaios são de responsabilidade dos autores.

As releituras de obras são de responsabilidade dos artistas.

Editora da Universidade Regional do Cariri - EDURCA

Rua Coronel Antônio Luiz, 1161 - Pimenta - Crato - CE - Brasil

CEP: 63.105-000

Dados Internacionais na Catalogação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Ana Paula Saraiva - CRB - 3/1000

Grafite tolerância/ 2. ed. Domingos Sávio Cordeiro (coordenador). - Crato:
Universidade Regional do Cariri, 2019.
160p.; il.; color

ISBN: 978-85-65425-35-3

1. Grafite; Catálogo de obras; 3. Tolerância; I. Título;
II. URCA;

CDD:179

CDU: 17

ARTISTAS AUTORES (AS):

Akira - Ricardo Akira Sanoki
Álison Flor - Álison Pereira Flor
Amilton Duarte - Amilton Duarte Pereira
Andrea Sobreira - Andrea Sobreira de Oliveira
Apiano - Apiano Ferreira de Moraes Neto
Arthur - Arthur Gomes Simões
Artur - Artur de Sousa Ferreira Alves
Bethovem - Bethovem Simplício Duarte
CH - Carlos Henrique de David Geraldo
Charles Lessa - Francisco Charles Araújo Lessa Filho
Daniela Gomes - Daniela Gomes de Oliveira
Darlan Andrade - Cícero Darlan Andrade Araruna
Do Sertão - Lívio Diego Duarte Brandão
Emanoel - Emanoel do Nascimento
Enzo - Lorenzo Gabriel
Fernando Vieira - Fernando Vieira de Moraes
Fher - Fernanda Veloso da Costa
Francisca Silva - Francisca Silva Clemente
Gabriel Cordeiro - Gabriel Costa Cordeiro
Gabriela Lemos - Gabriela do Nascimento Lemos
Geraldo Junior G - Geraldo Taveira Leite Junior
Henrique Moonstar - Cícero Henrique da Cruz Sampaio
Jonas Bezerra - Cássio Jonas Bezerra dos Santos
Kaio - Kaio Henrique Bezerra Cardoso
Lana - Elaine Maciel da Silva
Leonidas - Leônidas Bezerra Cavalcante
Lira - Mateus Lira de Souza
Maria Paula Cordeiro
Mayanne Torres - Mayanne Yasmine Torres Tavares
Mel - Debora Melissa dos Santos Bezerra
Mendes - Francisco Mendes de Oliveira Junior
Paulo Bruno - Paulo Bruno de Souza e Silva
Raiane Bezerra - Maria Raiane Felix Bezerra
Romeu Sátiro - Romeu Sátiro Feitosa da Costa
Romildo - José Romildo Bezerra Mendes
Samuel Quixote - Samuel Santos
Sávio Cordeiro - Domingos Sávio Cordeiro
Sérgio Vilaça - Sergio Henrique Carvalho Vilaça
Signo - Lucas Lopes
Soupixo - Suyane Oliveira Santos
Tiago Alexandre - Tiago Alexandre dos Santos
Wanderson Petrova - Francisco Wanderson Pereira Cavalcante

ARTISTAS DE APOIO:

Cleiton Araújo
Edilson Militão
Elizieldon Dantas
Isaias Almeida
Jeter Megaron Monteiro
Jheine Alves de Moura
João Eudes Ribeiro Machado Filho
Jucimar Rodrigues Lima,
Kelly Alves Ferreira da Silva
Maria Gabriela Vieira Leite
Paulo Bruno de Souza e Silva
Raquel de Santana Santos
Sara Vasconcelos Cruz
Shayana de Oliveira Moura e Silva
Victor Vladimir de Melo Santos
Williana Silva

GRUPOS DE APOIO:

Coletivo Estação 9

Lab Que Move o Sol e as Outras Estrelas – Laboratório de Poéticas da Visualidade, de Poesia e da Palavra Performada

Conselho Editorial

Ana Claudia Lopes de Assunção – Universidade Regional do Cariri / URCA
Ángeles Saura – Universidade Autónoma de Madrid – UAM - Espanha
Antônio Cristian Saraiva Paiva – Universidade Federal do Ceará - UFC)
Camilo Braz – Universidade Federal de Goiás - UFG
Fábio José Rodrigues da Costa – Universidade Regional do Cariri / URCA
Frederick Sidou Piedade – Universidade Regional do Cariri / URCA
Guilherme Rodrigues Passamani – Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Gustavo Blázquez – Universidad Nacional de Córdoba - Argentina
Irlys Barrreira – Universidade Federal do Ceará – UFC
José Carlos de Paiva – Universidade do Porto / Portugal
José Machado Paes – Universidade de Lisboa – UL – Portugal
Juan Carlos Arañó Gisbert – Universidade de Sevilha – US - Espanha
Leão Lopes – Instituto Universitário de Arte Tecnologia e Cultura – M_EIA – Cabo Verde
Luciane Germano Goldberg – Universidade Federal do Ceará - UFC
Luma Nogueira de Andrade – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
Maria da Conceição Passeggi – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Maria Elvira Diaz Benitez – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Mylene Mizrahi – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ
Ramón Cabrera Salort – Instituto Superior de Arte (ISA) / Cuba
Regina Fachinni – Universidade de Campinas – UNICAMP
Renato Kirchner – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC

AGRADECIMENTOS AOS COLABORADORES:

Ana Felícia Barreto de Lima Teixeira Mendes, Ana Josicleide Maia, Antonia Euflávia Layalla Sousa, Cícero Batista dos Santos Freire, Luciano Flávio da Silva Cavalcante, Maria Aline Bussonse, Maria Arlene Pessoa da Silva, Maria Eneida Feitosa, Maria de Fátima Otávio Simão Aguiar, Maria de Fátima Romão da Costa, Marlene Menezes de Souza Teixeira

SUMÁRIO

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO	07
PREFÁCIO. GRAFITE E DIFERENÇA NO CENÁRIO DA TOLERÂNCIA AMOROSA João Batista de Albuquerque Figueiredo	08
APRESENTAÇÃO: O GRAFITE TOLERÂNCIA Francisco Egberto de Melo	09
INTRODUÇÃO	15
CATÁLOGO DE OBRAS	19
CATÁLOGO DE OBRAS DA SEGUNDA EDIÇÃO: UM OLHAR FEMININO	82
RELATOS DOS ARTISTAS	95
ENSAIOS SOBRE GRAFITE E TOLERÂNCIA	135
MUROS QUE FALAM: NARRATIVAS DO GRAFFITI CONTEMPORÂNEO Alessandra Oliveira Araújo	136
PENSANDO COM GÊNERO Roberto Marques	138
COMO TOLERAR O INTOLERÁVEL? Otília Aparecida Silva Souza	144
PARA ALÉM DA TOLERÂNCIA Carlos Alberto Tolovi	148
EDUCAR PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM TEMPOS DE INTOLERÂNCIA Ercília Maria Braga de Olinda Maria Paula Jacinto Cordeiro	154

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO

Ao concluirmos os murais do Grafite Tolerância, pudemos observar que alguns subtemas abordados na temática geral “tolerância” tiveram maior destaque. Sobressaíram-se aos demais trabalhos que focaram o contexto do movimento de africanidade – no sentido de marcas culturais que remetem a África e que se fazem presentes na sucessão de gerações, independente da origem étnica do indivíduo, e da comunidade LGBT-Queer que inclui a afirmação pela liberdade e orgulho de identidade de gênero e levanta questões sobre as identidades não binárias, fugindo da relação de sexo biológico com gênero.

Posteriormente fomos provocados por professoras a dar continuidade aos murais nos corredores internos do Campus Pimenta dando destaque na temática mulher. Daí surgiu o mote “um olhar feminino” com trabalhos que focalizam as mulheres e as relações de gênero, dentro da perspectiva da necessidade de tolerância, do respeito e do diálogo.

Convidamos então, os artistas que já estavam envolvidos no Projeto para realização de mais murais dentro dessa nova temática. Surgiram mais dez propostas.

Esses novos trabalhos não fizeram parte da primeira edição impressa, que já estava no prelo. Também havia de nossa parte um interesse em socializar esse movimento para um público maior. Então esta segunda edição eletrônica que entregamos ao público contempla essas necessidades, além de registrar todos os trabalhos realizados, os quais já sofreram diversas intervenções, tendo alguns sido totalmente depredados.

O ponto central dessa modalidade de publicação eletrônica é a ética do livre acesso a informações e obras de arte. Este material com licença Creative Commons pode ser utilizado para fins didáticos.

Aos que acessarem este livro desejamos que seja usado para criar outros projetos nesses parâmetros ou, talvez, mais amplos contribuindo para melhoria da qualidade de vida e realização de sonhos.

Domingos Sávio Cordeiro

PREFÁCIO

GRAFITE E DIFERENÇA NO CENÁRIO DA TOLERÂNCIA AMOROSA

João Batista de Albuquerque Figueiredo

Prefaciando o caderno/catálogo do Projeto Grafite Tolerância, experienciado na Universidade Regional do Cariri, nos conclamamos a refletir inúmeras questões. A mais importante, talvez seja a ênfase na riqueza da diferença no caldeirão cultural do Cariri. Sim, em geral, o diferente e a diferença nos assusta, nos atemoriza. É uma lógica perversa de um modelo capitalista moderno de sociedade. Mas... estamos aqui para ressaltar que, na verdade, a interculturalidade, a descolonialidade nos alerta para o diálogo entre diferente-iguais como alternativa de expansão das nossas consciências.

É com o diferente que aprendemos o novo. O Igual só tem para ensinar o que já aprendemos. É com a diferença que avançamos em direção ao inédito. É com ela que tecemos novas teias, novos sonhos possíveis. E nesse catálogo, somos conclamados a reconhecer as diferentes igualdades que nos igualam nas diferenças. E com elas caminhamos em direção a um mundo onde, de fato, se torna possível amar. Amar é verbo, é ação de ser mais e melhor... E só podemos amar na diferença. Precisamos reconhecer e desconhecer, aproximar e se distanciar, se identificar e se diferenciar para poder amar... até mesmo o amar a si, implica em se aperceber de maneira distinta e acolher essa plenitude de luz e sombra.

E, se na universidade existe grande heterogeneidade, ela é característica de nosso país, de nosso lugar, da sociedade brasileira. Daí, mais que nunca a importância de serviços como esse de explicitar e destacar a diferença, pessoas de diferentes bases culturais, culturas distintas interagindo. E mais ainda, reconhecer que amar nosso semelhante implica em amar nosso diferente. A alteridade, melhor ainda a supra-alteridade potencializa essa história de alargar o mundo por meio de um outro legítimo em sua outridade.

Portanto, convidamos para adentrar essas páginas e mais ainda as páginas dessa história recente, de registrar nas páginas vivas da instituição, da cidade, do Cariri, do Brasil, essas diferenças ricas e que nos enriquecem com a ampliação de nossas percepções, por meio de outras dimensões, de outras lógicas, de outras jornadas, de outras histórias, de outras humanidades, de outras políticas... a política que se faz com o amor, com as outras pessoas, com outros seres... A política capaz de tornar esse mundo habitável pelo amor sem fronteiras, recheado de pontes, de conexões....

¹Educador, doutor em educação, professor do Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC

APRESENTAÇÃO

O GRAFITE DA TOLERÂNCIA

Francisco Egberto de Melo¹

Sábado à tarde, com a tarefa de escrever o texto que me foi solicitado para abrir o catálogo do Projeto Grafite Tolerância do Programa Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Regional do Cariri (URCA), decido visitar os espaços onde estão sendo pintados os painéis já que a correria da semana nem sempre me permitiu maior acuidade. Deparo-me com cenas que encantam e confirmam que os quatro anos de trabalho no projeto, como Coordenador Institucional, fizeram valer todo o empenho e dedicação dos professores e estudantes envolvidos.

O PIBID é de longe a iniciativa mais exitosa no processo de formação inicial de professores no Brasil. Nunca, em nenhum momento da História da Educação deste País, a formação de professor foi preocupação para os órgãos de fomento que destinam suas verbas para o ensino superior. Uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o PIBID tem como princípios fundamentais a valorização da docência, o aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica, a aproximação entre as escolas de educação básica e as Universidades e a articulação entre prática e teoria.

No caso específico do PIBID da Universidade Regional do Cariri (URCA), desde cedo foi uma preocupação de seus gestores criar mecanismos para que os estudantes que ingressassem no programa fossem prioritariamente do 2º ao 5º semestres, considerando que a partir do 6º eles começam a prática de Estágio Supervisionado. A ideia foi que os estudantes do PIBID levassem uma formação mais qualificada a ser socializada com os demais.

De imediato, é possível identificar que o Projeto Grafite Tolerância é uma mostra dos resultados quantitativos e qualitativos do PIBID em sua mais absoluta positividade quando encontro estudantes de diversos cursos da Universidade Regional do Cariri dando andamento a um trabalho iniciado ao longo da semana e que eles decidem tentar concluir no sábado e domingo. Isso me faz fugir do texto mais acadêmico com muitas citações e diálogos com pessoas, muitas das quais nunca cruzei o caminho. Opto por dar preferência aos que estão diante de mim. Eles são os principais sujeitos das linhas que se seguem. São artistas, alunos espalhados pelos corredores da Universidade, cujas indumentárias de tão coloridas pelos restos de tintas que lhes caíram me fazem acreditar que as cores atingem suas almas.

Desloco-me pelo Campus do Pimenta da URCA e vejo enormes painéis que tomam paredes inteiras com muita arte e a perspectiva de que é possível construir um mundo diferente daquele que até aqui realizamos. Sob um sol da tarde, com uma temperatura que beira os 35 graus Celsius, a estudante coloca seu material no chão e vai aos poucos retomando o trabalho que vem desenvolvendo há mais de uma semana. Parece ter pressa em manifestar todo o seu sentimento. Duas negras, uma frontal outra de perfil, uma com turbante outra sem ele, expressam a mensagem “a luz da minha luta sua bala não apaga”. Vez por outra um para, olha, pergunta algo e passa, não sem olhar algumas vezes para contemplar a beleza da artista expressa na arte de fazer-se estudante, e ser futura professora. Outros chegam, elas, eles, eles que são elas, elas que são eles, que nem se preocupam com as classificações de gênero, que só querem ser felizes, “trocam uma ideia” sobre o painel com mais de 2,0 por 3,0 metros, qual tinta, onde carrega mais, onde alivia.

¹ Historiador, doutor em História, professor do Curso de História da URCA, coordenador do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPS/URCA

Eles fazem parte de um Programa de Iniciação à Docência que em março de 2018 terá finalizadas as atividades previstas no Edital 061/2013. Não há, até o presente momento, perspectivas de que a CAPES retomará um novo Edital. O que deixa os mais de quatrocentos e cinquenta bolsistas apreensivos. Para a URCA, isso representa quase cinco por cento de seus estudantes. Às vésperas do encerramento, já é possível fazer uma avaliação extremamente positiva, notadamente quando dialogamos com Maurice Tardif que nos ajuda a compreender a importância de mobilizarmos os diversos saberes que fazem parte do processo de formação do professor:

Se os saberes profissionais dos professores têm uma unidade, não se trata de uma unidade teórica ou conceitual: como as diferentes ferramentas de um artesão, eles fazem parte da mesma caixa de ferramentas, porque o artesão pode precisar deles no exercício de suas atividades (TARDIF, 2014, p. 264).

Olhando os grafites, certamente é possível compreender o valor do PIBID justamente ao possibilitar que se identifique essa unidade entre as ferramentas que são utilizadas no dia a dia do professor, ou seja, entender o processo de formação docente no seu aprender fazendo e não como uma mera 'aplicação' de conceitos e métodos da Pedagogia ou da Ciência de Formação, seja ela História, Geografia, Ciências Sociais, ou qualquer outra licenciatura.

Ao lado do painel das negras, outro ainda maior. Antes de terminado já estava assinado, no canto direito inferior. A assinatura do autor expressa todo o orgulho do trabalho que vai ganhando forma. Desde cedo, fez questão de marcar o território onde iria pintar uma negra com expressão de sacralidade envolta em figuras geométricas coloridas que preenchem uma parede inteira de 3,0 por 5,0 metros. O balançar da tinta de grafite com força demonstra a vontade de acertar. Cada movimento é fonte de inspiração para expressar um acontecimento que transita entre os olhares dos que passam e observam um corpo invadido pela paisagem. As pernas e quadris da negra se misturam com as vestimentas, simulam silhuetas e movimentos, enquanto despertam a imaginação dos que olham e encadeiam interpretações múltiplas entre o sagrado e o profano. Certamente uma obra que jamais se reproduzirá, insubstituível, única.

Nada nestes grafites é por acaso. Resultou de pesquisas que os antecederam. Anterior às imagens reproduzidas nos painéis, é possível encontrar imagens traçadas, rabiscadas, linhas escritas para justificar a aprovação no Edital lançado para este fim. Os grafites são, portanto, uma amostra de que O PIBID possibilitou que a prática do magistério seja antecipada de ações investigativas e reflexivas, condição indispensável para vencer os desafios da sala de aula, o que nos leva a dialogar com Pimenta (2005) e o conceito de reflexividade, conceito-chave para a compreensão do mundo escolar, porque ali:

Os professores desenvolvem um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. Desta forma, têm um papel ativo na educação e não um papel meramente técnico que se reduza à execução de normas e receitas ou à aplicação de teorias exteriores à sua própria comunidade (ALARCÃO, 2005, p. 176).

Toda a ação pedagógica, a exemplo dos grafites da Tolerância, começa com um processo de seleção, de reunião de objetos sociais/culturais que serão pensados e refletidos em situação de aprendizagem em uma condição de aula. Seja ou não em sala, será sempre um gesto que une o mundo interior da aula com um mundo exterior do conhecimento. A aula será sempre um mundo imaginário que se desenvolve em busca de sentidos para um mundo real. E foi neste sentido que os bolsistas de iniciação à docência da URCA trilharam seus caminhos no Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Volto os olhos para o segundo andar. Outro painel envolve traços ondulados, árvores, turbantes em forma de flores, lenços que se confundem com folhas, pássaros e mandacarus. As cores vão se misturando aos coqueiros, flores e árvores dos jardins da URCA. Uma vez concluído, o painel ganhará poderes, suas cores despertarão prazeres. Será um acontecimento que ganhará liberdade, já não mais pertencerá ao seu autor, assumirá vidas diferentes conforme os que passam, param, olham, contemplam e continuam.

O ambiente criado pelos painéis me permite identificar que, apesar de ter seus objetivos centrados na formação inicial dos futuros professores, o PIBID permitiu o diálogo entre licenciandos, supervisores e coordenadores que resultou em um movimento dinâmico de formação dialógica e de pesquisa que possibilitou a ampliação de horizontes de todos os sujeitos envolvidos no Programa. Para os estudantes de graduação e seus professores coordenadores de área, a vivência do cotidiano escolar permitiu conhecer o espaço escolar como objeto a ser problematizado, a partir de suas complexidades que se entremeiam pela diversidade, o que exige práticas pedagógicas de escolarização resultantes de ações planejadas e avaliadas cotidianamente.

Volto aos corredores. A parede frontal de um deles é tomada por uma enorme mulher estilo “mulher maravilha”, que mistura cores e formas afrodescendentes na imagem de uma mulher negra de punho cerrado e olhar altivo. Enquanto olho e tomo anotações, pessoas param, fotografam. Uma servidora direciona a máquina do celular, enquanto afirma: “Vou colocar na internet”.

Relevante destacar que ao longo destes quatro anos de PIBID seus objetivos foram amplamente perseguidos, a exemplo do incentivo à formação dos professores. Mas o Programa ultrapassa estes limites. É sabido, por exemplo, que muitos estudantes que abandonam a Universidade, notadamente os estudantes de licenciatura, fazem-no em busca de uma solução mais rápida para sua condição social. Ou seja, quase sempre perdemos nossos estudantes para o mercado de trabalho. Sem uma qualificação profissional, muitos acabam aceitando empregos de baixa remuneração que nem de longe garantem a qualidade de vida futura do ser professor, em que pesem todas as críticas feitas às políticas de valorização do magistério. Estes estudantes que vêm no final de semana para a Universidade e dão cores, sombras e formas a suas ideias expressas em paredes não são candidatos ao abandono, são representantes de um projeto que deu certo.

O PIBID, portanto, cumpre um papel fundamental de garantir a permanência dos estudantes na Universidade. Foram raros os bolsistas de iniciação à docência que pediram desligamento do Programa por conta do emprego. Quando ampliamos nosso recorte para as edições anteriores, identificamos que muitos são os exemplos de estudantes que hoje são professores da Educação Básica, alguns, inclusive, atuando como bolsistas supervisores.

Grafites em paredes, poesias, jogos matemáticos, documentários, entrevistas, palestras, rodas de conversas com professores da Educação Básica foram resultantes e/ou resultaram de análises e reflexões em busca de saberes profissionais do ser e do fazer-se professor. Saberes que religam escolas e universidade, teorias e práticas, conhecimentos e afazeres voltados para o cotidiano escolar.

Mais paredes coloridas, um banho de imagens quando acesso outros corredores. Encontro, agora, seres que se confundem com uma explosão nuclear, figuras híbridas de humanos com vegetais verdes e vermelhos, entram em harmonia planetária e sistemas solares, mais árvores, troncos, tudo é muito movimento. Cores quentes, cores frias, sombras, projeções, imagens que queimam

a imaginação, outras que gelam, umas aproximam, outras distanciam, algumas, certamente, irão gerar repulsas para uns e atração para outros. Cada imagem que vai se revelando nos grafites suscita “um acontecimento que transmita e magnifique o outro, que se combine com ele e produza, para todos aqueles, uma série ilimitada de novas paisagens” (FOUCAULT, 2015, p. 355).

Pouco abaixo, um grafiteiro dá início ao seu painel, coloca algumas tiras de fita gomada, que dividem as cores da diversidade, aos poucos as cores do arco-íris vão tomando forma. Depois de um bom tempo descubro que o grafiteiro é o Professor Sávio Cordeiro, Coordenador do PIBID de Ciências Sociais, idealizador do “Grafite Tolerância”. Junto com seus orientandos de Iniciação à Docência, presenteou a Universidade com um colorido que já ganha as redes sociais. Passo cinco minutos apreciando sua performance enquanto o confundo com um estudante. Boné na cabeça, grafite na mão, spray, ele é parte do processo, enquanto é abordado por um dos estudantes para prestar conta do material que utilizou e do que ainda precisa, vai dando formas à imaginação.

Idealizado com os estudantes de Ciências Sociais, o projeto ganhou corpo, abarcou pibidianos de outros cursos, ex-bolsistas, estudantes de outras licenciaturas e dos demais cursos da Universidade e da comunidade cariense. O projeto ganhou a face interdisciplinar proposta pelas políticas de formação para o magistério.

Cada parede um novo painel, tintas que balançam para dar cores a mulheres grávidas, nuas, parturientes. Ao lado, outro artista-aluno manifesta sua indignação e clama por liberdade e tolerância em meio a leões, florestas e números que expressam imagens apreendidas na trajetória de formação pelo PIBID gerando representações do real. Nada é plenamente captado, nada se fixa. Enquanto caminho entre paredes as imagens se misturam ao cheiro de tinta fresca, passam, atraem, enquanto conduzem a caminhos diversos e me lançam às ruas, aos continentes, à África, à Ásia, ao infinito do passado distante que se confunde com o presente.

A experiência do PIBID permitiu aos estudantes de graduação o diálogo com os saberes da escola, principalmente na sala de aula. Ao mesmo tempo, possibilitou-lhes assumir posicionamentos frente às teorias que perpassam a educação e o ensino das diversas áreas do conhecimento confrontadas com a realidade de escolas imersas em extratos sociais caracterizados pelas mais diversas práticas de exclusão social, étnicorracial, de gênero, geracional ou pelos padrões que se definem pela normalidade física ou mental da contemporaneidade.

Tudo isso se expressa em outro painel que ocupa a rampa de acesso a blocos de salas. Ali, encontra-se uma espécie de samurai em luta contra um ser que o ataca coberto por um roupão com marcas da suástica nazista. A cruz que defende é a mesma que ataca em forma de punhal. As ondas de cores diversas, a lua em forma de escudo, o amarelo que se destaca formam imagens que ganham propulsão e jorram aos olhos de quem olha. São imagens que transitam entre os fios que inter cruzam as imagens que inspiraram a imaginação de quem pinta e as vidas de quem observa, enquanto mobiliza o mundo que o circunda para tentar definir o que pensa e o que imagina.

Jamais serei capaz de definir onde começam e onde terminam os fios do PIBID e suas influências sobre estas pessoas que pintam e que passam. Sei, no entanto, que o permanente contato com as escolas parceiras e seu entorno possibilitaram vivências e experiências que favoreceram a construção de identidade e pertença social profissional do ser professor diante de um mundo que globaliza e massifica um conhecimento eleito como único possível e válido conforme os interesses de uma minoria.

A inserção ativa dos bolsistas no cotidiano das escolas de forma organizada e produtiva, para além da mera observação, possibilitou vivências de múltiplos aspectos pedagógicos das escolas. A interação de diferentes saberes que envolvem a escola aperfeiçoa os elementos teórico-práticos sofridamente estudados na graduação e possibilitou que o trabalho do futuro docente

seja baseado na ação-reflexão-ação. Daí esta prática haver-se tornado eixo central de formação nas práticas pibidianas da URCA.

Seguindo esta linha que se nos apresenta no Projeto Grafite Tolerância, o PIBID atingiu o objetivo de modificar as concepções dos sujeitos participantes do programa de forma a valorizar o protagonismo destes na sua própria formação. O Programa constitui-se não apenas de formação inicial, mas também de formação continuada para os professores da rede básica e da URCA. Fomos capazes de (re)significar e (re)elaborar nossas práticas docentes, no cotidiano escolar e na Universidade e no tocante ao papel político e social do professor e da educação.

Nesse emaranhado de fios que tento definir, ainda que saiba a impossibilidade de fazê-lo, concluo com mais um dos painéis, que encontro em execução pela Professora Paula Cordeiro. Ali, um enorme animal busca proporção com o vão de parede com mais de 4,0 metros de comprimento e se mistura às cores da diversidade, ou à diversidade de cores. Pouco importa. A imensa paisagem não deixa espaço para pensar a prisão, somente a liberdade é que importa. Chifres enormes, sombras coloridas, rabos de todas as cores, molduras superpostas, flores lilases, sombras verdes e azuis se ampliam e se multiplicam enquanto saltam das mãos da professora para ganhar finitude transitória aos passantes.

Expressões de soberania, os grafites da tolerância demonstram a formação que o PIBID engendrou. Agora, diante deles, abre-se um campo de possibilidades, uma vontade de ensinar e de aprender. Preparados para a nobreza da escola eles partem suntuosos, mas não soberanos, humildes, mas não cabisbaixos, na certeza de que deverão somar seus brilhos aos voos das infinitas cores de outros que fazem do espaço escolar o lugar de prazer.

Referências

ALARCÃO, Isabel (Coord). Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. A Pintura Fotogênica. In: MOTTA, Manuel de Barros da (org.). Michel Foucault. Ditos e Estritos: Estética: literatura e pintura, Música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. P. 350-369.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2005. P. 17-52.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

INTRODUÇÃO

Domingos Sávio Cordeiro¹

Muito antes de surgirem os estados nações, de se formularem as leis e os muros que definem os limites públicos e privados, ainda no tempo em que grupos humanos habitavam cavernas, faziam-se artes em paredes, grafites. Portanto, desde que a humanidade deambula nesse planeta, paredes são telas de mundos, canais de expressão da arte da beleza e do espanto onde se criam formas, desenhos e textos que expressam emoções, símbolos de suas interações com Deus, com os deuses ou com a coletividade, e mais contemporaneamente manifestos políticos, narrativas étnicas, de gênero, geracionais, humanistas e ecológicas.

Faz parte da constituição das sociedades haver ciclos que alternam períodos de conformação a leis e normas com outros onde a necessidade coletiva por mudanças levam frequentemente a rupturas com modelos estabelecidos. Pode-se perceber a arte em paredes como canal e expressão das rupturas nesses momentos cuja tônica são modelos de permanência ou mudança.

Na história recente, em países do leste e do oeste, no que se convencionou chamar de ocidente e oriente, tem havido movimentos terrivelmente conservadores ou reacionários. Considerando como conservador aquilo ou aquele que se pretende permanecer, não é necessariamente negativo. Quando se tem boas relações quer-se conservá-las. Problemas, conflitos que implodem unidades sociais e geram trevas coletivas, que minam a confiança nos destinos coletivos surgem quando indivíduos e grupos agem para impor ao coletivo maior modelos que satisfazem apenas a uns. Igualmente danoso para coesão grupal é o comportamento reacionário. Como um inseto que resistisse a trocar de casca para crescer, nesse padrão de atuação pública está-se olhando para trás enquanto se caminha para frente, ou seja, indivíduos e grupos querem replicar o passado, atuam tentando fazer com que a sociedade do presente e do futuro seja algo que já foi, desconhecendo e negando as novas necessidades, novos desafios e novos contextos de relações entre grupos e povos. Como se estivessem olhando para as sombras no fundo de suas cavernas, considerando essas a única e real forma de viver, velhos de ideias, com medo do novo, fogem do diálogo e buscam impor à sociedade normas e leis que minam qualquer possibilidade de adaptação às exigências da vida contemporânea.

No Brasil essa onda reacionária se intensificou no momento político social de hoje, cujas articulações fascistas depuseram a presidente eleita Dilma Roussef. O eco do golpe jurídico midiático reverbera nas instituições religiosas, na família, na escola, nas empresas midiáticas e nos partidos políticos agredindo moral e fisicamente a tudo e a todos que vivam o novo nos seus pensamentos, nas suas emoções, nos seus corpos, nas suas relações e expressem publicamente culturas autóctones e a necessidade de valores de alteridade, equidade e justiça social.

A Universidade Regional do Cariri – URCA é formada por aproximadamente 10 mil alunos, 600 professores e trezentos servidores. Parte deles são integrantes que sugerem novos horizontes às vezes de forma organizada por meio de debates e manifestações, outras vezes de forma espontânea, aparentemente caótica, com performances e intervenções estéticas. As intervenções artísticas visuais têm acontecido nas paredes dos diversos campi. No Campus do Pimenta em Crato - CE, são ora autorizadas ora clandestinas, às vezes de maneira mais elaborada, outras improvisadas com palavras de ordem ou provocações ao poder estabelecido e insultos. Quando desenhadas têm gerado uma guerra de cores, símbolos, textos e rabiscos.

¹ Sociólogo, doutor em Sociologia, professor do Curso de Ciências Sociais da URCA.

Nos últimos anos a administração dos campi pintou as fachadas externas e internas de verde bandeira e amarelo, com as paredes intermediárias de branco ou “cinza oficina”. Surgiram grafites e pichações. A administração repintou sobre as pichações. Os pichadores voltaram a pichar. Entretanto, os grafites tem sido preservados da ação de ambos, pichadores e administração.

Ao andar pelos corredores internos as paredes explodiam conflitos e efeitos de ausência do diálogo em palavras de ordem contra a homofobia, o machismo e a misoginia, o racismo, a xenofobia, o recente golpe de estado, recobertas por inúmeras camadas de tinta cinza e continuamente reescritas.

No mesmo período chegou como uma onda vinda da idade média um espécie de conservadorismo reacionário que pretendia instalar um discurso cujo centro seria o “ataque à família”. Algo muito semelhante ao que aconteceu em 1964 no Brasil. Em audiência pública na Câmara de Vereadores do Crato. Com a finalidade de discutir uma ementa sobre uma propaganda fascista chamada ideologia de gênero, estudantes e professores que estavam assistindo e eram contra a intervenção do judiciário nos parâmetros da educação nacional, foram agredidos moral e fisicamente por brutamontes armados.

Sensíveis a essa situação imaginamos uma atuação protagonizada pelo PIBID de Ciências Sociais que propusesse uma alternativa ao debate via realização de artes visuais nas paredes do Campus do Pimenta da URCA em Crato. Convidamos para formar uma comissão organizadora um grupo de professores e alunos do Departamento de Ciências Sociais da URCA e atuantes no PIBID de Ciências Sociais.

Considerando o papel educativo do diálogo que pode sugerir a intervenção estética, para além da disputa entre o domínio do espaço visual, a administração e os pichadores, propomos uma intervenção negociada. Convidamos pichadores para fazerem intervenções mais elaboradas e comunicamos nossa intenção à administração. Daí surgiu o mote “Grafite Tolerância”.

O termo tolerância - derivado do latim *tolerare* -, aqui tem sentido amplo. Refere-se inicialmente à aceitação dos grafites tanto pela administração, quanto por pichadores. Embora pareça um contrassenso, visto que a subversão é inerente à pichação, há uma tendência ética nos pichadores a preservarem os grafites.

Pedimos toda a tolerância com o grafite como obra de arte genuína, expressão abnegada da arte urbana contemporânea, produto da intervenção pública de artistas que se esmeram numa expressão estética mais elaborada e de pessoas, também artistas por apreciarem as artes, que não dispoem de habilidades técnicas sofisticadas e treinamento estético aprimorado se aventuram na experimentação de uma manifestação visual. O que mais nos interessava era que cada pessoa inscrita representasse uma o momento atual a partir do mote que sugerimos.

Paralelamente ao uso das paredes internas do Campus para fazer obras de arte visuais, a substância desse mote tolerância traz visibilidade à necessidade urgente de aceitação e respeito às diversidades étnica, racial, geracional, religiosa, sexual, de gênero e regional que compõem a sociedade brasileira.

Na legislação brasileira a descriminalização da arte urbana – tanto o que se considera grafite como a pichação -, passa pela alteração do artigo 65 da Lei 9.605/1998, na qual o parágrafo segundo determina que “não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado, mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional”. Vulgarmente considerada vandalismo, a noção comum de pichação é para o desenho feito à semelhança de um rabisco descuidado e grafite quando o desenho é resultado de uma elaboração prévia com maior esmero estético. Mas, a rigor, é muito difícil definir o que é pichação de grafite em termos estéticos,

já que há componentes ideológicos, de classe social, morais e éticos nas tentativas de definições. Por certo, ambas as manifestações artísticas visuais, grafite ou pichação, são tanto parte do princípio de liberdade de expressão como meio de participação política e especificamente do ponto de vista desse projeto não se consideraram critérios de beleza como prioridade, já que o que é belo para um não é necessariamente belo para outro.

Utilizamos aqui uma noção operacional, ad hoc, de grafite como sendo uma arte que de modo autorizado ou subversivo traz conteúdos portadores de linguagens urbanas, reflexo social de um povo e de uma época, podendo cumprir funções de refinamento estético, mas ainda criticar e desafiar o status quo e o modus operandi.

Nesse projeto determinamos que os trabalhos seriam de grande dimensão, com o mínimo de um metro quadrado até 60 metros quadrados, composto por figuras concretas, realistas, figurativas, abstratas, letras, símbolos, números, onde os elementos buscassem mostrar uma representação do autor focada na intolerância/tolerância tanto no sentido político, ideológico, quanto estético, entendendo que a arte urbana também demanda aceitação. As técnicas seriam as mais diversas: spray, pincel, lamb e lã sobre tela de aço.

Na fase de elaboração do Projeto, consultamos e obtivemos aprovação da administração da URCA. Também compartilhamos e convidamos professores e alunos que escrevem e desenham nas paredes clandestinamente.

Formamos uma comissão para elaboração do projeto composta por membros do Departamento de Ciências Sociais: quatro docentes – dois homens do gênero masculino, duas mulheres do gênero feminino; dois discentes - uma mulher do gênero masculino e outra do gênero feminino, sendo duas dessas pessoas participantes negras e duas do PIBID de Ciências Sociais. Essa Comissão foi a responsável pela elaboração de critérios de participação, divulgação e seleção de trabalhos.

Embora a palavra tolerância venha sendo usada de maneira performática, limitando-a a propaganda ideológica, nós consideramos na elaboração do título do Projeto que a tolerância é passo fundamental para a alteridade e dialogicidade.

Quando a Comissão de Elaboração do Projeto propôs o mote "tolerância" não sugeriu o que os artistas fariam. Ninguém propôs esboço de grafite com essa palavra, ou qualquer outra, mas que cada participante se inspirasse no contexto de intolerância crescente na sociedade brasileira e na necessidade de alteridade, respeito, aceitação ao outro, aquilo que se considera diferente de si mesmo e diálogo, ou seja, como aceitação perante a diversidade absolutamente necessária à resiliência humana ou de qualquer espécie. No humano, a prática da tolerância nessa perspectiva leva à empatia, como patamar mais elevado de interação social e grupal.

Tolerância é, ainda, empregada aqui como tolerância estética. Porque nesse trabalho há uma grande quantidade de formas expressivas, de técnicas e estilos. Além do que, frequentemente a tolerância estética tem o sentido de suportar algo que não se quer em qualquer de suas formas. Um exemplo presente no caso dos grafites são as pessoas que preferem muros cinza ou em suaves tons pastéis da bandeira brasileira.

Grafites "feios" ou "bonitos" geram impactos. As pessoas passam, olham, uma mensagem passa. Podem inquietar, assombrar, acalmar e gerar admiração. Trazem à memória problemas sociais, códigos da vida urbana, visões de mundo, maneiras de viver. Trazem à tona conflitos, paixões, desejos e esperanças. Servem uma nova estética que dá prazer aos olhos. Ou de maneiras muito sofisticadas remetem a sons, sabores, paisagens interiores ou vazios silenciosos.

As normas de participação do edital de convite determinavam que todos os estilos de grafite seriam bem-vindos desde que atendessem aos seguintes critérios: 1. O participante não receberia honorários pela sua participação e concordaria que sua obra fosse filmada ou fotografada por qualquer pessoa em qualquer circunstância; 2. Os trabalhos seriam selecionados pela Comissão

Organizadora a partir de esboços enviados antecipadamente, não sendo necessário anexar textos; 3. Os critérios de seleção dos trabalhos priorizariam os seguintes aspectos: a) contemplar o mote “tolerância”; b) ter afinidade com a proposta; c) ter qualidade de acabamento no esboço.

Considerando que o evento reuniria obras em um espaço educacional e governamental com apoio institucional do Programa de Iniciação à Docência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior vinculada ao Ministério da Educação e executado pela Universidade Regional do Cariri – PIBID/CAPES/URCA, não seriam aceitos trabalhos que: a) Citassem nomes de autoridades ou pessoas ocupantes de cargos públicos; b) trouxessem imagens de ocupantes de cargos públicos; c) portassem conteúdos ofensivos, racistas, assemelhando-se à pornografia, ou representações de sexo explícito que remetesse a cenas de estupro, pedofilia, abuso ou violência sexual; d) Com apelos gratuitos a violência, cenas de homicídio ou suicídio; e) Comerciais ou divulgação de marcas de produtos ou serviços. A Comissão decidiria casos específicos.

O autor do esboço poderia sugerir as dimensões adequadas da parede para realizar sua obra, mas a escolha final seria da Comissão.

O custeio do material e realização da despesa caberiam ao PIBID/CAPES/URCA. Pediu-se que cada participante apresentasse uma relação de todos os materiais necessários à realização de sua obra, com especificações de tipos e quantidades. Os materiais utilizados seriam adquiridos no comércio local. Eventualmente, o participante indicaria alternativas de produtos acessíveis no comércio da Região Metropolitana do Cariri.

Inicialmente convidamos os bolsistas do PIBID e egressos do PIBID da URCA. Posteriormente convidamos a comunidade universitária da URCA e demais universidades da Região Metropolitana do Cariri. Como o Projeto Grafite Tolerância tem também muito fortemente a intenção de inclusão e entendemos que a universidade é um ambiente de práticas solidárias e inclusivas, abrimo-lo para a participação de artistas da comunidade local, “artistas de rua” e gente comum numa atividade de arte dedicada a um mesmo propósito estético em torno do mote tolerância.

Todos os trabalhos foram realizados na Universidade Regional do Cariri no Campus do Pimenta nas paredes dos setores internos.

Ao todo participaram 42 artistas autores e 15 artistas no apoio. Foram produzidos 64 trabalhos.

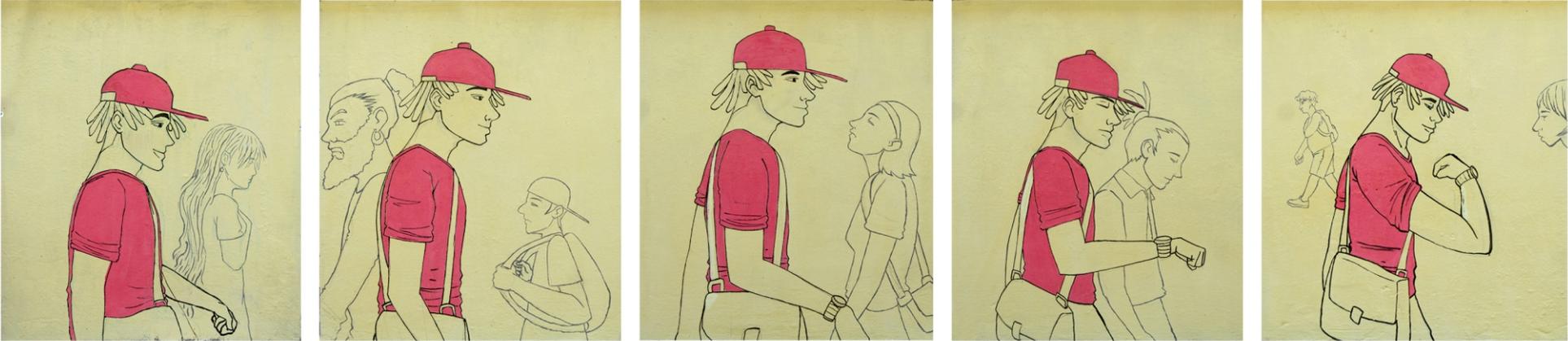
Essa publicação registra e acompanha esse Projeto apresentando-o em capítulos: O capítulo três é o catálogo das obras. O quarto capítulo reúne relatos dos autores sobre as obras, o envolvimento de cada um com o projeto. Os textos foram compilados a partir de entrevistas. Traz também fotos dos processos de realização e indicações técnicas de cada trabalho. O quinto capítulo apresenta cinco ensaios com reflexões de pesquisadores que trazem pontos de vista relacionados à temática do Projeto Grafite Tolerância nos campos da antropologia, da comunicação social, da educação, da filosofia e da sociologia.

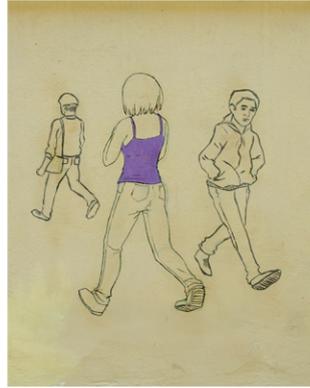
Ao entregarmos à comunidade essa publicação que junto às obras realizadas são a culminância do Projeto Grafite Tolerância, sentimo-nos felizes. Já é possível perceber uma curiosidade alegre nas pessoas que visitam o prédio para apreciar os trabalhos. Professores com suas classes do Ensino Básico, grupos da graduação e da pós-graduação que debatem sobre as obras, pessoas que vão fotografar e fazer selfies naquelas que mais gostam.

Oxalá continue assim por bastante tempo para que esse conjunto artístico cultural possa cumprir todo o potencial educativo das suas composições, cores e formas.

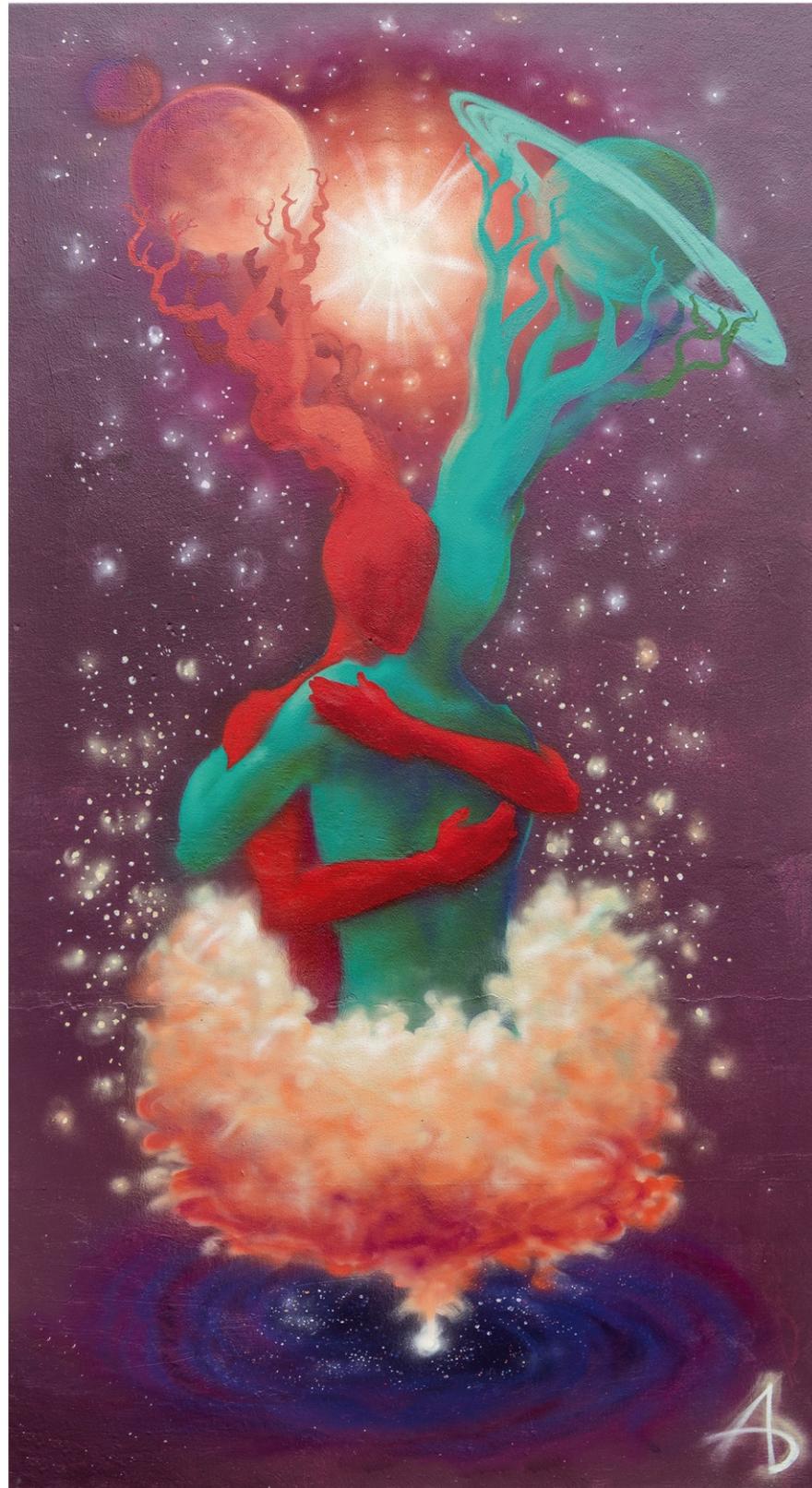


CATÁLOGO DE OBRAS

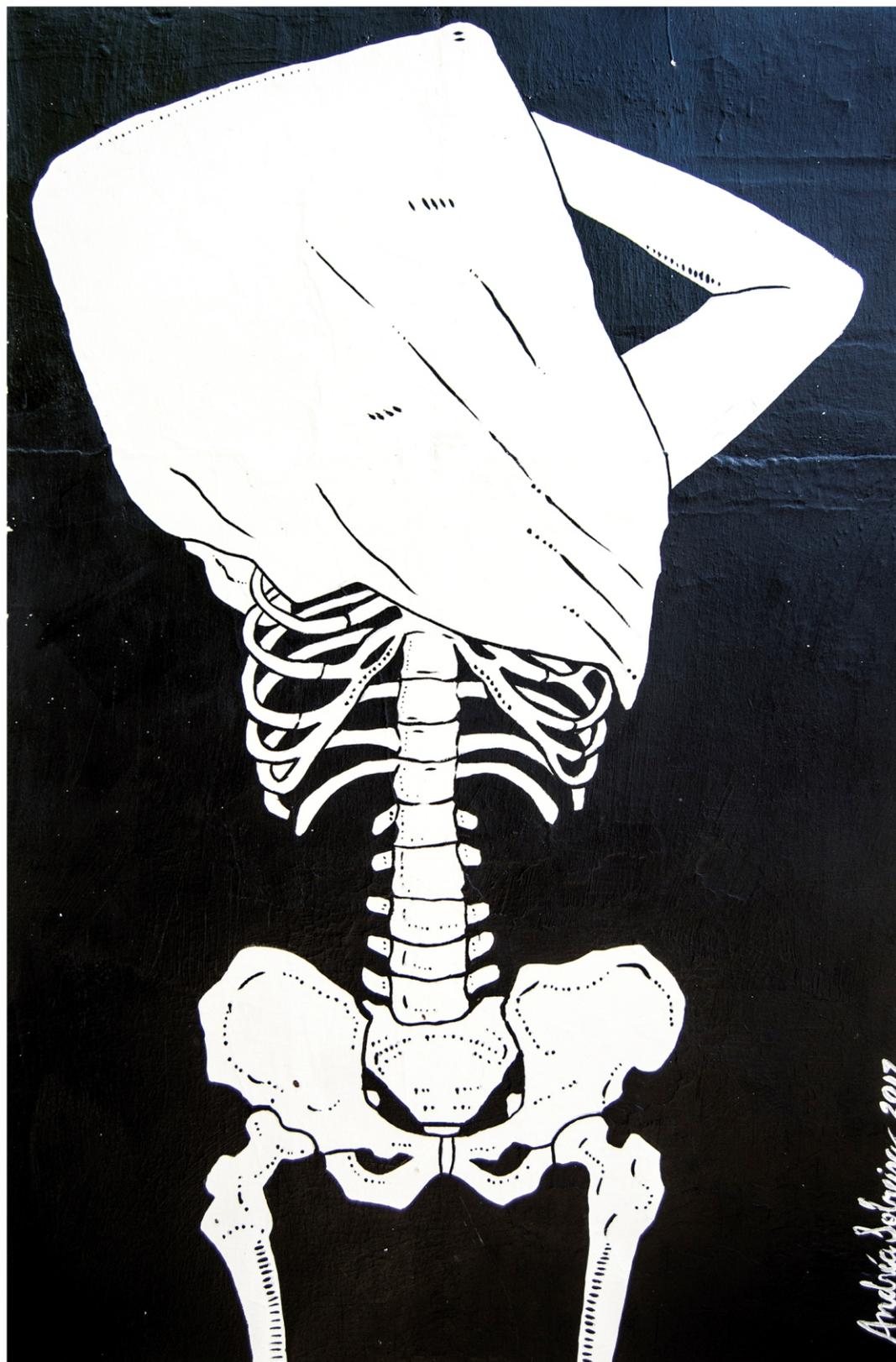








Andrea Sobreira



Dimensões: 3,2 x 2 m. | Acrílica



Artur



Dimensões: 2,3 x 1,7 m. | Spray

Artur



Dimensões: 2,3 x 1,7 m. | Spray

Artur



Dimensões: 2,3 x 1,7 m. | Spray







Dimensões: 1,3 x 1,3 m. | Acrílica e spray



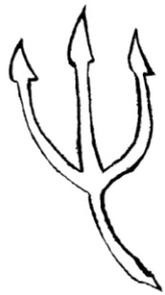
Dimensões: 2,8 x 1,3 m. | Acrílica e spray







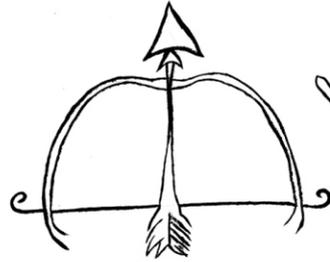




LAROYÊ



PATACORI
OGUNHÊ



OKÊ ARÔ
AROLÊ



EWÊ
ASSÁ



ATÔTÔ



ARROBÔBÔI



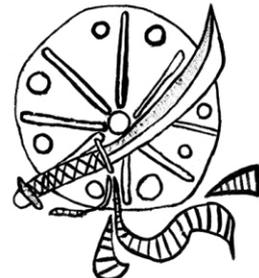
KAÔ
KABIÊCILÊ



EPARREY



ORE
YÊ YÊÔ



OBA
XIRÊ



SALUBA



ODÔ
IYÁ



Ê PA
BABÁ

dan
FOMUTINHO
DE
OXAGUIAN
@UNKNOWNMORTAL

GABRIELA
LEMONS
@-pretx-



















Atotoó'



Gabriela
Lemos r
@-pnetx-

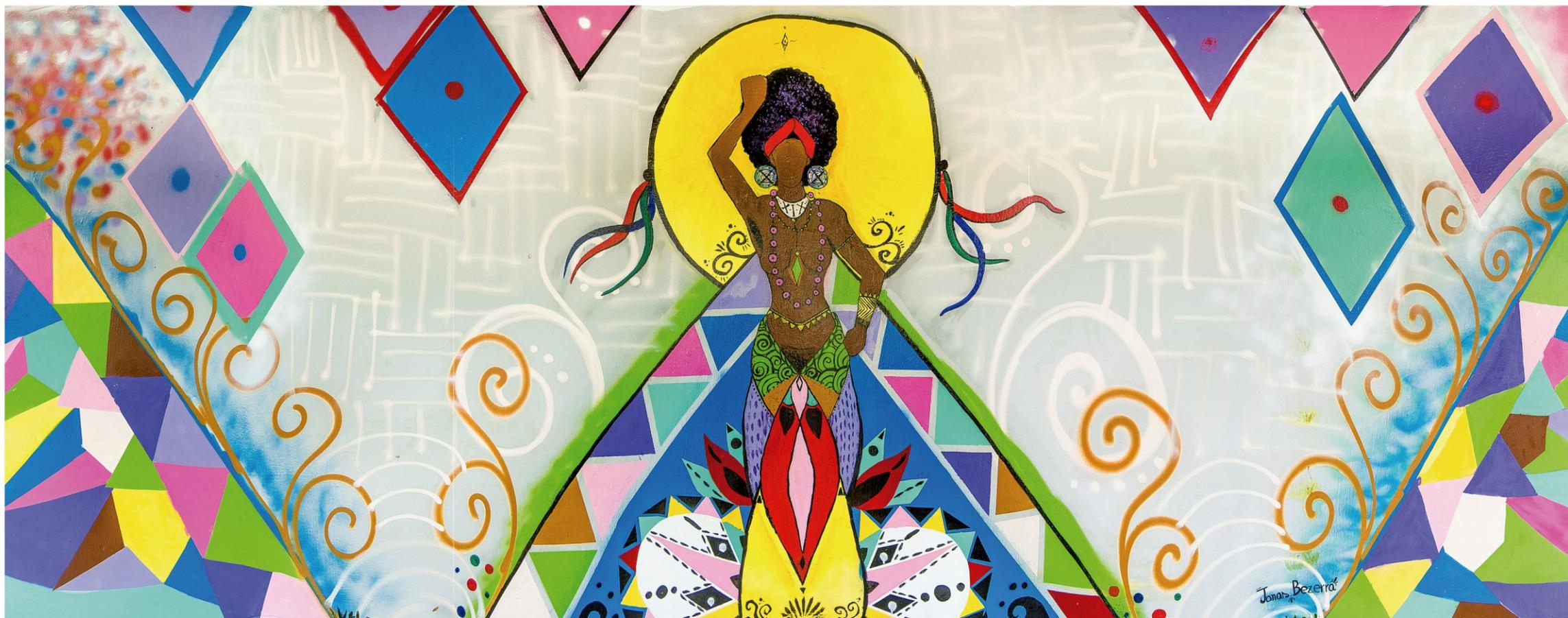




GERALDO JUNIOR G
'14







Kaio



Lana



Lana



@_Eu.Lana

Dimensões: 2, x 3, m. | Acrílica e spray





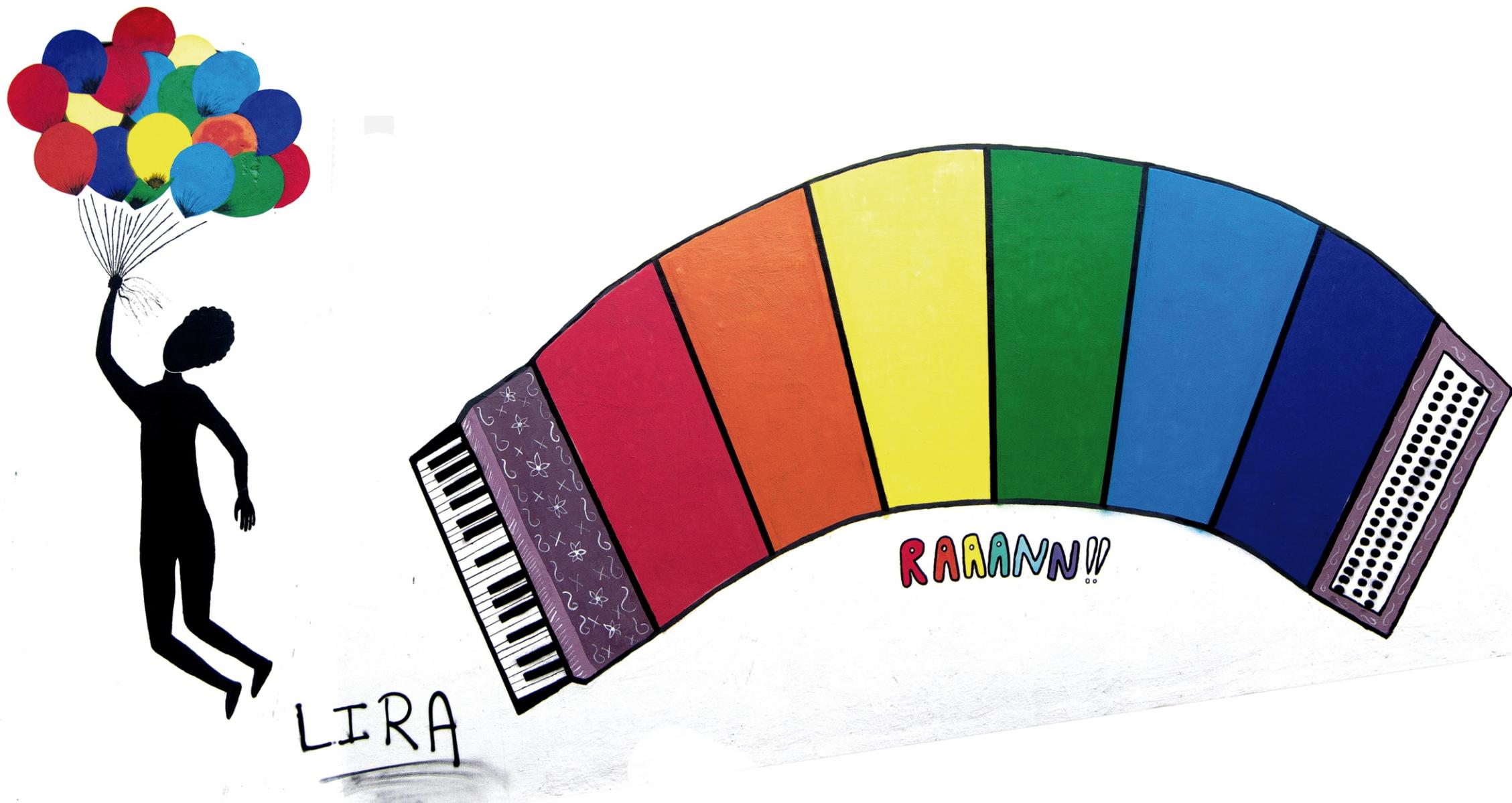
@_mendes_junior / @leoni_desajevedo





OKÈ
ARÒ

LIRA





Mayanne Torres



Mayanna
Torres
Insta @mayannayasmine

Mayanne Torres



Dimensões: 1,2 x 1,5 m. | Acrílica





Romeu Sátiro

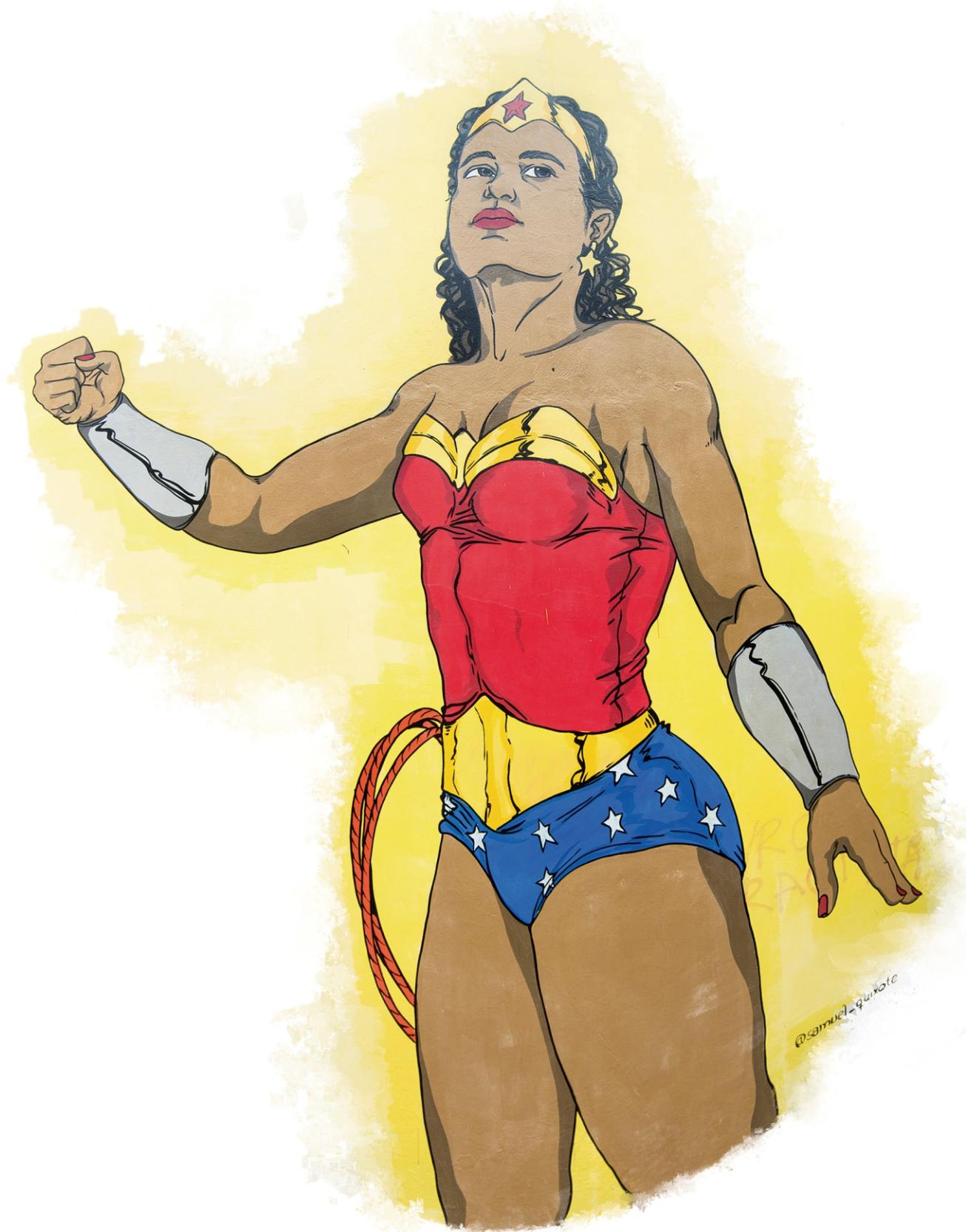


Dimensões: 3, x 2,5 m. | Spray

Romildo

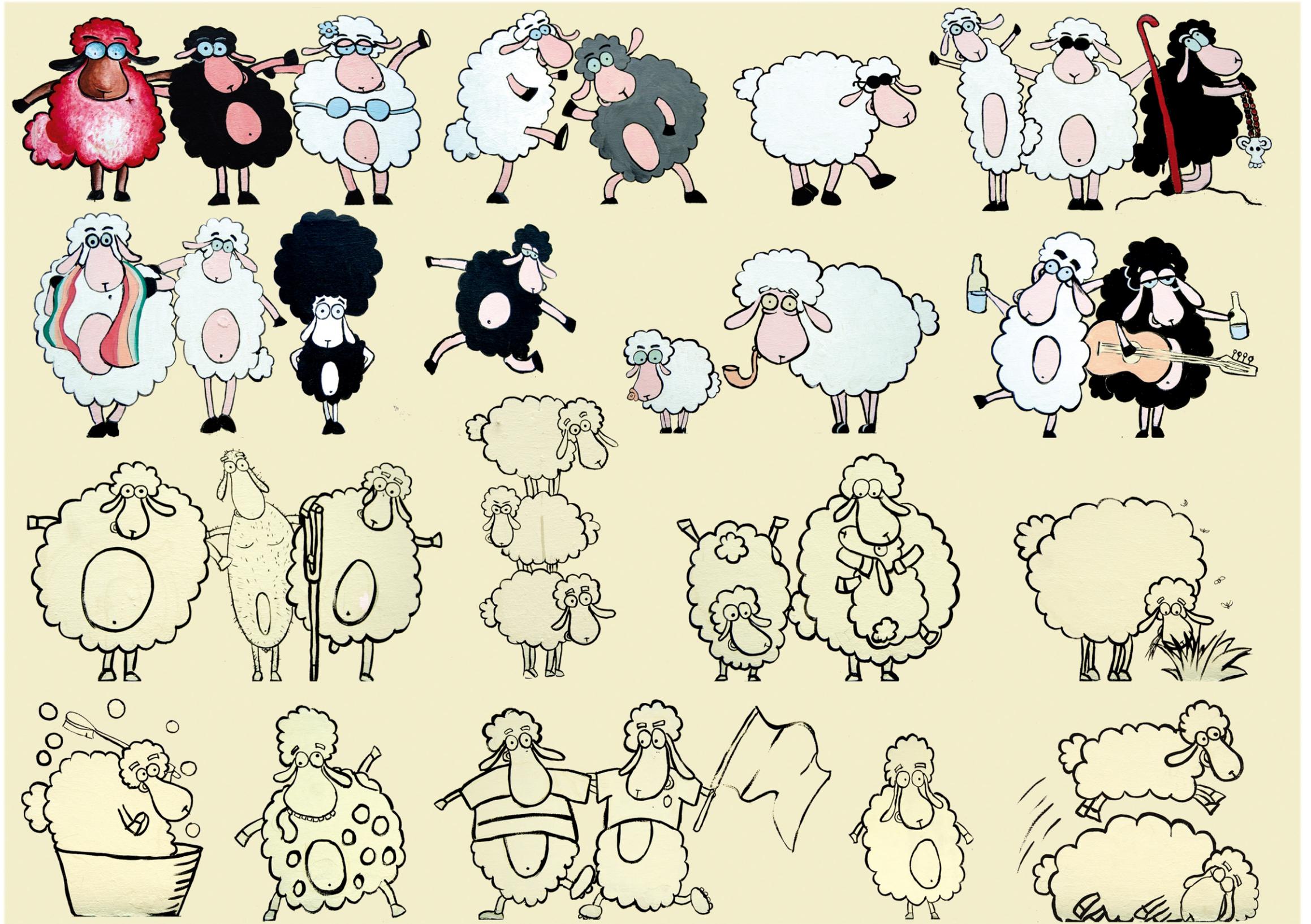


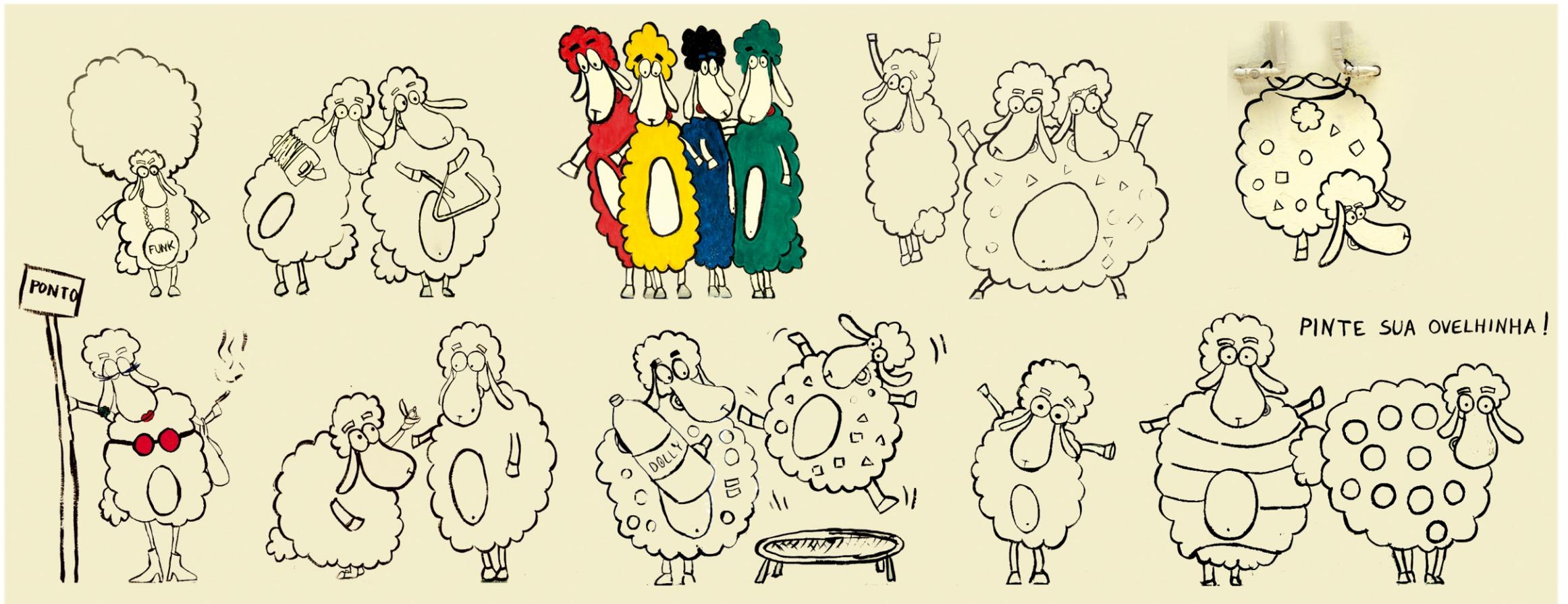
Dimensões: 2,8 x 3,5 m. | Acrílica







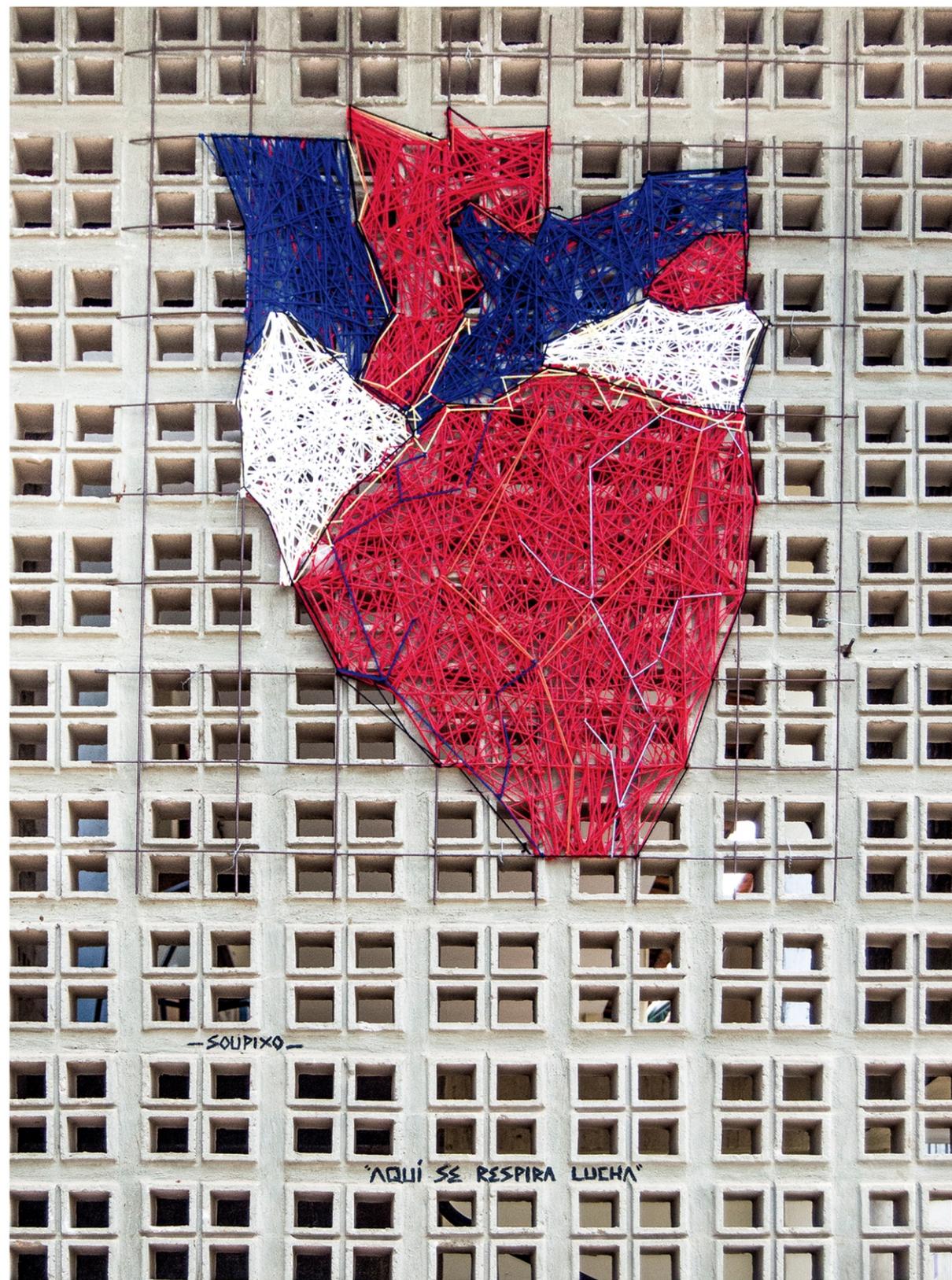






















Obra anônima



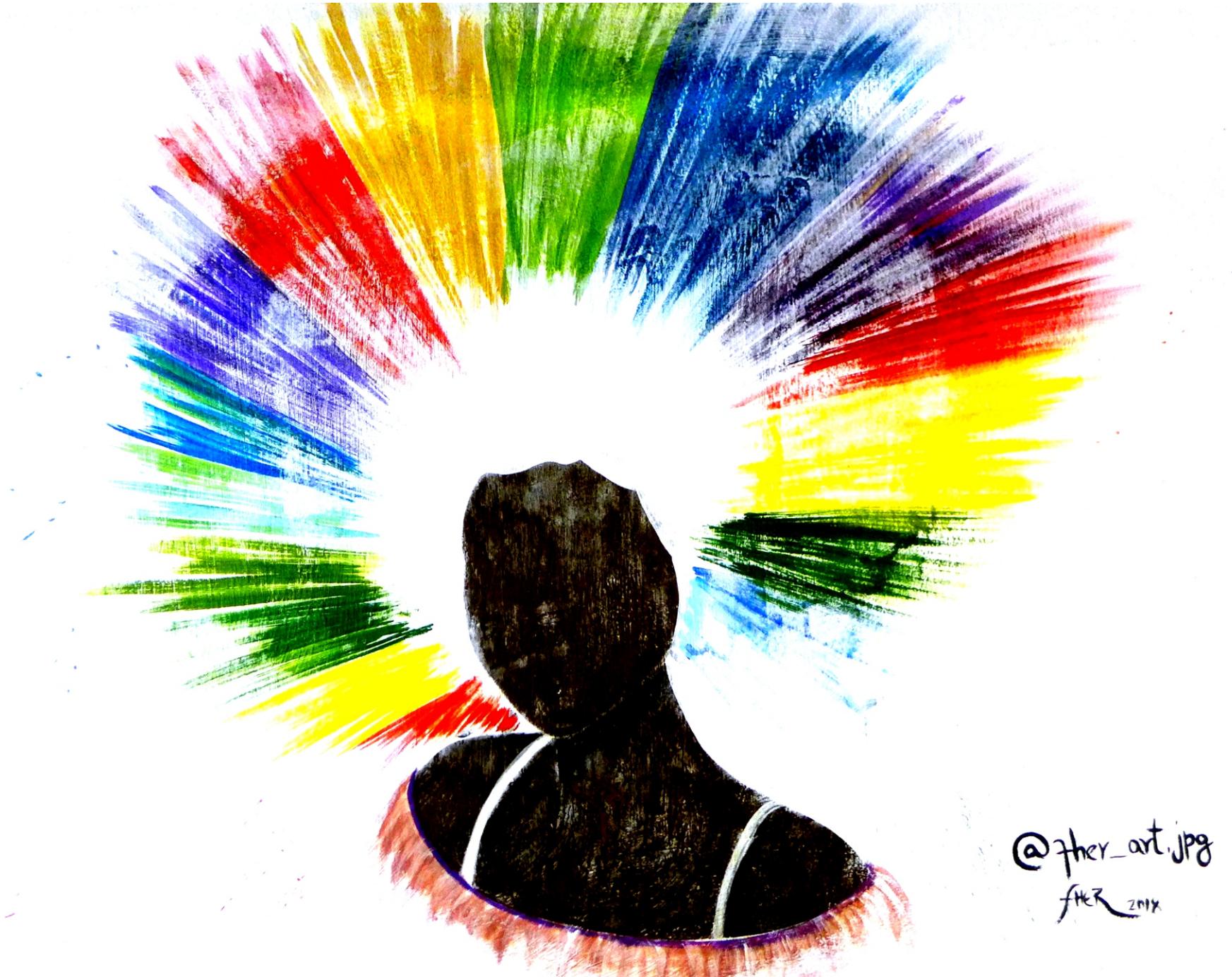
Dimensões: 2,2 x 0,8 m. | Acrílica e spray



CATÁLOGO DE OBRAS
2ª Edição - Um olhar feminino























The background is a complex, abstract composition. It features a watercolor-like texture with soft, blended colors of pink, purple, and blue. Overlaid on this are several thick, vibrant, and flowing lines in shades of red, orange, yellow, green, and blue. These lines are outlined in black and curve and swirl across the lower half of the image, creating a sense of movement and energy. The overall effect is a rich, multi-layered visual field.

RELATOS DOS ARTISTAS

Akira¹, Bruno² e Coletivo Estação 9³

Akira:

O Coletivo Estação 9 começou na URCA há dois anos com estudantes e eles me convidaram para participar. Eu, como orientador deles, fui fazendo a proposta de ao invés de histórias soltas, fazer uma revista. A gente já está no número três da Revista Linha Alternativa. A gente também participa de eventos. A gente já foi pra Fortaleza três vezes esse ano. Foi para Recife, Olinda. Fez a primeira Feira de Quadrinhos Cariri no Cariri Shopping além do lançamento e oficina de quadrinhos no SESC. São essas duas partes fortes do Coletivo, quadrinho e ilustração.

A proposta aqui é uma história em quadrinhos. Dentro do mote tolerância, a gente resolveu colocar esses dois andando e no fundo várias pessoas diferentes. A ideia também tem um efeito de movimento. Como é um espaço muito grande, de trinta metros e vários quadros, cada quadro simula como se eles estivessem andando e vivendo entre várias pessoas diferentes, que é o que a gente passa, muitas pessoas de tribos urbanas, de estilos diferentes, até eles se encontrarem.

Em meio a tantas ilustrações, pinturas e grafites diversos, a gente quis tratar uma proposta diferente, ao invés de ser só uma imagem estática que passa todo o significado ou a mensagem, a gente resolveu dividir para uma narrativa visual.

Cada quadro é feito por um integrante. Então, os traços mudam. O estilo do desenho muda. As personagens vão ser as mesmas. A menina e o menino, os principais, só que o estilo do desenho muda. Isso também entra no mote diversidade. Aqui é um coletivo trabalhando e cada um vai ter um estilo diferente. Então, essa é a brincadeira, várias pessoas figurantes e personagens que são diferentes.

Um dos motes principais é esse: que se flua na vida. Você anda em meio a tanta gente diferente e simplesmente não julga, não é agressivo nem nada assim.

Bruno:

A gente assina sempre como Coletivo Estação 9. Nós somos onze pessoas que compõem o Coletivo atualmente, e como a gente trabalha com a Revista Linha Alternativa, são várias histórias. Então, cada integrante cria seu próprio trabalho ou às vezes faz dupla, mas sempre com essa coletividade. Esse trabalho aqui, como exemplo, é em conjunto. São trinta quadros. A ideia é fazer duas pessoas se encontrando. Então como o número de quadros é grande a gente faz como se fosse uma animação, frame a frame. A ideia central é a galera que está passando aqui, olhando para o lado ver que tem outras pessoas caminhando também. Há tolerância com a diversidade de pessoas ao fundo.



¹ Ricardo Akira Sanoki, artista visual, doutor em Artes, professor do Curso de Artes Visuais da URCA. Instagram: @coletivoestacao9

² Paulo Bruno de Souza e Silva estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: Paulo_bruno / e-mail: paulobrunocontato@gmail.com

³ O Coletivo Estação 9 é integrado por: Andrea Sobreira de Oliveira, Jeter Megaron Monteiro, Jheine Alves de Moura, João Eudes Ribeiro Machado Filho, Paulo Bruno de Souza e Silva, Raquel de Santana Santos, Ricardo Akira Sanoki, Sara Vasconcelos Cruz e Victor Vladimir de Melo Santos. Facebook: <https://www.facebook.com/coletivoestacao9/> / E-mail: coletivoestacao9@gmail.com



Álison Flor⁴

Meu trabalho tinha um desenvolvimento com relação a esse tipo de temática. Eu trago algumas referências dos ícones bizantinos, das primeiras imagens que a Igreja Católica começou a desenvolver e que acabaram se tornando referências de imagens de pessoas da época e da Igreja até hoje. Eu faço uma releitura tratando dessas figuras, só que com a pele negra e pessoas com as vestimentas características da região. Eu faço essa troca. Muitos santos da Igreja Católica que eram negros foram representados como brancos. Santo Agostinho, São Nicolau, Jesus e Maria que eram de locais onde a cor predominante era negra. Eles foram representados como brancos pelos europeus subvertendo a imagem. Eu acabo subvertendo a subversão, fazendo o trabalho que se chama “Sancta família.”

Essa pintura é primorosa com relação ao traço. Um tamanho grande para parede. Para você transpor de uma folha de trinta centímetros para uma parede de dois metros e oitenta é muito complicado. Eu tive que me apossar da técnica do quadriculado. Pega-se a imagem, quadricula-se, fragmenta-se como se fosse um quebra-cabeça e cada quadradinho, digamos, de dois centímetros quadrados, equivale a um quadrado que eu vou fazer na parede. Então, cada trechinho vai corresponder ao desenho na parede para não haver distorção na proporção. Porque meu trabalho requeria que fossem exatamente as proporções que eu fiz no rascunho digital.

Tem alguns elementos que fogem e um círculo, ao mesmo tempo em que limita, demonstra a diferença entre o espaço físico e o espaço transcendental. Se você perceber no trabalho existem alguns elementos que transpassam esse círculo. São exatamente esses elementos que tem ligação com o divino. Tem a frase “ora et labora,” que é oração e trabalho, nessa fita transcende. A auréola da cabeça dos personagens transcende a ideia de personagens santificados.

O vermelho na frase “ora et labora”, muito forte na tradição cristã, tem um sentido muito mais profundo aqui na região do Cariri. Aqui a tradição da religiosidade popular é muito ligada ao sacrifício como modelo santificador, que purifica e há o sentido de sacrificar como derramar sangue. Pessoas morreram aqui muitas vezes por conta do trabalho, principalmente na época de seca. O “ora”, a oração, é uma coisa que está para além da morte.



⁴ Alisson Pereira Flor é licenciado em Artes Visuais na URCA. Instagram: Alisson_flor / WhatsApp: (88) 992477033

Amilton Duarte⁵

O tema tolerância é bem abrangente e muito provocativo. É algo que não é fácil no sentido de que é preciso fazer uma leitura de si próprio e do mundo pra chegar a um entendimento. Primeiro eu fui pesquisar e tentar entender o que era tolerância. Vi alguns textos de filósofos brasileiros. Também vi mídias digitais, documentários e fui me alimentando da maneira mais conceitual possível. Isso me deu uma base firme pra eu continuar. Na etapa seguinte, fui atrás de começar a pensar a minha parte mais individual. Estabeleci umas palavras chaves como respeito, diversidade, tolerância e intolerância, para compor o panorama do que estava acontecendo. O que é que o humano entende de humanidade? O que é esse conceito de tolerância num mundo intolerante? Que sujeito de ação eu poderia representar nessa obra? Qual a ação que esse sujeito iria fazer? O que esses dois aspectos anteriores, o sujeito e a ação que ele ia fazer, estariam representando dentro do que eu já tinha visto no começo em relação aos conceitos de tolerância? Aí me veio a figura do abraço que é a forma de um afeto muito forte e tem muita simbologia! Se seu abraço é mal dado ele não é verdadeiro. Se for aquele abraço apertado, você sente a energia, uma troca de experiências mesmo. Dessa figura do abraço de duas pessoas eu compus o cenário com todo o meu repertório estético em relação a representações astronômicas.

O spray tem algumas complicações! As coisas ruins estão garantidas! Você tem certeza de que alguma coisa não vai dar certo. Assim você vai fazer com que as coisas boas aconteçam. Na aplicação às vezes você mira naquela direção, o vento passa e o spray vai pra outro lugar e às vezes sai aquela quantidade que você não quer.

A questão da essência do grafite é estar sempre ali aos olhos do público. Por mais que aqui tenha sido dentro da instituição, um espaço que é fechado mas tinha essa vinculação de pessoas! Então, essa vivência com o espectador na hora de fazer o processo pra ambos é muito rica. O artista que está fazendo, escutar as pessoas observando já é uma contribuição à leitura do trabalho e já influencia no processo! Eu ouvi muito elogio. O elogio em si é uma fala importante porque me incentiva a continuar. Mas eu prefiro a crítica que me inquieta. Porque ela me desconcerta.

Você está lá diante do trabalho três, quatro horas e tem coisas que você não está vendo e alguém que passa ali só uma vez vê. Realmente! Então eu prefiro esses que me inquietam.

O artista que faz uma pintura no espaço aberto com movimento de público, tem que ter a consciência de que o trabalho está no espaço apropriado na questão de ter autorização, mas ele é vulnerável à ação humana e da natureza. São coisas que podem acontecer: a interferência de outro grafite, de uma pichação, ou uma chuva ácida. Isso também faz parte do processo de desenvolvimento da obra, porque a obra por mais que você finalize, passe o verniz e vá embora, ela continua sendo a obra até ela não existir mais. “Não existir mais” entre aspas, por que já foi memorizada pelas pessoas, está no consciente imagético delas. Então tem que ter essa consciência de que seu trabalho pode ser efêmero, pode durar muito tempo ou não. Se, por exemplo, no meu grafite tiver tipo assim um “fora Temer”, eu vou achar ótimo! Isso dá a interpretação de que a pessoa quer que o Temer saia da Terra. Também seria ótimo. Eu tendo essa consciência que a minha obra está ali vulnerável, isso me dá conforto, eu não fico com medo! Se acontecesse alguma coisa ficaria completa.



⁵ Amilton Duarte estuda Artes Visuais na URCA. WhatsApp: (88) 988160097. Site/portfólio: <https://amiltonmagnum.wixsite.com/amiltonduarte>

Andrea Sobreira⁶

Quando eu foquei na palavra tolerância me vieram outras palavras que remetem à questão essencial como seres humanos: a gente tem que se respeitar independente de qualquer coisa, de cor, de raça, de etnia, de opção ou orientação sexual ou de qualquer escolha. Tem que haver respeito. Daí essa imagem é bem clara, pelo menos pra mim é. Qual é a questão de que afinal? Somos iguais, a gente tem cor, a gente tem osso, a gente tem coração. A gente tem funções. A gente é um organismo vivo, orgânico. E isso deveria fazer com que a gente pensasse da maneira de respeitar igual uns aos outros, sabe? De existir essa cumplicidade de você respeitar o outro e não rolar o que rola muito hoje em dia, que é a questão de querer agredir. No final, no final, a gente é tudo igual. A gente vira tudo pó e vai pra terra, e acaba que é o mesmo fim pra todo mundo. E a sociedade vai colocando em caixinhas. Se você tem grana, você vai pra um lugar. Se você é preto você vai pra outro. Se você é branco, se você é gay, se você é hetero e vai rotulando tudo, e é isso que divide uma pessoa da outra. E isso não deveria acontecer, né?

Eu gostei de fazer esse trabalho. A galera passa, fala uma coisa ou outra... Falam: isso é arte? Aí eu fico pensando, o que não seria arte?

Eu já fui a eventos em que se fala na questão do que seria grafite e o que é picho. É uma abordagem bem ampla, sabe? Porque tem artista que usa a identidade visual do picho pra produzir seu trabalho em pintura. A identidade visual do picho tem característica daqueles tipos de grafia, tem um formato, tem uma identidade, sabe? Normalmente você vê em ônibus, em banheiros, nas ruas.

Alguns grafiteiros concordam totalmente com o fato de que grafite seria qualquer tipo de trabalho no muro, entende? Feito pra pessoas que estão circulando verem, independente de usar pincel, spray ou não.

Eu acho importante ter trazido esse movimento aqui para a universidade porque além da discussão da fala, a discussão visual é importante. A imagem chama a pessoa, ela é muito atrativa e funciona em mensagem mais direta, sabe? E se você souber ler ou não, você vai ver alguma coisa olhando-a. O que acho mais interessante em arte é ela acender alguma coisa em você. Eu gosto daquela arte que cutuca de alguma maneira, que pega alguma coisa em você, que te incomoda, te gera perguntas, questões, não só aquele trabalho de contemplação. Eu prefiro esse tipo de trabalho que de alguma maneira gere alguma coisa.



⁶ Andrea Sobreira de Oliveira, licenciada em Artes Visuais, professora do Curso de Artes Visuais da URCA. Instagram: @andreasobolive / e-mail: andreasobolive@gmail.com



Apiano⁷

A minha ideia foi fazer pessoas passando sobre um jardim de ideias, onde elas são representadas por símbolos. Assim, você tem todos os “ismos” possíveis. Você tem feminismo, nazismo, budismo, cristianismo e assim por diante. E todas são ideias presas ao chão. Quem está livre para passear são as pessoas visitando o jardim que ela quer ver nesse lugar. A ideia é que justamente a pessoa alcance a tolerância, o respeito, a iluminação, assim que ela conheça o jardim todo. Ela não precisa comer todos os frutos, mas ela basicamente tem que visitar para tentar entender o pensamento dos outros. Assim tem os estereótipos.

A pessoa que é intolerante tem um machado na mão e quer tolher as ideias. Mesmo as ideias não indo contra as dela, ela vai tentar corta-las porque ela não concorda. E ela tem tanto sangue nas mãos quanto as ideias que são sanguinárias.

Elas estão nuas basicamente porque tem muita gente que vê o nu como uma coisa feia. Toda ideia obviamente vai ter uma parte que é feia. E a pessoa que associa o nu ao feio também não vai querer ver o feio das ideias, não vai querer ver a parte feia daquilo que ela está vendo. Já a pessoa que vê o nudismo como uma coisa natural, também vai ver a parte ruim da ideia de maneira natural. Vai aceitar aquilo mais facilmente.

Toda ideia tem um lado feio, tem sempre um viés, não tem nada perfeito.



⁷ Apiano Ferreira de Moraes Neto, físico, doutor em Física, professor do Curso de Física da URCA e do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física da Sociedade Brasileira de Física.
E-mail: apiano.morais@urca.br



Artur⁸

Eu fiquei sabendo do movimento por um colega meu de sala e depois de estar entrando aqui e vendo todo mundo pintar, eu pensei: a gente faz curso de artes e não tem uma oportunidade dessas como foi dada aqui. Então, eu e meus colegas do Centro de Artes começamos a aproveitar essa oportunidade de divulgar nosso trabalho na parede e mostrar uma produção sobre temas.

A técnica do trabalho foi nova pra mim. Eu nunca tinha feito nada com grafite, nunca tinha pegado em spray. No começo usei acrílica, aí eu vi que não estava pegando muito bem na parede lisa, aí eu fui com spray mesmo e deu certo. Foi muito bom para mim que estou começando a me arriscar num trabalho grande, ver de que é que eu sou capaz, deixar esse auto boicote que eu sempre faço, por ter essa característica de artista introspectivo.

Eu procurei na internet uma foto de modelo que me passasse alguma sensação no tema tolerância. Aí eu achei essas imagens, as quais me pareciam ter vergonha do corpo e vergonha da nudez. E me remeteram muito ao que a mulher sofre e sempre sofreu com repressão ao “pecado”. Ela é responsabilizada e tudo o mais porque teria seduzido Adão. Então, eu quis mostrar esse drama do corpo da mulher como um peso que é colocado sobre a mulher.

Algumas pessoas não veem um corpo nu somente como um corpo nu. Veem o corpo como algo sexual. Lógico que é, mas para as pessoas que não são muito ligadas à arte. O corpo demonstra, o corpo fala. Então, depende de sua intenção o que é a imagem. Por exemplo, a minha imagem não tem nada de sexual. Ela passa mais um sentimento do que algo sexual. Ela é extremamente sensível, fala mais do que seduz.

A tolerância vai de cada um. Porque passar tolerância numa imagem tem um peso, mas, se aquilo não entra na consciência de alguém que tem a pretensão de ser bom para com o outro, não adianta de nada. Você tem que estar com a pretensão de mudar a si mesmo, de melhorar a si mesmo. A imagem vai dar só o caminho para você absorver a informação. Evoluir como ser humano depende de você.



⁸ Artur de Sousa Ferreira Alves estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @artursfa / WhatsApp: (88) 988220617 / e-mail: arthurard.2009@hotmail.com



Bethovem⁹

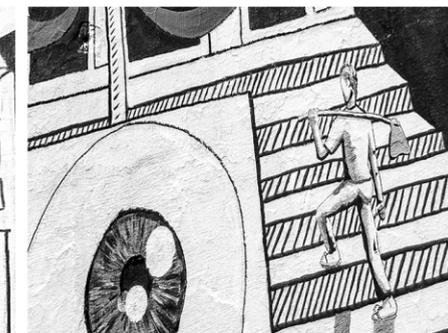
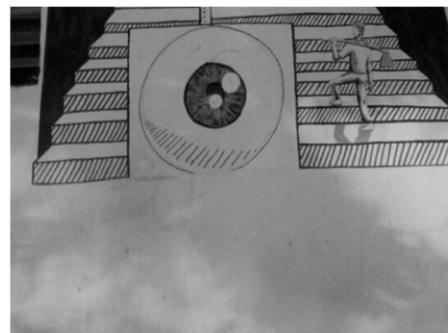
Eu sou desenhista, não sou pintor. Então eu uso mesmo preto com branco, não gosto muito de usar cor. Botei alguns elementos coloridos que eram as fitas na cruz e o sol. Eu gosto de colocar aquele sol em todo desenho meu. É um sol nipônico. Lembra a bandeira antiga do Japão, mas não tem nada a ver com o Japão não. Eu fiz o trabalhador preto e branco porque eu queria que tivesse uma ideia de xilogravura para dar um estilo bem rústico. Eu tenho a mania de fazer olho. É essa brincadeira de você olhar para o desenho e o desenho olhar para você, essa coisa interativa. Sempre faço da mesma maneira. Faço o esboço do olho, desenho e pinto a íris preta e o resto do olho eu vou preenchendo com o resto de tinta. Sobrou tinta azul da fita, eu tacho lá. Sobrou tinta amarela... Que é para não desperdiçar tinta. Aí fica um colorido legal no fim das contas.

Eu pensei em fazer esse desenho porque acho pertinente a universidade ter informação desse tipo.

Analisando os desenhos, o meu foi o que teve mais uma identificação regional. Eu fiquei feliz porque é uma coisa que eu tenho me dedicado muito a ler. Acabei de ler “Fanáticos e Cangaceiros” do Abelardo Montenegro. Achei tão bacana como ele conta a história do Antônio Conselheiro e aquela aula de campo que você (Sávio) levou a gente para o Caldeirão. Eu tenho aquela foto na cruz. Adoro aquela foto! Aquele foi um momento muito bacana que me abriu para eu olhar para a região.

Foi bom fazer essa pintura porque me remeteu ao que estou lendo e pensando. A intolerância religiosa e também a intolerância com o regime diferente do Sítio Caldeirão. No teu livro¹⁰ tu deixas bem explícito que a morte do Padre Cícero abriu espaço para a destruição do Caldeirão. Acho que tem essa conexão da tolerância pela intolerância.

A melhor coisa disso tudo foi porque eu voltei para a universidade, sabe! Achei muito bom. Passei três dias aqui na universidade. Pinte no escuro no fim da noite.



⁹ Bethovem Simplicio Duarte é licenciado em Ciências Sociais pela URCA. Instagram: duartebin / WhatsApp: (88) 999284935

¹⁰ CORDEIRO, Domingos Sávio. *Um beato líder; narrativas memoráveis do Caldeirão*. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias; Goiânia: Kelps, 2013.



CH¹¹

Esse trabalho se caracteriza pela subjetividade pessoal simultânea à vida de diversas pessoas LGBT dentro das igrejas cristãs evangélicas e católicas.

A imagem é composta por jogo de formas, cores e uma intravável luta entre um gay cristão e um pseudomoralista nazi/fascista.

Há o estabelecimento de uma interligação entre ficção na releitura da figura do Naruto Shippuden como base para a construção da imagem e a evocação da memória de homossexuais mortos nos campos de concentração nazista na 2ª Guerra Mundial. O combate ocorre em pleno espaço-tempo de constante movimento.

A produção não se refere, portanto, somente a minha vida, mas a realidade de muitos gays em sociedades extremamente cristãs, nas quais há o predomínio de falso moralismo. O trabalho realizado procura distinguir a fé genuína da moral exacerbada que não vem de Cristo. Muitos se dizem cristãos, mas são nazistas disfarçados.

Enfim, trata-se também de uma homenagem aos homossexuais excluídos que lutam diariamente e aos que são mortos.



¹¹ Carlos Henrique de David Geraldo estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: Henrique.art777 / e-mail: carloshenrique.777ch@gmail.com

Charles Lessa¹²



O meu trabalho com o desenho é principalmente trampo. Então, desde que eu me entendo por gente esse foi meu processo de me colocar no mundo. Sempre fui uma criança meio travada nesse sentido das relações sociais, de me comunicar com as pessoas e o que me levava a ter contato era o meu desenho. Porque eu não era uma pessoa dita interessante para se conversar, sabe? Minha adolescência inteira também foi super travada e a única coisa que me fazia ter esse contato com as pessoas era o desenho. Hoje não. É diferente porque a arte me libertou. Fez com que eu tenha a ousadia e a coragem de ser quem eu sou, me vestir da forma como eu me visto.

Desde criança eu tive interesse pelo grafite. Por eu não ter acesso, não conhecer as pessoas que trabalhavam com isso, esse processo foi ficando muito tardio e meio tímido. Eu comecei pintando meu quarto. Era onde eu me sentia mais confortável. Eu tinha muito problema em desenhar com alguém olhando. Na rua, o grafite onde quer que aconteça, isso não pode ser um problema porque vai ter gente transitando e não tem como você deslocar as pessoas do seu local. Aí eu fui começando a pintar em alguns bares. Depois fui pintando na casa de amigos e foi ficando maior. Veio o festival concreto que foi o boom também para o Charles artista se afirmar. No momento exato que eu estava preenchendo o formulário de hospedagem no hotel e tinha o campo profissão, eu botei artista. Eu disse: "agora eu sou artista!" Agora eu sei que é isso porque é o que paga minhas contas e há mais de um ano eu estou trampando assim profissionalmente com a arte. Então, tem esse lugar de assumir isso como minha profissão poética e que me deixa muito feliz.

Meu trabalho é forte! Eu vou assumir que o trabalho é bonito e é fofo, só que eu vou dar o recado. Entendeu? A minha intenção é que seja bonito, mas que tenha uma mensagem por traz. Eu não vou revelar a mensagem na função educativa do trabalho, porque é quase como um mágico revelar um truque.

Como eu sou gay, eu estou nessa discussão da ideologia de gênero e eu sei que o Estado inteiro vem coibindo essa iniciativa. Eu estou me formando em licenciatura, estou me preparando pra ser arte educador. É minha responsabilidade falar sobre a educação das crianças, falar sobre gênero nas escolas e esse trabalho também é sobre isso, sabe? Uma menina dando um dedo rompe com o ideal de menina frágil e que o feminino está atrelado somente às mulheres. Nós homens também temos essa característica e nós somos coibidos. Eu não acredito que exista masculino e feminino! Eu pretendo também trabalhar com essas imagens de estereótipos. Eu me considero com aspectos femininos e defendo que todas as pessoas tenham o direito de viver da forma como acham que devem viver, entende? Então, eu não concordo de ver, por exemplo, crianças sendo coibidas.

Eu trabalho também com imagens lúdicas. Por isso meu trabalho vem muito para o lado da fantasia. Ele é para um público em geral e é para um público específico, que é a infância. É muito mais difícil mudar a cabeça de uma pessoa mais madura porque o conservadorismo está enraizado nela. Acho que eu tenho total liberdade com minha arte para conversar com elas, para falar sobre opressão, para falar que os meninos podem, sim, ser afeminados, que as meninas podem ser masculinas.



¹² Francisco Charles Araújo Lessa Filho estuda Artes Visuais na URCA. WhatsApp: (88) 992525319

Daniela Gomes¹³ e Lab Que Move o Sol e Outras Estrelas¹⁴



Daniela:

Esse trabalho é a apropriação de dois poemas do Paulo Leminski, ampliados e trazidos para o muro no formato grafite. Então, assim sai da página do livro e vem para os muros. O Paulo Leminski tem até um poema que diz o seguinte:

“Palpite
O Grafite é o limite!”

Então, desde a poesia concreta a ideia é que a poesia saia do formato original de poemas, com verso, com rimas, com letra corpo doze, e seja uma poesia com visualidade. Quando ela se transforma numa poesia com visualidade, tem uma espécie de casamento com as artes visuais.

É bem trabalhoso, difícil e fisicamente cansativo, mas eu estou feliz com a possibilidade da gente fazer esses trabalhos aqui na URCA. Eu trabalho como docente, mas eu sou artista também. Então meu lance é produção.

Inicialmente eu fiquei meio assustada porque a gente fez uma exposição aqui na galeria Célia Bacurau que não durou três dias, destruíram a exposição. Roubaram coisas, foram arrancando os plotters, não sobrou nada. Simplesmente destruíram.

Alunos fizeram isso por causa da frase “Deus não existe”, uma religiosidade exacerbada. Começaram a destruir o restante dos trabalhos. Uma exposição que estava belíssima, nova pra esse espaço porque nunca tinha sido feito nada assim aqui.. Mas eu estou feliz com essa parede nova. A gente escolheu outras frases também. Apesar de que se a pessoa conseguir ler os signos ela vai ver que as coisas estão sendo ditas também.

Sol-te. Sol que há em cada um, em você, no Cleiton e em todas as pessoas. Sol-te, ao mesmo tempo solte, libere, solte as energias. Eu acho muito bonito. Sintético, muito bonito.

O outro é um poema construído de duas partes. A gente se apropriou só da segunda parte que é assim SE TRANS-FOR-MAR em quatro linhas. Se Trans-For-mar.

Sobre o grafite tolerância, eu acho que não precisaria nem existir esse tema “Tolerância”, sobre o grafite. Por exemplo, nas ruas em São Paulo tem um código de ética dos grafiteiros. Ninguém grafita sobre outro grafite, ninguém! É um código entre eles, tem um grafite ali você não vai grafitar em cima. Entendeu?

Então, assim, é uma espécie de tolerância o respeito com o trabalho do próximo no espaço público.

Eu acho que o tema tolerância é importantíssimo nos dias de hoje, diante de coisas absurdas que têm acontecido. Mas, na verdade, não precisaria nem propor esse tema tolerância para apropriação de um espaço estudantil público. Mas diante das circunstâncias é necessário, né?



¹³ Daniela Gomes de Oliveira, artista visual, doutora em Artes, Professora do Curso de Artes Visuais da URCA. Facebook: <https://www.facebook.com/daniele.gomesdeoliveira/> / e-mail: daniele.oliveira@urca.br
WhatsApp: (88) 999565868

¹⁴ Lab Que Move o Sol e as Outras Estrelas – Laboratório de Poéticas da Visualidade, de Poesia e da Palavra Performada é integrado por: Cleiton Araújo, Daniele Gomes de Oliveira, Edilson Militão, Isaías Almeida e Williana Silva.



Darlan Andrade¹⁵

Não costumo desenhar, minha arte está nas imagens capturadas através de algum aparelho fotográfico ou nas palavras. O que me motivou a insistir no projeto foi a minha fé e a luta para defendê-la. Acredito que, por vivermos em um país laico, devemos abraçar todas as crenças inclusive a ausência delas. Porém, a realidade é bem distante dessa teoria. Acredito que alguns locais deveriam ser livres do contato com a religião, mas se temos crucifixos dentro das salas da reitoria por que não podemos ter por exemplo o abebé de Oxum, ou algum símbolo de outra religião? É uma questão de igualdade a luta pela liberdade religiosa contra a intolerância. Após todos os casos de intolerância que vem acontecendo e sendo mascarados, eu como candomblecista me senti no direito de gritar que existimos e resistimos e a maneira mais poética de se fazer isso foi através dos traços livres que utilizei para desenhar as armaduras dos orixás juntamente às suas saudações.

Eu senti essa situação como uma oportunidade de expressar a luta que enfrentamos diariamente contra a intolerância religiosa, mais uma forma de mostrar que nós, povos de terreiro, existimos e resistimos.

A técnica utilizada no desenho foi a da mão livre, usando poucos recursos também, sendo apenas um pincel e tinta preta numa grande parede branca, na qual quis mostrar com isso que a maior causa da intolerância religiosa e do preconceito contra as religiões de matriz africana se dá pelo fato de ser uma religião que carrega consigo a ancestralidade do povo negro. Essa ancestralidade que existe e resiste em um país que com sangue negro correndo em suas veias pinta sua cultura, mas a renega querendo se deleitar apenas da máscara ocidental.

O projeto é importante para que as pessoas comecem a enxergar o grafite com outros olhos mostrando que a arte de rua também é arte e merece reconhecimento do seu valor, além de estampar nos muros da universidade as lutas diárias contra o racismo, machismo, "lgbtobia" e intolerância religiosa.



¹⁵ Cícero Darlan Andrade Araruna estuda Letras na URCA. Instagram: @unknownmortal / WhatsApp: (88) 997100554 / e-mail: offdaann@gmail.com.



Do Sertão¹⁶

Eu acho uma experiência importante que a URCA vem tendo com esse movimento do Grafite nesse contexto de golpe, de um desgoverno que a gente vem enfrentando. E também de moralização da arte e de valores sociais. É importante cada vez mais a gente dialogar com o diferente e trazer o diferente para o centro do debate, para a gente também poder ampliar o olhar e o diálogo, conversar com as pessoas que não vão a museus, não vão a galerias, não visitam exposições, nem conhecem artistas visuais, sobretudo. Elas conhecem muito pouco de música, mas artistas visuais brasileiros são bem desconhecidos. Fazer esse movimento dentro da universidade é importante para abrir o diálogo sobre a arte e sobre todo esse contexto que a gente vem enfrentando no país, sobre as temáticas que cada artista costuma trabalhar, como a gente está vendo aqui, temáticas sobre LGBT, raça, mulheres, enfim. Então a gente tem que estar dialogando e a arte é um bom caminho pra fazer esse diálogo.

Esse trabalho é inspirado no trabalho de xilogravura que fiz. Uma série de olhos que são olhos, mas também não são olhos, são outras coisas. E é um diálogo com o universo, com a via láctea, com os planetas, enfim, com as diferenças e com esse lugar de fala do sertão e do Cariri. Eu trago esses elementos dos cactos, dos planetas que não são planetas, como a gente imagina, circulares, e a imensidão. O próprio Ariano Suassuna falava muito isso do sertão, do povo sertanejo, como a imensidão.

Esse trabalho fala muito da imensidão, do Ser, do Tao e de como somos tão pequenos no meio dessa imensidão toda.

Para mim fica muito tranquilo fazer esse trabalho assim. Todo e qualquer trabalho quando está no espaço público em contato com a população sofre a possibilidade de interferência. O artista que se propõe a trabalhar na rua ou tem a rua como suporte dos seus trabalhos, devia ter essa clareza. Está sujeito a esse diálogo com outras pessoas e com os pichadores, que pra mim a pichação também é arte. Então, é isso. O que tiver de acontecer vai rolar.



¹⁶ Lívio Diego Duarte Brandão estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: liviodosertão / e-mail: liviodosertão@gmail.com / Facebook: Fatozero produções Culturais.



Emanuel¹⁷

A princípio eu pensei esse trabalho sobre a miscigenação, sabe? A inclusão mesmo, passar a mensagem de que somos iguais, para além da ideia de cor de pele, de cabelo, de raça.

Há alguns anos eu sentia a necessidade de pintar mulheres. Em meu trabalho eu retrato bastante a figura feminina. Além da mulher ser sempre um tema que aborda muitas questões sobre preconceito e violência, me vem à questão de serem belas também, não só a beleza física. Eu tive a ideia de pintar mulheres em cada etnia com olhos fechados. A sensação com olhos fechados é que somos todos iguais. Se você toca numa pele de alguém de olhos fechados não tem essa questão de cor, nem de cabelo, nem de textura, de nada, são só seres humanos.

Eu fico viajando nessas linguagens do desenho, da pintura e da escultura. Eu trabalho em qualquer ambiente. Quando a gente vai trabalhar criando alguma coisa a gente tem a liberdade de pensar. Ali você está pondo em prática seus pensamentos, sua opinião. E o trabalho para o mercado já vem com certas exigências, com restrições, sendo que você acaba deixando lá sua marca de uma maneira ou de outra. O pessoal pede, dá um direcionamento, mas, de alguma maneira, vai ficando um pouco ali de você.

Já na rua o que vai ficar é uma mensagem, para quem ver? A garantia de tempo é incerta. Acho que a partir do momento que você vai numa parede e faz qualquer escrita ou qualquer rabisco, você está querendo expor. É um desabafo para chamar atenção da sociedade, do governo, seja o que for.

Mas eu acho que é uma questão de incompreensão ainda, a gente mesmo (grafiteiros e pichadores) não se entende. Eu posso não respeitar o espaço de uma pessoa que fez uma pichação, eu não vou estar entendendo o que ele quer dizer e no momento em que ele chegue a riscar sobre um desenho meu também talvez ele não esteja compreendendo. Se essas pessoas estivessem mais inteiradas entre si, talvez isso não acontecesse. Acho que há várias barreiras que ainda impedem da gente se compreender.

Eu gostei bastante desse movimento aqui, porque é mais uma porta que se abre para a interação.



¹⁷ Emanuel do Nascimento Alves estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @emanoelnascimento27 / WhatsApp: 988319458 / e-mail: emanoelnascimento27 @gmail.com.

Enzo¹⁸ e Arthur¹⁹

Enzo:

A figura masculina é João Nery, um ativista no meio trans (transgenero). Ele sofreu na ditadura. Antes era bem pior para quem era trans. E hoje ele é uma influencia muito grande no meio trans para os meninos.

Eu aprendi muito ao fazer esse trabalho porque foi à minha primeira vez. Aqui eu também ajudei a galera. Mas, quando você faz seu próprio trabalho que você erra uma coisa quer concertar e procura uma solução. Isso é uma terapia na verdade.

Eu acho muito importante o Grafite Tolerância, porque tem pessoas daqui da região que tem muito talento e não tem reconhecimento. Eu gostei também porque é uma forma de deixar o espaço mais bonito e representativo. Cada artista deixou um significado muito importante nas suas artes.

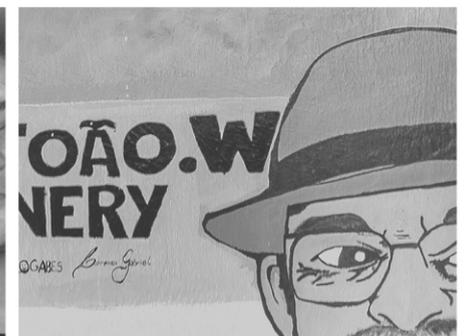
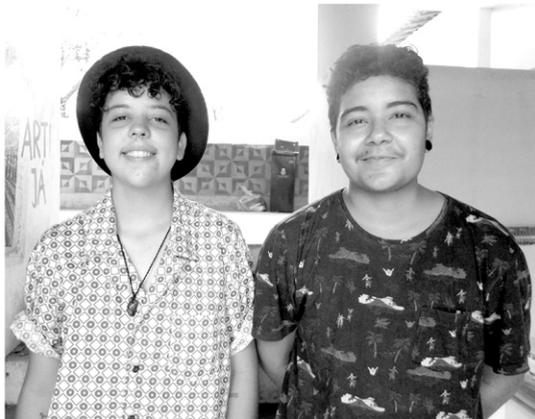
Eu gostei porque nem sempre a arte está no meio desses ambientes de faculdades e isso é muito importante porque cada um jogou uma coisa que tem uma historia naquele desenho, sabe? Querendo ou não aquilo vai chamar atenção e vai gerar dúvidas. E chamou muito atenção da galera da região. Muita gente gostou, muita gente não gostou. É isso.

Arthur:

A gente trabalhou principalmente para trazer visibilidade para a gente que é transgenero, que no meio LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) é o grupo de menor visibilidade. A gente aproveitou a oportunidade para as pessoas que passarem por aqui verem o símbolo, a bandeira, as cores. Mesmo que não saibam o que é, ao verem aqui, terem a curiosidade de perguntar. É justamente isso, a representatividade.

Eu procurei na internet uma imagem que demonstrasse a força da mulher negra e trans, porque já é complicado a gente ser mulher na sociedade que a gente vive, imagina você ser mulher trans e ainda negra. Aí eu busquei isso, mostrar a força das minorias.

Eu adorei na verdade intervir aqui. Por que é justamente isso, você está ali fazendo arte, pensa em varias coisas, pensa no próprio significado do que você está desenhando. Nunca tinha feito trabalho assim em parede e eu gostei bastante.



¹⁸ Lorenzo Gabriel é egresso do Ensino Médio. Instagram: com/logabes / WhatsApp: (99835650188)

¹⁹ Arthur Gomes Simões é egresso do Ensino Médio. Instagram: _porraarthur / Facebook: Arthur Gomes



Fernando Vieira²⁰

Eu fiz uma arte na qual expressa a nossa região, a biodiversidade e a cultura da nossa região. Para contrastar a ideia usei só o branco e o preto.

A nossa região tem muitas fontes de água que necessitam de um maior cuidado porque muitas dessas fontes estão sumindo por causa do descaso social e descaso público. São locais que deveriam ser mais cuidados, por exemplo, a cascata. Em cada canto tem um banho natural, tem uma cascata, tem um canto bonito para você. E há a cultura de banhos.

O Cariri é um berço de diversificação cultural. Nesse campo sociocultural a nossa região guarda um tesouro grande em relação a lendas. Aqui há muitas lendas onde a pessoa se vê.

Nós não podemos mais tolerar o descaso com nossa cultura, com nossa cidade e são vários tipos de descaso ocorridos ultimamente.

Eu achei essa campanha ótima e muito importante porque nossa região realmente necessita dessas pessoas que tenham dignidade suficiente para chegar e ajudar e não ficar só criticando, mas têm foco e personalidade forte para chegar e dizer: “oh, eu vou fazer!”



²⁰ Fernando Vieira de Moraes é egresso do Ensino Médio e muralista. Instagram: @fernandovieirademoraes



Fher²¹

Eu faço arte urbana, sim. Estou desenvolvendo pesquisa sobre o hiper-realismo. Eu nunca tinha grafitado em universidade. Aqui na URCA eu tenho colegas professores que sofreram racismo e eu já venho trabalhando, fazendo algumas pinturas, algumas fotografias relacionadas à questão da etnia. A minha pintura traz essa mensagem da etnia. Eu quis abordar o racismo e a questão da etnia como uma defesa, um local em que a gente precisa ter mais consciência dos nossos atos. Às vezes sem querer a gente acaba cometendo um ato de racismo contra uma pessoa. Eu já fui alvo! Eu sem querer também já fui racista! Então, como a universidade é pública a gente necessita abordar o racismo em todos os âmbitos e deixar uma mensagem nem que seja mínima, de respeito. Saber que todo mundo é igual. Que todo mundo tem seus direitos. E a universidade é um local para todos.

“A luz da minha luta, sua bala não apaga” é um trecho de uma música de rap. A artista, Beatriz Rutz Triz, tem um gênero neutro! O nome da música é “elevação mental”. Então, eu usei esse trecho “a luz da minha luta, sua bala não apaga!” porque traz essa mensagem de luz, força, de luta e resistência, e dá uma ênfase também a gênero, a cor, a raça, a sexualidade e a homossexualidade.

Gênero neutro é uma pessoa que não se identifica com os padrões. Por exemplo, nasci mulher, só que meu gênero é neutro. Eu me visto da forma que eu quiser sem precisar distinguir ser mulher ou ser homem.

Eu coloquei o nome nessa obra de “Branca”, mas ela retrata um perfil de uma negra. Coloquei isso pra dar, pra chamar a atenção da galera. Para fazer uma provocação. Eu comecei a pintar com pigmentos naturais. Eu não me liguei em fazer olho, nem boca, porque no meu estudo o que estava importando na verdade era a cor, a tonalidade da pele e trazer tons que remetiam a pele indígena e dos negros africanos e da vestimenta que era o turbante e o vestido. Eu me sinto totalmente honrada em participar desse evento.



²¹ Fernanda Veloso da Costa estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @fher_art.jpg / Whats: (88) 9 9777-0862 / e-mail: nanda.veloso17@gmail.com

Francisca Silva²²

Primeiro, essa imagem surgiu durante uma manifestação que estava acontecendo e eu customizei camisetas com essa imagem da Frida.

A Frida negra com turbante eu fiz pra Carol, minha amiga, minha irmã. A palavra ubuntu é sobre uma filosofia africana que significa “eu sou porque nós somos”.

O sentido dessa imagem é resistência. Luta. Trata-se da questão da negritude, da nossa representatividade, de nos vermos nas paredes da universidade. Por exemplo, esse projeto está sendo belíssimo porque a gente está se reconhecendo dentro da universidade. Tem várias negras, várias mulheres com cabelos cacheados. Essa que fiz não ficou negra, mas ela está usando um turbante. Então isso dá uma perspectiva de que não só a mulher negra pode usar o turbante. É uma simbologia muito forte. Para a gente que trabalha nessa área da educação e que milita nesse espaço da negritude, do reconhecimento contra o racismo e o preconceito. E assim a Frida Kahlo tem uma grande significância na minha vida, devido à história de vida dela, à resistência dela, incluindo a arte, porque ela usou arte pra representar a vida dela que foi muito sofrida. Aí procurei um jeito de incluir ela com o desenho. Eu juntei um pouquinho as sobrancelhas, para ela estar presente.

Na minha casa todo mundo conhece Frida. O meu sobrinho de dois anos também já conhece. Já apresentei para as crianças da escola que trabalho, que são do infantil IV. Elas têm quatro anos. Quando eu cheguei com um brinco na escola, já sabiam que era Frida. Eu sempre busco aproximar as pessoas da Frida e de quem foi a Frida. A história dela é belíssima. Geralmente quando eu estou desmotivada ou triste, eu me lembro dela, porque mesmo com o sofrimento ela não desistiu. Há relatos de que ela era uma pessoa alegre, divertida e, apesar do sofrimento, ela usou a arte pra se manter viva e levar alegria pra outras pessoas.

Eu sempre gostei de desenhar! Até agora eu não estou acreditando que eu fiz esse desenho aqui. Acho que vai durar uma semana ainda e eu não consigo acreditar! Eu até estava dizendo para Carol “eu não consigo descrever o que eu estou sentindo... É surreal. Se eu falar muito, vou chorar. Isso está acontecendo! Está acontecendo de verdade!” Ter um desenho estampado na parede da URCA, porque a URCA mudou minha vida! Meu Deus! Tá sendo uma loucura, tá um borbulhão de sentimentos, está tudo misturado.

Esse movimento de arte já era pra ter acontecido há muito! Agora com esse projeto, a universidade está ganhando cara de universidade. Arte é vida. A arte traz comunicação e traz história. Nessas imagens estampadas nas paredes da universidade cada desenho tem uma história, a Frida, a mulher maravilha negra, a mulher em um parto, a versão da Frida caveirinha, que ela também representava muito nas obras dela, o homem gritando naquela imagem colorida, o Naruto. Todos estão muito massa. Tem a obra e por traz da obra tem a história. Arrasou esse projeto. Um dos melhores projetos que já teve aqui na URCA. Foi muito significativo. Foi lindo! Eu gostei muito, muito, muito.



²² Francisca Silva Clemente, licenciada em Pedagogia, estuda especialização em Educação na URCA. E-mail: franciscasilvabe@gmail.com

Gabriel Cordeiro²³



Conforme o tempo vai passando, nesse mundo individualista, as pessoas acabam esquecendo-se de olhar para o próximo e se preocupam só consigo mesmas. Eu vejo isso tanto em relação a política com no meio de amizades. Muitas pessoas preferem se sair melhor em determinadas situações, tendo vantagem, do que ajudar aqueles que estão precisando. Vejo isso em sala de aula, nas amizades, na política.

A cada dia que passa a sociedade está mais individualista e não se preocupa com as pessoas e com o futuro, isso acontece em relação à aposentadoria, a privatização de bens nacionais como o pré-sal...

Preocupar-se apenas consigo mesmo é uma atitude destrutiva, cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Exatamente por esse aspecto estar tão presente é que quando eu penso em liberdade não consigo imaginar um líder de hoje para grafitar aqui.

Sinto que o Grafite Tolerância é uma oportunidade para expressar uma angústia que com certeza não sou só eu que sinto, mas principalmente as pessoas que sabem da injustiça social, da desigualdade, das pessoas que sofrem isso na pele.

A minha ideia foi retratar um ícone ligado à juventude ainda não retratado aqui.

Acredito que aqueles que ficam atentos às pessoas ao redor, ao mundo de maneira geral e conhecem minimamente a história da América Latina sabem que Che Guevara é uma boa representação para falar de tolerância e respeito. Ele é uma das principais formas de se representar liberdade diante da sociedade individualista. Che Guevara é um ícone de liberdade.

Uma das principais histórias que me vem à cabeça quando penso em liberdade é que quando ele prendia alguém que lutava contra ele, ele não matava, ele desarmava e dava uma escolha: se queria ficar ao lado dele lutando por uma causa ou ir embora desarmado para a sua casa. Então, é um ícone da liberdade relacionado ao respeito, ao direito de você poder escolher o próximo passo na sua vida, escolher a causa pela qual lutar, sem ser julgado, cassado ou morto por isso.

É uma boa forma de liberdade você ser livre para escolher o que quer fazer, qual lado quer apoiar, sem que, entre aspas, seu inimigo o mate.

O Che a principio era médico, conheceu todo o seu país viajando de moto e após ver algumas situações que ocorriam a respeito dos pobres e daqueles considerados desafortunados, ele resolveu lutar por essa causa. Ele podia ter tudo nas mãos, podia ter riqueza, podia viver com a mulher dos sonhos dele e, apesar disso, ele escolheu lutar por uma causa que ele achou justa, que foi lutar pelos que mais necessitavam. Então, isso para mim é Che Guevara.

A frase "você tem fome de quê?" dá a ideia de: O que você almeja? Qual é o seu ideal? O que é que você busca? O que é que você quer da sua vida?

O jovem retratado nessa imagem pode ser qualquer um.



²³ Gabriel Costa Cordeiro estuda Ciências da Computação na Universidade Federal do Ceará. WhatsApp: (88) 988119786



Gabriela Lemos²⁴

A minha ideia de início foi fazer representações dos orixás, que são os deuses da religião de matriz africana, e, como a temática é tolerância, trazer justamente esse conhecimento. Porque muitas vezes alguns julgamentos são por falta de conhecimento

Eu trouxe três orixás: Oxóssi que é o pai da mata, Iansã que é do vento e dos trovões e Iemanjá que é a rainha do mar, orixá da água salgada. Abaixo dos três orixás tem uma mãe de santo, que é uma filha de Iemanjá e eu quis acrescentar ao lado, um filho de Oxóssi batendo tambor. Os três orixás em cima são como um símbolo de proteção para essas pessoas que a todo o momento são atacadas de todas as formas. A filha de santo foi mais por conta da representação de Iemanjá e o filho de Oxóssi.

Para mim foi uma experiência muito boa porque foi a primeira pintura que eu fiz em parede e eu gostei. Durante o trabalho eu vi algumas reações que as pessoas tinham. E é justamente isso que uma arte pode provocar nas pessoas. Tinha gente que passava aí, entortava o olho, falava alguma piada. Tinha gente que passava e achava muito bonito, tirava foto, perguntava quem era. Eu fui convidada por uma pessoa para pintar noutro lugar, em um hospital. Achei muito interessante mesmo. Também a questão do estranhamento por pessoas que não fazem parte da religião, mas que admiram, acham bonito. Várias pessoas disseram: “vai pintar lá em casa”. É bom ver esse fluxo de discursos, vê o quanto cada pessoa pode reagir de uma forma diferente.

Eu precisei da ajuda de algumas pessoas por ser meu primeiro trabalho. De início foi complicado porque às vezes eu não sabia o que colocar, que tinta colocar, como misturar. Foi um processo de aprendizagem para mim. Eu aprendi com muita gente coisas que eu não sabia. Deu certo com a ajuda de outras pessoas.



²⁴ Gabriela do Nascimento Lemos estuda Ciências Sociais na URCA. Instagram: @_preta.mordaz / e-mail: gabrielalemos88hotmail.com / WhatsApp: (88) 998453788



Geraldo Junior G²⁵

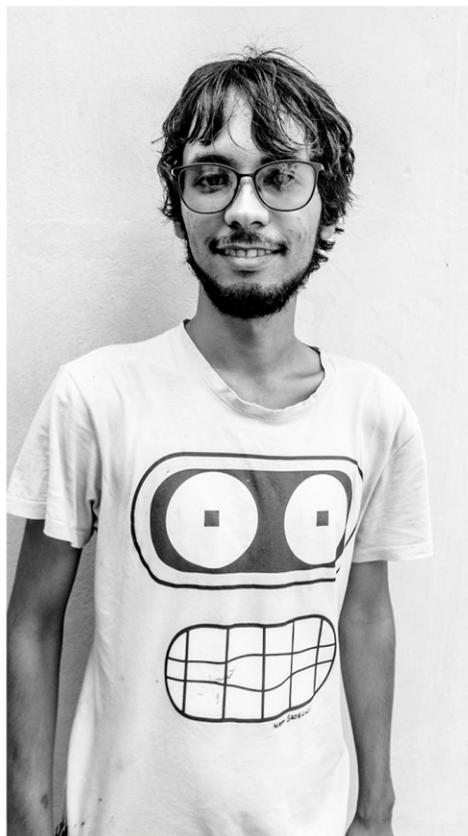
O trabalho é uma representação de dois cisnes, um negro e um branco. Escolhi os cisnes, pois estes representam graça, leveza e união estável. Sabe-se que os cisnes escolhem um parceiro para o resto da vida. Também são criaturas que estão presentes no consciente popular através de várias citações na cultura mundial, "O lago dos cisnes", "O patinho feio". Enfim, o trabalho é uma alegoria de empoderamento, onde uso várias metáforas: o preto e o branco, as botas vermelhas, a lança, a coroa. A composição traz expressões da dança deles, mas quebrando o aspecto clássico, com o cisne branco calçando botas femininas de cor vermelha e o cisne negro abrindo caminho, sendo representado de coroa e trazendo uma lança dourada e a bandeira do movimento gay.

Senti-me fazendo parte de uma rede de militantes (risos).

O projeto é bem interessante, pois além de embelezar o Campus Pimenta, deu oportunidade para vários artistas se expressarem sobre um suporte tão exposto e visível à comunidade como o prédio da Universidade Regional do Cariri, URCA. Também é extremamente necessário nesse momento em que vivemos de reafirmações dos movimentos de minorias, sendo uma oportunidade de conversação e troca de ideias entre os artistas produtores e a população em geral.



²⁵ Geraldo Taveira Leite Junior estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: [ateliê_geraldo_junior_](#) / WhatsApp: (88) 988761995 / Facebook: Geraldo Junior G artista



Henrique Moonstar²⁶

Sou quadrinista. É a primeira vez que faço grafite, eu só costumo fazer quadrinho. Aí a minha ideia foi pegar algo do quadrinho e trazer para o suporte da parede. Foi interessante, não tive tanta dificuldade não.

O personagem é de uma série de tirinha que eu faço e disponibilizo na internet. As minhas tirinhas são sobre superar, suportar essa questão da ansiedade e é também um pouco autobiográfico, um pouco de mim.

Eu trago essa tirinha que é sobre um personagem que já aceitou a sua sexualidade e o polvo representa a sociedade que fala que ele não pode ser o que ele escolheu ser.

Eu achei muito importante trazer essa ideia pra universidade. Principalmente aqui para a URCA, para chamar a atenção das pessoas. As pessoas entendem de maneira muito distorcida essa questão. É bom que as pessoas entendam que isso é importante.

Tem muitos comentários. Pessoas vieram me perguntar o que significa a frase. E tentaram decifrar qual era a metáfora do polvo, porque ele estava se afogando e tal.

Muitas pessoas gostaram também do trabalho e da ideia que eu trouxe. Também trazer outra cara pra universidade. Eu acho que é importante ter mais momentos assim pra universidade, até pra outras pessoas saberem que existe um curso de Artes Visuais aqui na URCA.



²⁶ Cícero Henrique da Cruz Sampaio estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @moonstarmore

Jonas Bezerra²⁷



Quando eu vi o tema me veio logo à cabeça o movimento negro e esse preconceito todo que a gente está vendo sobre as religiões afro-brasileiras, tanto que eu coloquei referências à umbanda. Eu percebo que atualmente tem uma onda de intolerância gigante contra as religiões afro-brasileiras, né? A umbanda principalmente. Há vários casos de terreiros de umbanda sendo destruídos. Isso é uma coisa impensável, é muita infantilidade e muita burrice não aceitar aquilo que é diferente do que você acredita.

E aí vendo isso eu fiz uma pesquisa bem rápida, superficial mesmo para juntar essas questões do corpo negro, da mulher e a coisa do feminismo. Eu tentei juntar isso tudo numa obra. Eu coloquei um corpo de mulher negra porque eu acho que o corpo da mulher negra se torna a própria resistência. É como se o corpo, o fato dele existir, fosse o próprio de resistência. Eu quis colocar muito essa coisa da resistência. O punho é referente ao movimento negro. As cores são mais relacionadas às pinturas africanas. A intenção é passar justamente essa imagem de força e de resistência do movimento negro e dos pretos.

O grafite também é um movimento de resistência conhecido como arte de rua. É uma coisa que não é tão recente assim. Mas eu não costumava ver o grafite em lugares públicos assim como relacionado à educação. Ainda mais, a entrada do grafite dentro da universidade, por exemplo, com edital e tudo de uma forma bem formalizada mesmo. É um movimento de resistência também da própria arte de rua.

Uma das coisas que eu acho muito interessante também é esse diálogo que há da pessoa que está vendo a obra e da ideia que eu quis passar. Porque, por mais que eu queira passar toda uma ideia, vai ficando apenas parte daquilo ali. Assim como tem parte de mim também na obra que é uma criação minha. Acho muito interessante essa relação e essa conexão que há com as pessoas quando elas param pra refletir sobre a pintura.

A questão da pichação também se torna uma intolerância, né? Por exemplo, você tem um grafite e alguém não concorda com a ideia que está lá no seu grafite e de repente picha e faz sei lá o que em cima do grafite. Eu vejo como uma forma de tentar chamar a atenção. Eu acho que a galera que faz isso tem algum problema com atenção, tem uma necessidade muito grande de chamar atenção praquilo que talvez não tenha necessidade de chamar atenção.





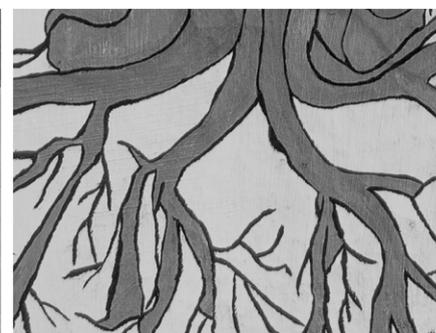
Kaio²⁸

O desenho que fiz é cheio de significados pessoais. É um homem trans (transgenero) negro. Para ficar mais evidente eu coloquei a bandeira do movimento trans de um lado e do outro lado coloquei a bandeira pan-africanista, que é um movimento de libertação e valorização negra. As raízes que substituem a parte inferior do corpo simbolizam outro valor africano que é o contato com a terra. Alguns detalhes são bem significativos também, como por exemplo, a tatuagem de Exu e os batimentos cardíacos ligando a figura às duas bandeiras.

Ao fazer eu me senti feliz e realizado, principalmente quando terminei. Justamente pela representatividade que o desenho carrega.

Como eu nunca havia desenhado em parede, fiz o desenho com uma amiga e usei retroprojektor.

Gostei desse projeto porque a maioria dos trabalhos foi feito por estudantes da Universidade. Acho importante a valorização dos artistas.



²⁸ Kaio Henrique Bezerra Cardoso estuda Ciências Sociais na URCA. Instagram: @_transviado / email: kaio_cardosoh@outlook.com

Lana²⁹

Fazer esse trabalho foi muito complicado, bem tenso. Ainda não tinha pintado em parede nesse estilo de desenho. Tinha feito só os do estilo piche mesmo. Esse desenho é no estilo tatuagem. É mais usado em papel porque o sombreado é feito com grafite. Ele fica mais esfumado e o efeito fica melhor que na parede, mas o resultado na parede ficou legal.

A proposta é tirar a visão dark da morte e tratá-la mais como uma forma de libertação, essa coisa fofinha. Todo mundo sabe que com morte todos sofrem. Tem a parte sofrida da morte, só que tem o lado bom da morte, da libertação daquela pessoa que já viveu a vida inteira e precisa de uma libertação. A pessoa sofre muito durante uma vida e passa por muita coisa, e com certeza a gente tem que pensar na libertação.

Enquanto pintava a família das duas ocupações³⁰ esteve comigo. Somos família para tudo. Tudo que uma pessoa vai fazer se tiver precisando de ajuda, todo mundo chega junto e ajuda. Seja em questão financeira, artística, ou acadêmica, sempre tem uma pessoa lá para ajudar.

Esse movimento teve suas tretas com o negócio de grafite e de piche, por causa que muitas pessoas estão vendo como se fosse uma desculpa pra cobrir a parte pichada da URCA. Só que na verdade não é isso! Eu vejo como uma forma de expor a arte daquelas pessoas que não têm outras oportunidades para expor. Só que para o pessoal do movimento (estudantil) é diferente, porque o piche que eles fazem na parede são palavras de ordem. E as palavras de ordem devem ser respeitadas como qualquer palavra que foi dita por um reitor, por um professor etc. É a única forma que essas pessoas têm de mostrar para as pessoas o que elas passam. É como se elas colocassem para fora a dor delas na parede pelo piche. Não é uma coisa tão grave assim fazer um grafite sobre uma pichação, mas, o pessoal acha que é um desrespeito com a arte deles.

Como cada pessoa vê o seu significado no desenho, a minha visão desse desenho é uma coisa, para eles é outra. Para eles a visão dessa pintura aqui tem um dado significado. Só que a gente quando vê o piche tem uma visão criminalizada: "Isso é errado!". O piche pode não ser uma obra artística que vai para o museu, mas para o pessoal do movimento tem significado. A visão do coletivo que picha é só entre o pessoal do movimento mesmo. Uma palavra de ordem pichada na parede, para uns pode ter um significado abusivo, só que para eles não. É uma forma de expressão.

Um dos objetivos do piche é chamar atenção e causar estranhamento. Por exemplo, a pessoa olha para a pichação e diz: "Que vândalo! Quem é essa pessoa que faz uma coisa dessas na parede? A parede estava toda limpinha e a pessoa picha com uma palavra dessa!". Oxe! A pessoa que pichou vai amar ter provocado o incômodo. A falta de conversa e de ligação entre os tais conservadores e o movimento é o que destrói.

O segundo trabalho representa diversidade, tolerância e aceitação. Aqui são vários deuses de várias épocas. São representantes de: Ganesha, Buda, Jesus, do Egito e dois da Umbanda, Zé Pelintra e Pomba Gira. Eu estou ouvindo muitos elogios. É gratificante para uma pessoa que trabalha com isso ser reconhecida.



²⁹ Elaine Maciel da Silva estuda Ciências Sociais na URCA. Instagram: @_EuLana / WhatsApp: (88) 997636703 / email: elainemaciel8@gmail.com

³⁰ Lana refere-se a ocupações da reitoria da URCA pelos estudantes em 2017.



Leonidas³¹ e Mendes³²

Leonidas:

Esse trabalho é “Frida Coraline do sertão”. A ideia é falar sobre a questão do respeito, não só o sertão, mas a questão do Nordeste também. A nossa visão foi tentar retratar alguns aspectos do sertão principalmente a questão da mulher. E aí como a gente falou do Nordeste, então Frida e Coraline representam mais ou menos a mulher negra e a mulher sertaneja. A força da mulher do sertão na questão da tolerância e o respeito.

Para mim esse trabalho foi uma experiência nova, infinita, porque eu só desenhava em papel em casa. É a primeira vez que eu estou pintando em parede. Existem dois tipos de artes nas paredes. O grafite e a pichação. A pichação também é uma questão de arte e uma forma de expressão dentro da universidade. Eu achei interessante porque muita gente chegou pra falar quando a gente estava pintando que estamos dando uma nova roupagem à Universidade. Estamos dando mais cor à universidade e representatividade aos alunos. Dividir com Mendes foi bem bacana porque são duas linhas de raciocínio totalmente diferentes e dois tipos de trabalho totalmente diferentes. Eu trabalho com rabisco mesmo, nanquim, e ele trabalha mais com cores e realismo. Então a gente tentou unir essas duas realidades.

Mendes:

Eu desenho e faço quadros com tinta óleo. Eu gosto de pegar encomendas, mas hoje o povo não valoriza muito e não compensa muito pra mim. Aí hoje eu só desenho pra mim.

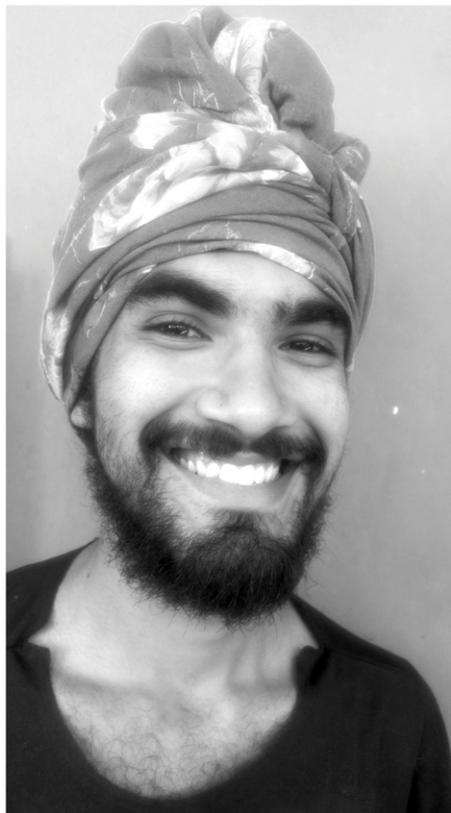
No grafite é a primeira vez. Acho que como em toda arte é uma aprendizagem. Um novo desafio a cada desenho, a cada pintura, é uma evolução.

Eu gostei da imagem da Coraline inserida na Frida. A gente foi só jogando a imagem sem planejamento mesmo. Ia só vendo o que dava certo. Estou curtindo bastante e estou muito empolgado. Ficamos trabalhando bem, nem nos lembramos de comer, nem de horários de nada.



³¹ Leônidas Bezerra Cavalcante estuda Ciências Biológicas na URCA. Instagram: @leonidesazevedo / e-mail: azevedoleonides@gmail.com

³² Francisco Mendes de Oliveira Junior estuda Engenharia Ambiental no Instituto federal do Ceará. Instagram: @mendesjunior



Lira³³

Cara, na verdade, isso é um passeio pela ancestralidade, porém atual. Na minha pintura eu procurei retratar a África, mãe de tudo, mãe da vida. Meu povo foi arrancado de lá e trazido para o Brasil e muitos lugares do mundo e escravizado. Eu quis colocar aquela mulher deslumbrante com um brincão de ouro, porque a África não é só desgraça! O povo negro é um povo maravilhoso, de uma cultura encantadora. É um povo de resistência e de luta. Eu quis fazer um jogo juntando a imagem do Oxóssi com a imagem da África, um chamado para pensar nas questões raciais e religiosas voltadas à matriz africana.

Oxóssi é o dono da minha cabeça. A escolha dele é uma questão religiosa, um orixá!

O vermelho, o preto e o verde são as cores do movimento africanista. O africanismo é uma ideia de unificação do continente, acabar com as fronteiras que foram traçadas de forma arbitrária pelos ex-colonizadores, principalmente ingleses e franceses, modificando e destruindo culturas. Na perspectiva africanista o fim das fronteiras diminuiria os conflitos territoriais e acabaria com os conflitos religiosos. Na verdade, o racismo é uma coisa de branco que atinge negros e indígenas. Um dos motivos d'eu ter escolhido Oxóssi foi também para fazer essa alusão: Oxóssi o rei da natureza, o pai da mata, na Umbanda tratado como caboclo sete flechas representa os indígenas,

Esse projeto é maravilhoso. Fazia muito tempo que não me sentia tão bem em entrar aqui na URCA. A URCA era toda pichada. Eu particularmente acho que parede branca é parede de hospital. Por mim todas as universidades e escolas teriam as paredes assim bem coloridas. As pessoas, inclusive eu, sempre nos expressamos através das paredes, mas a gente passava o jet (spray) e vinha o pessoal da administração e passava cal. Nesses desenhos a galera está se expressando, colocando suas angústias, suas lutas e não é uma coisa que daqui a dois, três meses vai estar coberta de cal. Todas essas mensagens diferentes de tolerância vão ficar! O pessoal falou "o piche é mais direto, diz logo o que quer". Sim, mas a arte é subjetiva! Como o que eu aprendi com você (Sávio), metade da arte é o trabalho do artista e a outra metade é a interpretação de quem está vendo aquela imagem.

Está pronto. Já, já eu começo a fazer outro. Vai ser uma sanfona e o fole, um arco-íris.



³³ Mateus Lira de Souza estuda Geografia na URCA. WhatsApp (88) 98896407090 / e-mail: mateus.lira.com@gmail.com

Maria Paula Cordeiro³⁶

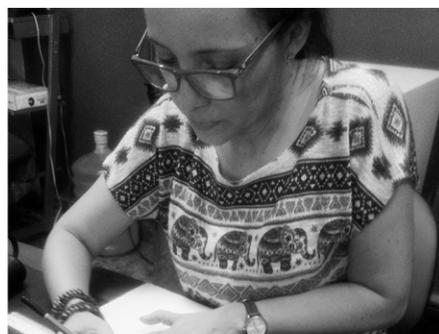
Hoje a gente vive um momento social e político muito desafiador no Brasil como um todo. As polarizações estão se ampliando, as pessoas estão muito menos dispostas a escutar o que os outros dizem e preferem se afirmar em suas certezas momentâneas, do que dialogar. O nome tolerância diz pouco sobre o que está acontecendo na URCA, porque o que está sendo representado tem muito de respeito, muito de dar a entender a todos que todos têm lugar. Mas o nome tolerância abre o canal para o diálogo. Então, o Grafite Tolerância me diz que todos têm lugar aqui. Eu gosto dessa dimensão inclusiva que a universidade às vezes abre de fato.

Os trabalhos no Grafite Tolerância já contemplavam os meus interesses no momento, as expressões do feminino, a importância de se reconhecer e de se honrar a força das mulheres. Eu me senti inspirada por uma frase que tinha sido pichada no corredor. Embora a frase me incomodasse pela estética agressiva, o sentido das palavras em si me agradava. A frase era “Vai ter veado sim!” Aquilo era um grito de desabafo, uma necessidade de reconhecimento. Então eu queria honrar aquela pichação transformando-a em algo bonito. O que me veio foi um veado cheio de cores. Inspirei-me na concepção do desenho no bordado que eu gosto de fazer em tecidos e no colorido dos trabalhos dos indígenas Kuna em San Blás, no Panamá que eu tive a oportunidade de conhecer há alguns anos. Eles fazem bordado numa técnica de aplicação que se chama aplique reverso. A imagem se revela a partir de contornos de cores diferentes que são feitos com um tipo específico de ponto de bordado cujo objetivo dos contornos é exatamente realçar a figura.

Eu nunca tinha usado spray. Pela fluidez que o spray proporciona se vê o efeito muito rapidamente da mistura das cores, mas há efetivamente coisas que só são possíveis fazer com spray tendo grande experiência, principalmente os traços mais finos e o controle da pressão, do esfumado e jato mais definido. Eu usei contorno em acrílica. É algo muito agradável de fazer e tenho domínio.

Desenhar, pintar e o contato com a energia colorida da arte e com a alegria das pessoas que estavam fazendo trabalhos nos dias que eu estava lá, foi uma experiência muito prazerosa e boa para revisitar o tipo de universidade em que eu quero estar. Acho que esse trabalho tem a perspectiva de, ao dar às pessoas a possibilidade de uma expressão artística, facilitá-las sentir que a Universidade é a sua casa. A URCA é a minha casa! Um dos lugares em que eu passo mais tempo em minha vida. Andando por aqueles corredores sinto uma alegria enorme de ver gente rindo, conversando, cantando, pintando e espalhando alegria. Essa é a grande ideia desse trabalho.

É possível que alguém intervenha com pichações em cima dos desenhos, mas eu não gostaria. É triste ver as paredes borradas com pichações. Eu quero ver as pessoas gritarem, falarem de suas lutas e provocarem a reflexão. Mas, com arte, para que os que transitam ali percebam essas falas sem rejeitá-las pela forma agressiva como são colocadas. O que quer que esteja nas paredes tem muito mais chance de ser integrado no imaginário das pessoas como uma luta válida e legítima se for apresentado de uma forma menos hostil. Seria muito interessante que mesmo com todas as dificuldades os lugares públicos fossem bonitos.



³⁶ Maria Paula Cordeiro, socióloga, doutora em Sociologia, professora do Curso de Ciências Sociais da URCA. E-mail: Paulacordeiro@gmail.com



Mayanne Torres³⁴

Eu achei perfeito esse projeto. Muito importante a temática dele para despertar nas pessoas mais reflexões e outro olhar sobre o que está acontecendo, porque hoje está crescendo muito, infelizmente, o conservadorismo e também a intolerância.

Essa é uma grande oportunidade para as pessoas verem que existe beleza nas diferenças, que devem ser respeitadas. A primeira coisa que deve ser feita é difundir o respeito entre as pessoas, para que haja aceitação.

Eu atribuí um título ao trabalho: “mãe das minorias”, porque o cabelo colorido tem as cores da bandeira LGBT, que é pra representar a luta dos gays, dos trans, das pessoas bissexuais e também representando o combate contra a homofobia. Ela tem a pele negra para representar a luta do povo negro, dos afrodescendentes que são discriminados e para representar o combate ao racismo. A figura feminina é para representar a luta contra o machismo, fortalecer o feminino e valorizar a luta da mulher.

Esse trabalho é como se fosse uma mistura de realismo com surrealismo por causa das cores e do fundo colorido. É uma mistura do grafite com linhas coloridas e pelo formato do desenho tem um pouco de design gráfico na harmonia das curvas como se fosse um desenho computadorizado.



³⁴ Mayanne Yasmine Torres Tavares é egressa do Ensino Médio. Instagram: @mayannayasmine / e-mail: yasminetorres.crato@hotmail.com



Mel³⁵

O mote do edital era tolerância e aí eu comecei a pensar em várias relações que a gente tem com o próximo. Eu, como uma pessoa branca, penso muito sobre a questão do racismo, por exemplo. E aí o desenho acabou se criando, sobre a base de admiração e de reconhecimento histórico nesse sentido de os primeiros seres humanos nascerem na África. O desenho tem muito disso, uma mulher negra parindo o mundo. E a partir do mundo a vida nesse sentido.

Então, é um parto humanizado, com várias pessoas representando símbolos e ajudando nesse parto. Tem uma mulher negra, que tem características de uma mãe de santo. Tem uma senhora lá atrás que seria uma parteira e ela é uma mulher branca e aqui na frente um homem com traços afeminados com tatuagens, e como personagem principal uma mulher negra com black, com símbolos feministas, parindo. Ela tem uma pose espiritual com aura guiada, que é um símbolo religioso, essa luz atrás. Esse fundo é meio expressionista que parece uma textura que a água provoca. Quando você tira uma foto é isso e acontece na água.

Quando fui colocar na parede, foi muito espontâneo e talvez até impossível, sabe? Tipo teve muita coisa que aconteceu a partir daí e eu fui fazendo e a imagem veio. Eu acho que isso traz uma certa sensibilidade, uma certa humanidade, pro trabalho também. Esse lance de coisas que vão aparecendo, e também trazem muita personalidade pro trabalho, entende? Tipo tem uma hora que o trabalho começa a mandar no que a gente tá fazendo. Começa a conversar. E aí foi isso.

Eu acho ótimo o Grafite Tolerância por causa da visibilidade aos artistas e pra mim foi uma grande oportunidade e também porque foi uma das minhas primeiras experiências em parede. Estou feliz com isso!



³⁵ Debora Melissa dos Santos Bezerra é egressa do Ensino Médio. E-mail: meowtont@gmail.com



Raiane Bezerra³⁷

Não criei o desenho. Eu peguei na internet e mudei as cores.

Fazer a Ângela Davis foi o que eu escolhi. Fiz a Ângela Davis por todo o histórico dela como mulher de luta. É uma pessoa que me representa tanto na luta quanto na cor por todo o processo dela em Panteras Negras e toda a marginalização que ela já sofreu. Mulher negra que me representa até hoje na árdua luta. Eu também estou construindo essa luta depois que eu entrei na universidade. Eu também já sofri muito e ainda sofro e não tinha uma pessoa no momento para me representar mais do que ela.

Eu sou do movimento social em geral. Achei muito interessante o projeto do grafite. Não anulando os piches, é muito importante que a gente também valorize o grafite. O grafite e a pichação não são iguais, porque o piche é aquilo que você faz e que você não pode dizer na cara. A gente na universidade quando está contra alguma coisa que não pode chegar lá e falar, a gente faz isso como intervenção. A marginalização que o piche sofre o grafite não sofre. O grafite é uma arte urbana e é mais aceito. O piche não, o piche é altamente criminalizado.

Entendo a parte que várias pessoas chegaram dizendo assim, “Ah! Isso aí que é arte. Isso aí é que é bonito. Se os estudantes reivindicassem dessa forma seria melhor e tal”. Entendo porque o piche é altamente criminalizado. A massa vê o desenho como uma coisa melhor, entendeu? A linguagem de pichação não chega à massa O que vai chegar às massas é quando veem um grafite. É diferente, apreciam como bonito.

A mensagem não passa igualmente, por exemplo, minha mãe, se ela fosse ler isso, ela não entenderia, mas no desenho, pode ser que ela entenda.

O grafite tem um alcance maior de compreensão.

Eu achei muito fantástico esse movimento porque essas pessoas que picham, também podem pintar. Eu picho, mas agora eu pinte, eu continuo sem saber pintar. Mas eu sei a forma que eu posso pintar. Se eu fizer um desenho e usar um data show, eu também posso expressar outras coisas. Mas deixar de pichar eu não vou!



³⁷ Maria Raiane Felix Bezerra estuda Ciências Sociais na URCA. Instagram: @mariaraiaane



Romeu Sátiro³⁸

Eu criei uma arte que simbolizasse o meu apreço pela Região do Cariri. É o soldadinho do Araripe, um animal fascinante e belo. É fantástico. Está em processo de extinção, infelizmente. Então, essa arte de alguma forma serve como alerta e como protesto. Não necessariamente é arte pelo protesto em si, é arte por exalar a beleza do personagem, mas também traz essa lembrança, quer queira quer não. Eu oro, torço para que o soldadinho do Araripe não fique só nas paredes como alguns animais ficaram em pinturas rupestres na antiguidade.

Eu penso que eu estou trabalhando aqui num projeto que eu quero trazer beleza. Meu intuito é esse, mas dentro desse proposito de trazer beleza também tem algo secundário que é trazer a memória das pessoas o que está acontecendo com essa espécie em si. Então eu penso que o artista tem essa capacidade quando se trata de tolerância. Quando ele materializa o seu pensamento, ele está trazendo a memória, está revisitando algumas situações que precisam ser tratadas, que não podem ser ignoradas.

A impressão que fica sobre esse trabalho é a ideia de dar liberdade para o artista e oportunidade. A gente vive num contexto onde são poucas as oportunidades para o artista. Uma coisa interessante aqui é que todo material saiu gratuito para o artista, isso é muito bom, incentiva muito.



³⁸ Romeu Sátiro Feitosa da Costa estuda Teologia na Faculdade Batista do Cariri. E-mail: romeusatiro@gmail.com



Romildo³⁹

Inicialmente eu realizei em pequena dimensão que foi numa tela de pintura. Era uma imagem que sempre me fazia uma inquietação quando eu a realizava. E meu desejo era realizar em grande dimensão. Agora chegou essa oportunidade. Muito bacana!

Sobre a imagem, existe uma temática. Então eu pensei de que forma eu podia entrar no projeto com esse trabalho. Eu nunca tinha realizado nada assim temático. Eu pensei alguma coisa relacionada à tolerância de religião, ao negro, à miséria ou à temática gay. Religião eu não entendo muito. Eu não me senti seguro de realizar trabalho com a temática religião. A temática gay, por conta de eu ser gay, me veio mais fácil e uma forma de eu extravasar também as inquietações que tenho em mim.

Ser gay nesse mundo atual é você não poder se expressar das formas que você quer, né? Você tem que estar escondido na sua sexualidade. Principalmente pra família. A família acha que isso é uma coisa anormal. Achei bem bacana esse movimento aqui. Gostei muito. Conheci pessoas que me fizeram sentir bem.



³⁹ José Romildo Bezerra Mendes estuda Artes Visuais na URCA. WhatsApp: (88) 988347763

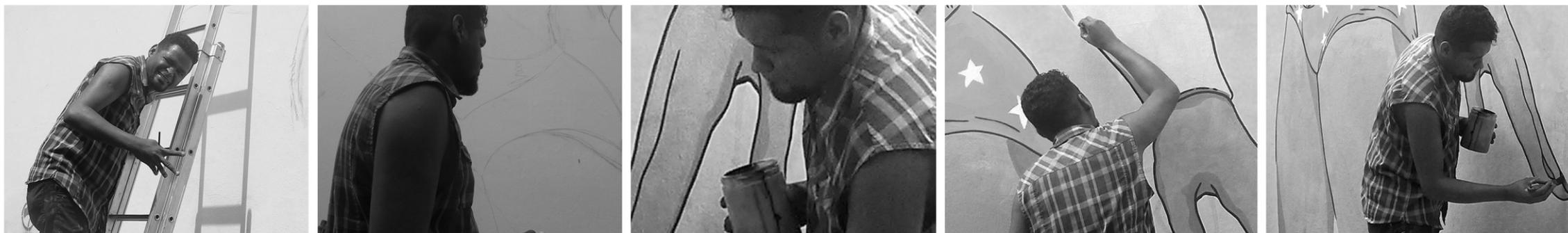


Samuel Quixote⁴⁰

Eu não enquadraria meu trabalho como grafite. O grafite é mais liberto tecnicamente falando. Meu trabalho já é mais limitado. No grafite a escolha da parede é um tanto ou quanto despreocupada, já a minha pintura mural é mais presa às condições da parede. Sempre gostei de desafios e de desenhos em grande escala e para mim um muro sempre pareceu um bom suporte. Trabalho com pintura mural desde os 16 anos. E gosto de estar na rua. Gosto da sujeira da tinta na roupa, do cheiro... No caso eu uso acrílica e pigmentos que não causam nenhum tipo de irritação ou dano a meu organismo.

A mulher maravilha negra é parte de uma série de heróis que eu represento negros e começou na aula de pintura II na faculdade de Artes Visuais. Trata-se da identidade negra e representação da etnia nos quadrinhos comerciais. Sempre me questionava por que somos pouco representados nas HQ'S. Dessa inquietação e prática em pintura mural surgiu essa série. Não é só uma mulher negra, é um símbolo de resistência e quebra de estereótipos.

Foi um prazer levar minha arte para os muros da Universidade. É importante para os alunos e para os artistas envolvidos ter esses trabalhos na universidade! Espero que o projeto extrapole os muros da universidade e vá para as ruas, pois eu acredito no poder da rua.



⁴⁰ Samuel Santos estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @samuel_quixote / e-mail: samuelquixote@gmail.com / WhatsApp: (88) 988215129



Sávio Cordeiro⁴¹

Há um tempo gostava muito de pintar retratos em óleo sobre tela, fazia retratos de pessoas amigas e as presenteava. Mas a vida acadêmica absorve a gente e cada vez mais envolvido com o curso de Ciências Sociais da URCA fiquei com habilidade para pintura restrita.

Inicialmente com esse evento não tinha a intenção de realizar qualquer pintura, mas após dois meses coordenando a realização dos murais, convivendo com artistas e o clima circundante gerado pelos participantes, tintas, sprays e toda aquela alegria me impulsionei a rabiscar algo. Escolhi uma parede, chapei de preto para dar uma ideia de infinito e ali fui colocando elementos cósmicos, lua, estrelas, arco-íris e o sol num dos estilos do trabalho de ilustração da Ciça Fittipaldi no livro dela "A árvore do mundo e outros feitos de Macunaina"⁴². No centro do desenho inseri um par de insetos louva-deus em cima de um galho de árvore. A silhueta desse inseto quando pousado lembra uma pessoa orando, mas por suas habilidades de luta pode remeter também à capacidade de enfrentar dificuldades e desafios no dia a dia. Fiz uma releitura de uma fotografia desses bichinhos que circulou de maneira anônima na internet, como dois humanos de mãos dadas. Queria que a cena além de antropomórfica, semelhante a um casal humano dançando para um público, passasse uma atmosfera de afeto entre as figurinhas. Então acrescentei mais galhos de árvores, folhas e flores.

Enquanto pintava, alguém passando me disse que estava psicodélico. Achei balsâmico, era um momento de descanso entre as correrias da produção do evento.



⁴¹ Domingos Sávio Cordeiro, sociólogo, doutor em sociologia, professor do Curso de Ciências Sociais da URCA. E-mail: saviocordeiro@gmail.com

⁴² FITTIPALDI, Ciça. A árvore do mundo e outros feitos de Macunaina; mito-herói dos índios makuxi, wapixana, taulipang e arekuná. São Paulo: Melhoramentos, 1988.



Sérgio Vilaça⁴³

A ideia do primeiro trabalho vem daquele velho ditado da “ovelha negra da família.” O que a ideia quer é quebrar um pouco esse paradigma que a cor preta é uma cor negativa. Então, a ideia é brincar com isso. Não é a ovelha negra que é a pior ovelha. Não existe pior ovelha. Então isto é a questão do diferente, de aceitar a diferença, de compreender que o outro tem sua personalidade e tem sua identidade que tem que ser respeitada. Então, o desenho visa quebrar um pouco esse paradigma da cor negra, que é sempre negativada. A própria palavra é negativada. Eu acredito que trazendo para lúdico como essa brincadeira, colorir uma ovelha de qualquer cor, uma ovelha magra, uma gorda, não importa, né? Tem que aceitar a diferença. Então, a ideia é essa, esse é o conceito para o traço.

O título do segundo trabalho é “As ovelhinhas”. A ideia é a seguinte: eu pintei a metade. Estão ali prontas e fiz algumas ovelhinhas só o contorno pra deixar pra quem quiser pintar. Deixei uma indicação “Pinte sua ovelha.” Não tem aquelas coisas que você compra pra colorir? Aí os alunos podem pintar as ovelhas do jeito que quiserem.

Eu gostei muito de fazer esses trabalhos. Eu estava muito distanciado das Artes Visuais. Eu estava muito envolvido com a questão do cinema e tinha uns dez anos que eu não pintava nenhum mural. E eu gostei muito da experiência. Eu acho que isso pode contribuir com uma convivência melhor dentro da URCA. O meu papel é contribuir pra isso. Eu sou da URCA e gosto da universidade. Entrei para essa universidade pra ficar muitos anos. É minha obrigação contribuir pra isso.

Pô! Eu acho que a Universidade tem que respirar arte. Essa iniciativa dos professores que estão fazendo isso é muito valorosa e isso pode fazer outras coisas acontecerem na URCA. A URCA tem outros campos, são quase dez mil alunos. Isso pode ser um gatilho pra que a URCA se transforme numa universidade mais democrática, mais livre e que conviva com a diferença. A iniciativa foi maravilhosa.



⁴³ Sérgio Henrique Carvalho Vilaça, bacharel em Cinema, doutor em Artes, professor do Curso de Artes Visuais da URCA. E-mail: sergio.vilaca@urca.br



Signo⁴⁴

Eu escolhi o nome Signo porque tem a ver com o signo nas letras. O signo linguístico vem dizer das pequenas coisas que têm significado. Para mim a arte é uma delas. Eu consigo alcançar a arte urbana em cada escolha de cor, em cada formato de letra em que passa um significado. Eu sou do Rio de Janeiro mas comecei a me envolver com arte urbana aqui no Crato, mais ou menos em 2015, sempre foi mais pelo hobby e dar minha contribuição pra os espaços, poder colorir um pouco mais, decorar um pouco mais os espaços da universidade, do Crato, enfim.

Eu escolhi duas frases: Sou livre! Tolere-me! Eu acho que a intolerância está crescendo cada vez mais no Brasil nesse cenário conflituoso que a gente tá passando agora. É muito importante que arte venha com esse papel, de voltar com esse discurso de que a gente tem de aceitar as diferenças, aceitar que somos diferentes e que o outro tem uma forma física diferente da minha.

A gente tem que nascer como um leão por dia. Um leão, uma leoa, pra enfim enfrentar as adversidades, os conflitos do dia a dia. E aí eu escolhi esse leão como uma marca. Essa universidade estava muito branca, muito sem mensagem. Então é ideal que a gente consiga sintetizar assim em um trabalho o que a gente está querendo passar. E é isso que eu vi aqui nesse projeto.



⁴⁴ Lucas Lopes estuda Letras na URCA. WhatsApp: (88) 999458920

Soupixo⁴⁵



Acho essa proposta aqui na universidade bem massa, tem todo esse peso da academia e tal. Ver essa diversidade de pessoas, uns que não estudam vindo aqui pintar com pessoas que estudam, todas se misturando, é legal.

Esse trabalho é um lambe e uma pichação. Fiz com referência a um trabalho do Hélio Oiticica. Ele fez um trabalho que dizia “seja marginal, seja herói!” Era a figura de um cara deitado, não sei se morto. Cada um faz sua leitura. Ele fez esse trabalho na época da ditadura, muitas pessoas desapareceram, muitas pessoas foram mortas, pessoas foram torturadas. Aí eu trouxe para esse lado mais feminino, a partir da minha experiência, essa perspectiva de agora do corpo feminino, “seja marginal, seja feminino”. Porque todas as pessoas que são marginalizadas têm os seus direitos negados. Eu pensei o corpo da mulher como um corpo que é extremamente marginalizado, um corpo fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, um corpo de uma mulher gorda, com os peitos caídos, enfim corpos diferentes, trazendo essa questão que mesmo sendo taxadas como marginais nós também podemos ser heroínas da nossa sociedade e dos nossos corpos e ser livres. Na composição como um todo há vários corpos nus, como se eles estivessem deitados ou como se elas estivessem voando, uma forma de mostrar que estão livres.

Escolhi fazer ao lado do banheiro masculino porque acho importante, ver essa questão do machismo. Assim como o racismo que acontece contra as pessoas negras, mas as pessoas brancas podem ajudar pra que isso não aconteça. Do mesmo jeito a questão do machismo. Os homens vão ter que olhar para elas todas as vezes que forem entrar no banheiro. Entram no banheiro e só se relacionam com outros homens né, mas aí vão se deparar com figuras femininas. Os homens é que são machistas, nós mulheres sofremos com isso. Então, o que a gente precisa é que os homens se desconstruam desse peso que eles carregam. E a gente ganhe nossos espaços que são nossos por direito.

Na técnica eu usei o lambe, mas colocando o grafite por cima, que eu queria que se aproximasse muito mais da arte de rua. Acho que o lambe tem essa característica. Tanto o lambe quanto grafite têm muito forte esse peso da rua. Tudo o que vai pra rua dialoga muito com a sociedade, mas o grafite é muito marginalizado, o picho também, né? Então eu queria pegar todos esses elementos marginais e unir numa coisa só e trazer pra esses universos acadêmicos.

Meu trabalho causa impactos. Na rua se está sujeito a isso. Tipo, se alguém chegar lá e rasgar meu trabalho, isso é uma resposta. Da mesma forma que quando na rua os homens passam por mim e assovia e me chamam de gostosa, se eu fosse um papel eu estava sendo rasgado.

O outro trabalho, o coração, foi uma inspiração na música “Latinoamérica”⁴⁶ : “[...] Tú no puedes comprar el viento. Tú no puedes comprar el sol. Tú no puedes comprar la lluvia. Tú no puedes comprar el calor. Tú no puedes comprar las nubes. Tú no puedes comprar los colores. Tú no puedes comprar mi alegría. Tú no puedes comprar mis dolores [...]. Aquí se respira lucha. Yo canto porque se escucha. Aquí estamos de pie. Que viva la américa! No puedes comprar mi vida.



⁴⁵ Suyane Oliveira Santos estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @_soupixo_ / WhatsApp: (88) 997347735 / e-mail: suyaneosantos@gmail.com

⁴⁶ CALE 13. América Latina. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zX_BMWuZq_I Acesso em: 14/12/2017



Tiago Alexandre⁴⁷

É muito complicado falar desse trabalho, porque é um processo que não é algo muito sistematizado. É mais uma coisa que a gente vai pensando e sente a necessidade de falar a partir de outra linguagem. A gente fala de corpo, de uma coisa que não cabe dentro de uma língua com vinte e quatro letras. Talvez a gramática não seja suficiente. Pensando nisso a gente utiliza outras formas de comunicação, no caso, pintura na parede, possibilitada nesse projeto de grafite.

Essa coisa do corpo enquanto uma coisa transcendental não é nesse plano material. O plano material também não cabe na linguagem. E falar dessa liberdade corporal, de pernas que se abrem, de olhos que vigiam, de como se dão essas relações do corpo, enfim, como é percebido internamente e externamente. O que é que esse corpo representa? Eu acho que é isso dentro dessa vibe psicodélica que é de pensar corpos, de pensar a diversidade, enfim a liberdade.

Tem uma coisa de comer. As cores dão isso. Foram pensadas a partir desse processo. O esboço não tinha cor. Depois foram surgindo cores e a gente foi fazendo uns testes e viu o que ficava legal. Depois tem uma coisa de chicletes, essa vontade de comer, talvez comer não no sentido sexual, mas comer no sentido antropofágico. Enfim, ficam aí várias possibilidades de interpretação da palavra comer.

Fazer esse trabalho foi massa! É um processo de aprendizagem muito grande, sabe? Sobretudo nas discussões que se abrem a partir da construção do desenho, da construção do espaço que é um espaço de tensionamento. A gente pensa isso a partir de uma localização de fala. Todas as linguagens que a gente propõe comunicar, a gente pensa comunicar a partir disso. Uma coisa que precisa ser conversada, a gente sente a necessidade de conversar, mas engloba muitos sujeitos.

Achei muito bacana esse movimento. Achei que precisava. Estava tudo muito cinza. Pensando outras formas de comunicação, é importante para esse espaço de universo estudantil, sobretudo dentro de uma atual conjuntura política. A gente percebe que os vários trabalhos dialogam de alguma forma com isso. Então, show!



⁴⁷ Tiago Alexandre dos Santos estuda Ciências Sociais na URCA. Instagram: @manguebixa



Wanderson Petrova⁴⁸

As pinturas que fiz dizem respeito a minha vivência quando eu atuava no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social/Ministério do Desenvolvimento Social) e escutava provocações sobre o universo feminino, violência, direitos, questões que acercam um público em vulnerabilidade social. Aquilo me fez debruçar numa pesquisa sobre ícones femininos que fizeram história, ainda fazem, e são figuras importantes no empoderamento de mulheres que ainda estão a se perceber como lutadoras, guerreiras e pessoas que têm direitos. Então eu me apropriei das figuras poéticas, outra hora de fragmentos de músicas, de Bethânia, Elza Soares e Madonna. Porque elas têm uma história, uma luta, que quando pintada no espaço público aproxima as pessoas.

O meu trabalho tendo essa base no público feminino, na figura feminina, na questão da mulher em termos de emponderamento, nunca vai ser demais para essas figuras que estiveram na história sempre abaixo na relação com homem. Eu como artista que perdi o pai e fui criado por uma mulher me vejo na obrigação de pintar essas questões. Acredito que se a arte não tiver para o bem, não é arte.

O processo de produção desses grandes murais em espaço aberto com o público transitando, não deixa de ser tenso porque a grande maioria das pessoas tem dificuldade de ver o que está em andamento ou inacabado. Então, o artista sempre está exposto a comentários: “o que é isso?”, “isso tá feio”, “isso está bonito agora”, “ele não vai conseguir no tempo certo”...

Dentro dessas situações em que o ato de produzir alguma coisa é tenso, eu transformo isso em uma ferramenta crucial no desenvolvimento do meu trabalho. Acredito que se eu não passar por isso, o que eu faço não vai ter tanta força. Então, a técnica é desespero.

Eu gostei muito do formato do projeto e tentei respeitar a temática. Acredito que o grafite comunica como um livro, mas nem todo livro está público e o grafite está exposto gratuitamente. Assim como um livro ele também informa e se faz uma leitura “sobre”. Acho importante porque eu fiz e fui pra casa e o meu trabalho ficou. Ele questiona por mim, responde por mim, expõe os meus anseios que também podem ser os anseios de quem passe na URCA, veja e se sinta no dever de começar uma revolução, por exemplo.



⁴⁸ Francisco Wanderson Pereira Cavalcante estuda Artes Visuais na URCA. Instagram: @wanderson.smivill / whatsapp: (88) 996264816 / e-mail: Wanderson.smivill@hotmail.com

The background of the slide is a complex, abstract composition. It features a textured, watercolor-like wash of colors, primarily in shades of pink, purple, and blue, with some yellow and green accents. Overlaid on this background are several thick, vibrant, swirling lines in various colors: red, orange, yellow, green, and blue. These lines are outlined in black and curve and swirl across the lower half of the image, creating a sense of movement and energy. The overall effect is a rich, multi-layered visual that suggests creativity and artistic expression.

**ENSAIOS SOBRE
GRAFITE E TOLERÂNCIA**

MUROS QUE FALAM: NARRATIVAS DO GRAFFITI CONTEMPORÂNEO

Alessandra Oliveira Araújo¹

A vida de uma cidade pode ser lida nos seus muros, nas cores dos seus graffitis, nas formas dos monumentos, nas imagens dos outdoors publicitários, nos cartazes colados nos postes e por meio de tantos outros dispositivos sonoros e visuais que povoam as ruas. Palavras, desenhos e formas que contam quem são seus habitantes, quais estão à margem e quais perfilam o centro. Linhas invisíveis, mas quase tangíveis, demarcam os lugares de cada grupo, definem quem transita, quem pode deixar sua marca, quem pode “mobilier” a cidade.

O poder econômico é representado pelas campanhas publicitárias nos outdoors, muros e fachadas das lojas. A tradição é representada pelos prédios históricos e pelos monumentos que quase sempre contam as versões das classes dominantes. Mas, entre a cidade dos monumentos e a cidade da publicidade, existe outra, na verdade, outras, que colocam em questão a aparente ordem, que ousam rabiscar sua própria história.

Foi a partir da necessidade de falar algo que não era dito nos jornais, que não estava impresso nos discursos oficiais que surgiu o graffiti contemporâneo em maio de 1968 nos muros de Paris e no mesmo período na periferia dos Estados Unidos.

Em maio de 1968, protestos, reivindicações e sonhos marcaram os muros de Paris, ano que ficou conhecido no mundo pelas revoltas estudantis, que tiveram a cidade e seus muros como os principais veículos de comunicação daqueles que não eram ouvidos pela sociedade, pelo governo e pela mídia. A necessidade de usar os muros para “gritar” suas causas percorreu o mundo, passou por Berlim, Roma e Praga. As revoltas estudantis europeias de maio de 1968 usaram técnicas de pintura nas paredes semelhantes ao stencil, que permitiram cobrir a cidade com palavras de ordem, como o “Proibido Proibir”, frase criada na França e também disseminada no Brasil por meio da Tropicália.

No mesmo período, o movimento estadunidense pelos direitos civis também fez uso de inscrições e desenhos nas paredes, como os murais Wall of Respect e Wall of Truth, ambos criados em 1967 por um grupo de 21 artistas negros de Chicago. No mesmo ano, Darryl McCray escrevia sua tag, Cornbread, nos muros da Filadélfia e anos depois, em 1971, Demetrius, um jovem de origem grega, escreve TAKI 138 nos muros de Nova Iorque.

Assim como Demetrius, muitos jovens imigrantes e negros passaram a inscrever seus apelidos e o número de suas casas pelas ruas de Nova Iorque como Frank 207, Chew 127 e Junior 161. Mas, a inscrição tornava mais fácil sua identificação, o que levou a um reconhecimento da identidade dos grafiteiros, vistos pelo governo nova-iorquino, pela imprensa e pelas classes sociais mais favorecidas como vândalos.

A perseguição não levou a um silenciamento dos grafiteiros, mas a uma alteração na forma como faziam suas inscrições que passaram a ser codificadas, identificáveis entre eles, mas visíveis para todos. Conquistar uma visibilidade que iria além do espaço praticamente sitiado dos seus bairros foi, inclusive, o próximo passo. Os graffitis feitos em vagões de metrô percorriam toda a cidade e traziam uma polifonia não esperada e até mesmo indesejada pelo governo. A expressão passa a englobar uma nova forma de viver a cidade e lutar por ela que ficou conhecida como movimento hip hop.

Foi entre os anos 1970 e 1980 que vimos surgir o graffiti de Nova Iorque ligado à cultura hip hop, que despontava por meio do graffiti, da música e da dança. A estética das letras ganhou importância para os grafiteiros e o principal objetivo era protestar contra assuntos microssociais e demarcar os territórios dos grupos de jovens. Quase sempre o conteúdo era codificado e incompreensível

¹ Formada em Comunicação Social, mestre e doutora em Educação pela UFC, professora do Curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

PENSANDO COM GÊNERO

Roberto Marques²

Estranhas formas de vida

Um dos grandes desafios para atingirmos uma sociedade mais justa e igualitária se dá pela própria dificuldade em pensarmos as relações sociais diferenciais e desiguais em que estamos implicados e a partir das quais nos constituímos. Nosso pensamento e nossas ações estão excessivamente marcados pelo lugar que ocupamos nessas relações sociais.

Dessa forma, como pessoa letrada, não me penso como representante de uma cultura institucional privilegiada em nossa civilização. Apenas sou esse representante. Como branco, as relações cotidianas vividas pelos não-brancos não me são evidentes, nem se apresentam para mim de forma instantânea e eficiente.

Ao mesmo tempo só sou a pessoa que sou porque fui construído e me construí socialmente como homem ou mulher; branco ou não-branco; letrado ou analfabeto; abastado ou miserável. Nosso pensamento e seu alcance são a realização dessas relações diferenciais e desiguais que constituem a cada um de nós. Isso impede que percebamos quando exigimos para nós um tratamento privilegiado e naturalizamos para o outro um lugar diferente daquele que demandamos para nós mesmos. Grande parte das desigualdades do nosso mundo são invisíveis para nós e isso faz invisível nosso papel na continuidade dessas desigualdades.

Como estamos falando sobre gênero, basta pensar como na família em que fomos criados sentávamos à mesa enquanto esperávamos alguém nos servir. Esse alguém, assalariado ou não, não era servido por ninguém. Servia-se após o fim de sua tarefa. Acostumamo-nos a pensar que nós devíamos ser servidos e outra pessoa acostumou-se a servir. O que teremos feito para que merecêssemos esse privilégio? O que terá feito essa outra pessoa para ocupar o lugar daquele ou daquela que serve? Em geral, nada! Apenas seguimos a gramática dos papéis sociais. Quanto tempo paramos para refletir sobre o ato de servir e sermos servidos diariamente? Nenhum! Às vezes, respondemos ou ouvimos a resposta: -“Ora, eu havia trabalhado o dia todo e estava cansado. Seria natural que alguém me servisse quando eu chegasse em casa”-. Argumentamos: Esse outro que serve não teria também trabalhado o dia todo? Ou apagamos suas atividades diárias como trabalho?

Podemos pensar a partir desse exemplo que desigualdades e hierarquias não são perceptíveis em si mesmas. Elas demandam acúmulo histórico e senso crítico em relação ao lugar que ocupamos e à vontade de romper com as desigualdades, mesmo quando somos nós as pessoas privilegiadas com estas desigualdades.

Se o exemplo acima possibilita pensar desigualdades de gênero no cotidiano da divisão de tarefas dentro de casa, o que dizer quando nos referimos a relações de desigualdade mais gritantes? Os índices de violência doméstica apontam que quase 90% das mulheres que buscam as delegacias especializadas sofrem agressão física por familiares, companheiros ou ex-companheiros. O que dizer quanto a desigualdades de salários no mundo do trabalho, que apontam que mulheres recebem 30% a menos que homens ocupando a mesma função? O que dizer diante da informação que a violência contra mulheres negras se torna ainda mais frequente e fatal que aquela voltada contra mulheres brancas?

Todas essas relações são invisíveis sem a atividade política de pensar sobre o próprio pensamento e agir coletivamente em busca da utopia de um mundo mais cidadão.

² Doutor em antropologia, professor do Curso de Ciências Sociais da URCA e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará.

para a maioria. Mais do que transmitir uma mensagem por palavras, esses grupos queriam mostrar um novo estilo que transitava entre o sujo e o belo, a periferia e o centro.

Podemos ver a relação entre momentos históricos de mudança e o uso dos muros como formas de expressão como aconteceu em Portugal, onde houve um grande relevo do uso dos muros após 25 de Abril de 1974, quando o regime ditatorial vigente desde 1933 foi deposto. Também os graffitiis que cobriram toda a extensão do lado ocidental do muro de Berlin, nos anos 1980, e o spray também foi usado para fazer inscrições contrárias aos regimes ditatoriais na América Latina, entre os anos 1970 e 1980.

Além de questões gerais como a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e as lutas políticas na Europa e América Latina, o graffiti também passa a tratar de questões locais como os anseios de jovens que viviam em bairros periféricos de Nova Iorque e depois em São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e das mais diversas cidades e comunidades. Convertiam-se em veículo de comunicação das minorias, trazendo novas questões para os debates visíveis nos muros, postes e quaisquer superfícies das ruas.

A heterogeneidade das questões que o graffiti passa a abordar também leva ao uso de suportes diversos, para além da tinta spray, como o que chamamos de graffiti reverso, feito por artistas como Alexandre Orion, que, em julho de 2006, usou água para desenhar caveiras no túnel que liga a Cidade Europa e a Avenida Jardim, em São Paulo.

O trabalho consistia em desenhar limpando a poluição incrustada no concreto e Alexandre revela que foi parado várias vezes pela polícia, que não podiam impedir de "limpar" a parede. A sua intervenção fazia uma forte crítica à poluição citadina, mostrava a sujeira da cidade e destruição que causava. No dia seguinte à intervenção, a prefeitura de São Paulo fez uma limpeza geral no túnel apagando as caveiras desenhadas com água na madrugada do dia anterior.

Além da crítica à poluição, os mais variados temas passam a ser discutidos pela arte urbana como a violência, o abandono do patrimônio público, intolerância religiosa e de gênero, fazendo com que os muros passassem a ser um importante elemento comunicacional para a sociedade contemporânea.

Por tornar visível a demanda de grupos excluídos, os graffitiis podem atuar no desvelamento desta ordem presente numa sociedade que escolhe quem deve ser ouvido e quem vai ter sua fala silenciada. O graffiti, assim, surge como uma forma de possibilitar que diversidade seja ouvida e o muro criado para separar, pode ser tela, pode ser meio de comunicação para a escrita de uma palavra de contestação, pode trazer as cores dos sonhos de um mundo melhor e atuar na sua materialização.

Existe, assim, uma disputa por visibilidade que torna a cidade um campo comunicacional onde mensagens transitam, algumas possuem seus lugares oficiais ou comprados e outras são escritas sem autorização, na proteção das sombras noturnas, mas que estampam as ruas e afrontam a ordem hegemônica.

Por este motivo vemos em tantos contextos a perseguição aos graffitiis como em São Paulo, na gestão do prefeito João Dória, com a pintura de cinza de vários murais, ou em Fortaleza, quando iniciaram um debate de preservação do patrimônio público depois que o artista Rafael Limaverde pintou o Farol, durante a primeira edição do Festival Concreto, em 2013, e jogou luz para a situação de abandono do local e das pessoas do entorno.

Mesmo uma cidade cinza, com muros cheirando à tinta e câmeras a nos vigiar, terá sua normalidade perfurada como uma planta que cresce na rachadura de uma parede e coloca em evidência as falhas de todo o processo de construção e de manutenção de uma obra. Os graffitiis mostram as rachaduras sociais, mostram as cores dos discursos invisibilizados, conferem polifonia e heterogeneidade às ruas e demandam mudanças que não podem mais ser ignoradas.

O graffiti, então, desde o seu surgimento, foi um elemento de contestação, uma forma de representação das heterogeneidades e um campo de luta por mudanças sociais. Ao andar pelas ruas e ver um graffiti estampando um prédio, fazendo uma crítica social, podemos reconstruir nossa relação com o espaço, talvez até entender a situação de opressão a que somos submetidos e iniciar uma jornada em busca de sua superação.

Deixar-se guiar pela gramática do senso comum é apagar as desigualdades e hierarquias que desqualificam algumas formas de vida, tornando-as insuportáveis, marcadas por uma herança maldita que refreia potenciais de mulheres, localizando-as em função de outro, supostamente mais qualificado, melhor e mais racional que aquela que serve, que apanha, que morre pelas mãos de seus companheiros ou cujo trabalho é desqualificado como trabalho.

Interessante pensar que esses números e estatísticas, a que todos e todas temos acesso hoje em dia, foram produzidos a partir do momento histórico em que as desigualdades de gênero passam a ser denunciadas.

Por incrível que pareça, há apenas algumas décadas não ter direito a voto, não ter acesso aos bancos das instituições de ensino, ser desqualificada moralmente por trabalhar fora de casa fazia parte do cotidiano de todas as mulheres no mundo ocidental.

Olhando esse passado recente, comparando-o às demandas de hoje do movimento feminista, é possível pensar como direitos que estão na pauta do dia, tais como: a decisão sobre o próprio corpo; o direito a um salário justo; o direito a transitar em lugares públicos com a mesma segurança que os corpos masculinos. Tais direitos fazem parte de um movimento de aproximação das noções de cidadania e democracia fundamentais para nossa sociedade.

Desqualificar essa busca e a crítica social cotidiana para atingi-la seria o mesmo que descartar a razão e a reflexão como instrumentos essenciais na construção de um mundo mais justo. Algumas pessoas ficarão bastante surpresas ao saber em que devemos essas estatísticas e esse conjunto de demandas ao feminismo. Sim! Ao refletir a partir da noção de gênero, o feminismo é e tem sido por muito tempo um aliado imprescindível para a ideia de que pessoas não valem por suas relações de mérito pessoal, pelo gênero que lhes é assinalado no momento de seu nascimento, por herança ou por serem importantes em si mesmas, mas por serem cidadãos e cidadãs! Indivíduos com direitos e deveres semelhantes amparados pelo estado e construídos por seus próprios méritos em um mundo de relações entre pares.

Quanto mais somos alertados por jornais, mídia eletrônica e TV sobre quão distantes nos encontramos dessa utopia, mais se torna necessária nossa adesão a ideia de igualdade! Mais se tornam necessárias nossas atitudes, nossa reflexão e nosso tempo para que a utopia da democracia não seja descartada.

Vamos pensar um pouco, portanto, sobre o que aprendemos com o feminismo e a noção de gênero.

O que a noção de gênero nos revela?

Gosto de pensar que a noção de gênero revela a todos nós a importância da experiência humana de associar-se com o que lhe é semelhante.

Dessa forma, mesmo em uma sociedade que utiliza diferenças para excluir, estereotipar e minimizar a experiência do outro, as identidades sociais têm sido uma arma fundamental para dar visibilidade a reivindicações coletivas.

É fácil perceber como o movimento social de mulheres e o movimento negro se impõem à medida que ganham adesão entre diferentes experiências de ser mulher e de ser negro e conferem visibilidade a essas experiências.

“Existimos e resistimos”- diz uma palavra de ordem repetida em muitos lugares, em muitos atos políticos. Tornar-se visível como experiência humana que vale a pena ser vivida é importante para todos aqueles que ocupam lugares subalternos. Para aqueles cuja expressão de identidade se tornou um tabu. Para aqueles cuja existência é compreendida socialmente como um entrave a um suposto bom funcionamento da sociedade branca, masculina, heterossexual e de classe média.

Assim, o movimento social de mulheres e os feminismos foram aos poucos utilizando esse dispositivo de estabelecer relações

socialmente hierárquicas chamadas “gênero” em uma arma para denunciar essas desigualdades.

Essa identidade social que aproxima os seres semelhantes em torno de reivindicações comuns não existe como um princípio natural. Ela não é o que é ou o que sempre foi. Ela está sempre amparada em como eu vejo a mim mesmo na relação com o outro e como os outros me veem. E essa percepção e espelhamento se dá a partir de relações construídas culturalmente ao longo da história. É dessa possibilidade de pensar em si mesmo coletivamente e pensar como o outro me percebe que se articula um discurso sobre identidade. Uma forma de identificação coletiva, com reivindicações coletivas, a partir da articulação narrativa. A partir de semelhanças visíveis.

Em uma palavra: é da relação social construída historicamente que se conferem relações de identificação. O feminismo tem convidado homens e mulheres a pensar em si mesmos a partir da identidade de gênero e o lugar que cada um ocupa se pensarmos por essa chave.

Que relações de gênero são expressas no mundo do trabalho quando alguém é assediado? Que relações de gênero percebemos nos comerciais do dia das mães? Que relações de gênero reproduzimos em nossas atitudes cotidianas em casa?

O feminismo impôs o hábito de pensar com gênero.

Articulação e disputa de mundos em perspectiva

O antropólogo americano radicado no México chamado Oscar Lewis nos lembra que uma das características da precariedade daquilo que ele chama “Cultura da Pobreza” é a impossibilidade de reconhecer-se como parte de algo; de um lugar no mundo que articule coletividades, que perdure no mundo.

Mais que uma relação de desigualdade econômica, da possibilidade ou não de venda de sua força de trabalho, da valorização ou não de seu saber-fazer, aquele que se identifica com o que Lewis chama cultura da pobreza se caracteriza pela impossibilidade de pensar em si mesmo como alguém que tenha pares. Não à toa, Oscar Lewis diz que movimentos sindicais, participação em grupos de cultura popular ou movimentos sociais amparam uma identidade social a partir do momento em que permitem àqueles advindos de uma cultura da pobreza encontrar um lugar para si como membro de uma coletividade.

Tais movimentos possibilitam que moradores de bairros periféricos passem a se identificar não mais como alguém sem lugar no mundo, mas como operário, como representante de uma cultura popular, como negro, como mulher. Enfim, ele ou ela agora se pensa como alguém com uma história que os antecede e que depende dele ou dela para suceder.

Euclides da Cunha encontra uma metáfora paralela à ideia de cultura da pobreza. Quando o autor de “Os Sertões” descreve o sertanejo como um acidente ocorrido a partir do cruzamento de raças distintas, descreve o sertanejo como alguém sem lugar no mundo.

As duas noções falam da exclusão de minorias, que, paralela à exclusão do mundo do consumo, se veem na impossibilidade de pensar sobre si mesmos. Excluídas do mundo por ausência de uma identidade social. Alijada do consumo, das linhagens de parentesco, da raça e do lugar oficial de constituir “sociedade”, a cultura da pobreza produz seres errantes, esboços sem finalidades.

Para Oscar Lewis, a identificação com um lugar no mundo, com um projeto coletivo propõe ao sujeito uma perspectiva de lugar.

Se voltarmos à cena da mesa de jantar, para a divisão das tarefas domésticas, perceberemos vínculos entre a pessoa que nos serve e nunca é servida na mesa de todo dia e as ideias de sertanejo em Euclides da Cunha e de Cultura da Pobreza, em Oscar

Lewis.

A vida de todos esses seres está irmanada pela ausência de palavras para expressá-las. Por serem invisíveis. Objetos de (des)identificação.

Por isso, pensar que o movimento feminista foi importantíssimo para conferir a possibilidade de igualdade de direitos civis, votar e ser votada; reivindicar direito à vida; reivindicar o direito a seu próprio corpo, é pensar que sujeitos, inconformadas com a definição de seu lugar social a partir das desigualdades, buscaram coletivamente tornar-se cidadãos de direito.

Certa vez o repórter de um jornal me perguntou qual a importância do nome social para as pessoas trans. Pensei a partir dali que a importância não é só para as pessoas trans. O acesso a uma identidade, um nome em que as pessoas trans se reconheçam é fundamental para todos os que estamos amparados por uma sociedade que persegue a utopia da igualdade e do reconhecimento do outro como um par. Alguém portador de direitos sociais comunicados socialmente a partir de um nome.

Dessa forma, o feminismo nos ensinou que a “visibilização” de identidades sociais e desigualdades onde antes só existia silêncio e opressão é um braço fundamental para a construção da agenda política da experiência democrática.

A importância do feminismo não é só essa. O feminismo nos fez perceber que atores sociais articulados podem denunciar uma narrativa parcial sobre o mundo.

Se lembrarmos a traumática cena de posse do atual presidente, após o golpe que depôs a presidente Dilma Roussef, fica evidente o desejo pelo poder de homens brancos, de meia idade, heterossexuais e destituídos de qualquer intenção de pensar um mundo como um lugar habitado por diferentes formas de viver.

Os desastrosos frutos desse golpe e da política pensada como a tentativa de manutenção de privilégios para aqueles que se acreditam representantes legítimos de uma forma superior de existência impõe a todos nós pensar que essa experiência localizada de política, de ciência, de família tal como narrada na experiência ocidental hegemônica não nos representa.

A articulação narrativa identificada a partir da noção de diferenças é fundamental e foi uma das grandes novidades dos feminismos para as ciências sociais pós anos 1970.

Essa disputa por “mundos em perspectiva” ficou evidenciada recentemente no Cariri em um auditório do Instituto Federal do Ceará. Ali, um grupo de jovens estudantes de várias instituições de ensino superior e professores da rede pública tentavam impedir o avanço de um famigerado movimento político que tenta barrar o debate sobre gênero nas escolas. Esse movimento, enfrentado por políticos de extrema direita e líderes religiosos, tenta desautorizar em um só golpe Ministério da Educação; os Parâmetros Curriculares Nacionais; e a autonomia de formação das instituições de ensino superior, tal como preconizadas pelo Sistema Nacional de Educação.

Encontravam-se no auditório do IFCE militantes dos dois lados da disputa. Ali, enquanto religiosos fundamentalistas brancos tentavam confundir formação de gênero com pedofilia, representantes das universidades públicas, militantes feministas e GLBTT tentavam explicitar a variedade de modelos de família e experiências humanas, a partir de marcadores como raça, classe social, sexualidade, gênero, etc.

As duas posições eram sintetizadas a partir de palavras de ordem gritadas à esquerda e à direita, em setores muito bem divididos no auditório: cristãos brancos gritavam: “Abaixo a pedofilia. Eu amo minha família”, os movimentos sociais respondiam: “Abaixo a homofobia. Eu amo minha família.”

Evidenciava-se nesse embate que estávamos disputando modelos diferentes de família. E que o modelo cristão apoiado ali estava, talvez momentaneamente, alinhado a um projeto político de apagamento e extermínio da experiência do outro e da

diferença. É a articulação narrativa de direitos, a validação da experiência e a coexistência narrativa de mundos em disputa que o feminismo nos fez enxergar nos anos 1970.

É preciso dar visibilidade ao fato de não quisermos hoje compor um modelo cristão militarista de família. Insistimos em afirmar que desejamos estar em um mundo que seja bom o suficiente para amparar nossas vivências e diferenças.

Para isso, é necessário que aprendamos duas ou três lições com o feminismo.

Em um texto muito conhecido sobre gênero, Joan Scott nos ensina que para compreender o processo histórico que dá materialidade às experiências de gênero é necessário observar os modelos atuais socialmente presentes e frequentes que amparam as percepções de gênero. É necessário compreender como vários modelos coexistem.

É necessário compreender também como a inclusão ou exclusão social se dá a partir da negação de outros modelos que estabeleceriam limites narrativos para a identificação e inclusão de vivências em uma determinada categoria. Sabemos, portanto, que uma freira, uma mototaxista nunca aparecerão em um comercial do Dia Internacional da Mulher. Que só recentemente, é que mulheres negras passam a aparecer nos comerciais de TV, mesmo nos de lojas populares com compradoras majoritariamente não brancas. Regular gênero, como nos ensina Joan Scott, é regular as imaginações sobre gênero.

Por fim, aprendemos também com Joan Scott que é necessário pensar como a experiência social apoiou e institucionalizou esses modelos. Gênero é uma experiência no mundo que reivindica recursos financeiros e institucionais para se perpetuar.

Não à toa, as escolas técnicas fundadas na época do desenvolvimentismo no Brasil eram compostas por duas formações elementares: a de técnico agrícola e a de economia doméstica. É fácil pensar que cada um desses cursos regulava as atividades e identidades de jovens, associando-os de forma imediata a uma atividade específica. Constituindo-os como homens e mulheres. Não qualquer homem e qualquer mulher, mas o homem e a mulher requeridos pelo estado! Unificados, ordenados e financiados com o erário público em nome do desenvolvimento da nação.

A partir de nossa experiência particular é fácil pensar que esses modelos são perpetuados e subjetivados de forma bastante particular. Cada um de nós transformou esses modelos visibilizados em nosso tempo em ações no mundo, em desejo, em trajetória de vida. Cada um de nós corporificou e corporifica esses modelos. Para Joan Scott, essas quatro dimensões podem nos fazer perceber as experiências sobre gênero.

São essas formas de visibilizar gêneros que estão em disputa no nosso cotidiano. Por isso, a iniciativa que coloca nas paredes da Universidade Regional do Cariri dezenas de imagens que remetem à ideia de gênero, raça e diferença é uma ideia tão feliz.

Durante três meses, artistas de origens diferentes, com marcadores sociais diferentes, foram convidados a um exercício de imaginação. Esse exercício multiplicou as formas de visibilizar relações entre homens e homens, homens e mulheres, mulheres e mulheres. Essas relações se estenderam a objetos e animais. Todos eles pintados, todos eles engendrados. Pensados com gênero. Ocuparam o lugar de paredes sujas e palavras grafadas depressa, no calor das batalhas. Cada um de nós olhou para as imagens, imaginou, pensou no que faltava dizer, negou o que viu ou aquiesceu. Gostou ou não gostou das cores, imagens, localização. Mas certamente, passou a imaginar com elas. Imaginar-se a partir delas. Afinal, a lição do feminismo é que é sempre útil se pensar com imagens e gênero. Além disso, pensar a si mesmo e ao outro a partir de imagens disponíveis pode nos levar ao êxito da experiência democrática, só atingível a partir da tolerância.

Referências

Cunha, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Lewis, Oscar. Antropología de la pobreza. Cinco familias. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.
Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%c3%aanero-Joan%20Scott.pdf Acesso em: 14/12/2017

COMO TOLERAR O INTOLERÁVEL?

Otilia Aparecida Silva Souza³

Os caminhos percorridos pela humanidade para o seu desenvolvimento deixaram registros concretos da intervenção do homem no espaço. Em todas as civilizações e em todas as épocas ele deixou sinais por onde viveu para determinar a sua presença e firmar a sua história – dizer que esteve ali, que construiu algo naquele lugar. Por isso, por onde passou, contou um pouco da sua cultura, do seu modo de vida porque toda a sua produção refletia os seus valores e os valores do seu grupo. Só assim foi possível conhecer um pouco da cultura de tantas sociedades e saber da história de tantos povos.

No entanto, a história do desenvolvimento da humanidade também trouxe consequências nocivas que seguem lado a lado com os avanços e as conquistas obtidas nesse mesmo contexto. Uma delas refere-se ao estilo de vida imposto pelo desenvolvimento do capitalismo que passou a ser determinado de acordo com o ritmo industrial e impôs uma nova noção de tempo à sociedade contemporânea, atribuindo-lhe um novo significado, transformando-o em algo mais rápido agora, mais efêmero.

As marcas desse novo tempo se manifestaram de várias maneiras, mas para torná-lo real foi necessário, então, atribuir valores; dar um sentido a ele. Assim, todo um aparato foi construído: verdadeiras indústrias que trabalham incessantemente com o objetivo de dar consistência e sustentação a esse novo ritmo, essa nova forma de viver que tem o consumo como seu ingrediente mais importante.

Dessa maneira, uma série de produtos com funções e formas variadas são apresentados diariamente às pessoas através de eficientes mecanismos de atração (e alienação) para que elas sejam seduzidas e convencidas a entrar no mundo dos normais – onde todos podem comprar e, portanto, todos são (supostamente) considerados iguais. As emoções foram potencializadas – elas servem como combustível pois excitam os ânimos e acentuam os desejos. Portanto, também devem ser comercializadas.

Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar em uma ordem, atribuí-lhes funções na comunicação com os outros, são os recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais. [...].

É nesse jogo entre desejos e estruturas que as mercadorias e o consumo servem também para ordenar politicamente cada sociedade. O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados (CANCLINI, 2006, p. 65).

Por isso, o consumo adquiriu status e passou a ser utilizado como meio de distinção e diferenciação entre grupos e classes sociais. É, portanto, uma medida de controle social e é por este motivo que somos levados a assimilar informações e imagens, a almejar sons, odores e cores sem que possamos filtrá-los ou organizá-los mentalmente. Incorporamos cotidianamente uma série de valores que interferem no nosso jeito de ser e de sentir as coisas. A realidade é alterada, é desarmonizada. Estamos imersos na era da supermodernidade, momento em que os “aspectos mais agressivos ou mais desarmonicos” (AUGÊ, 2005) da realidade se mostram e se manifestam nos modos de vida das pessoas, tornando-as reféns de um mundo novo, estranho e sedutor. Mas nele, o

³ Antropóloga, mestra em Antropologia, doutora em Artes, professora do Curso de Ciências Sociais da URCA.

espaço é reduzido e, logicamente, não consegue contemplar a todos. Assim, são criados variados mecanismos de seleção baseados em critérios múltiplos com o intuito de organizar e conduzir a existência de quem foi escolhido para pertencer a esse novo mundo.

O modelo que se estabelece, a partir de então, destrói antigos preceitos e altera as formas de apreensão da realidade dos diversos grupos sociais. A consequência mais imediata disso tudo é uma corrida desenfreada das pessoas em busca de objetivos concebidos como vitais, mas que são absolutamente ilusórios e falsos, pois nunca saciam as suas vontades, já que foram construídos e forjados por outros.

Nesse sentido, a vida passa a ser conduzida através de uma lógica invertida pois o que antes era compreendido como imprescindível à sobrevivência humana – moradia, alimentação, saúde, lazer e educação – torna-se secundário e adquire um significado quase obsoleto. Em substituição a essas ‘necessidades universais’, são introduzidos outros itens, agora considerados essenciais e urgentes.

Assim, os ingredientes indispensáveis à satisfação humana passam a ter como substrato principal a obtenção de poder, que se mostra, também, alterado na sua forma, camuflado. E, o que antes era uma prerrogativa de poucos, agora é buscado por muitos, impulsionados pela ilusão de um dia fazerem parte desse seleto grupo que, ironicamente, é fortalecido por quem sempre estará fora, mas luta permanentemente para pertencer a ele.

A busca pela obtenção de poder é impulsionada através de diversos estímulos que são segmentados para atender as mais diferentes demandas. A ganância, a gula, a violência, o dinheiro, a tecnologia, a religião e o sexo, tanto quanto as guerras e os sentimentos tornam-se veículos para a conquista do poder, que se apresenta através desses valores como capazes de proporcionar a realização completa dos seres humanos. E, quem não conseguir se esforçar pela conquista desse objetivo, passa a ser visto como um ser a parte, que não pertence ao ‘mundo dos normais’. A palavra empoderamento (tão respeitada por incentivar as minorias a crescerem enquanto categorias sociais) passa a ser utilizada com outro sentido, sugerindo a ideia de que o poder deve ser alcançado, não importando como.

Outra, e não menos danosa consequência, é que tudo isso provoca uma espécie de exclusão que extrapola o âmbito do econômico e do cultural – fatores até então considerados os desencadeadores clássicos das diferenças e desigualdades. A exclusão que se estabelece atualmente continua sendo guiada por esses interesses, mas a eles são acrescentados outros de natureza diversa, igualmente nocivos, que obedecem aos anseios de uma sociedade cada vez mais individualista e ambiciosa. Por isso, os representantes do poder não se encontram apenas entre ricos e políticos, eles agora contam com apoio e adesão de outras categorias, comprometidas igualmente em lutar por ideais que supõem ser os mesmos.

Mas, em grupos dessa natureza, um espaço não é conquistado tão facilmente. Assim, a intolerância tornou-se uma prática comum porque estar inserido significa expulsar para o outro lado aqueles que não se encaixam nas normas e regras desse novo modelo de sociedade. Na tentativa de legitimar essa realidade, antigos males são resgatados transformando a sociedade contemporânea, plena de avanços e transformações, em uma fonte de conservadorismo e desrespeito às liberdades de expressão.

Dessa maneira, tudo o que até então sugeria a ideia de mudança, de transgressão e de exercício das liberdades individuais é ameaçado por aqueles que pretendem, a qualquer custo, impor o seu modo reacionário de ver e conceber as coisas. A violência passa a ser utilizada como ferramenta principal para impor a ordem e acalmar os inquietos, os que não se contentam com o que está posto. Por isso ela é banalizada e transformada em espetáculo. A espetacularização da violência, inclusive, tem sido a maneira mais objetiva de justificar as atrocidades cometidas em nome da obtenção do poder e do controle da sociedade.

Aqueles que começaram, enfim, a usufruir os seus direitos e a exercitar os seus desejos e crenças – oprimidos ao longo de várias gerações – passaram a ser rechaçados e ridicularizados por um exército de vigilantes dedicados a observar e perseguir quem não se encaixa nos seus moldes. Essas pessoas percebem a realidade a partir de referenciais polarizados nos quais a ideia do múltiplo, do diverso não é considerada. Assumem o papel de guardiãs: da família, dos costumes, da religião, da orientação sexual, das identidades étnicas, e postulam como verdades universais as suas ideias ultrapassadas sobre os princípios sagrados daqueles que estão sob as suas miras.

Nesse contexto, o simples fato de pertencerem a segmentos sociais historicamente discriminados transforma em vilões os mesmos cidadãos que lutaram incansavelmente na busca por melhores condições de vida e pela ampliação da liberdade de expressão. A sociedade torna-se cada vez mais segmentada, esquadrihada, classificada.

Vivemos na era dos rótulos, das nomeações. E é isso que determina o espaço a ser ocupado pelos portadores ‘daquelas marcas e daqueles nomes’, na divisão estabelecida a partir dessas atribuições.

O ser humano é colocado frequentemente no limite: da miséria, da tolerância. E, para garantir a sua vida, age como se estivesse em um campo de batalha, sempre pronto a lutar, a defender os seus e a resistir. A palavra resistência, inclusive, virou sinônimo de sobrevivência para quem compreende que só se consegue um mínimo de dignidade e respeito mostrando autonomia e registrando os seus anseios de forma contundente.

Nesse contexto, a arte surge como uma possibilidade de mudança, de libertação. Manifesta-se espontaneamente nas ruas, escolas, praças, presídios e universidades através de artistas detentores das mais variadas habilidades. Vem através da música, composta em bares, igrejas, favelas ou passeatas políticas. Vem pela dança, que faz os corpos bailar ao som de tambores pulsando em festas e celebrações, mas que também os faz dançar transmitindo o ritmo das angústias e desesperos diante de tanta maldade e tanta exclusão. Surge através de mãos de todas as cores que pintam as casas, paredes, terreiros e telas mostrando ao mundo que na criatividade não existem fronteiras, credos ou raças.

A arte tornou-se, então, uma importante ferramenta para transmitir o sentimento humano em situações de crise. Ela consegue refletir os medos, as angústias e as revoltas que acometem os indivíduos em momentos de miséria e opressão. Expressa ainda, através de suas narrativas e poéticas, anseios e desejos de uma vida mais digna. Por isso é concebida por alguns como armas, pois não se submete a censuras, limites ou restrições. Com o seu caráter político e libertário a arte denuncia o tempo todo que a consciência (social, econômica, religiosa, étnica, de gênero) independe de imposições, porque não se combate a intolerância com aceitação, tolerância ou resignação.

No “Grafite Tolerância”, evento organizado pela coordenação do PIBID de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, o(a)s artistas participantes transmitem, através dos seus murais, exatamente o sentimento de indignação e revolta que incomoda as suas mentes. As obras que agora estão expostas nas paredes da Universidade mostram, além do colorido e da beleza plástica contidas nelas, que é impossível aceitar o inaceitável e que só se consegue combater a intolerância com a imposição da resistência e da liberdade.

Referências

AUGÊ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

PARA ALÉM DA TOLERÂNCIA

Carlos Alberto Tolovi⁴

Início de conversa

Não é possível ter dúvidas de que a humanidade progrediu e continua progredindo rapidamente em muitos aspectos. Tecnologicamente, por exemplo, avançamos de forma admirável. No que se refere ao acesso à informação, tivemos uma evolução incontestável. Porém, do ponto de vista da humanização, vivemos uma fase de profunda crise. Um dos elementos que está na base desta crise no Brasil atualmente pode ser encontrado no mundo inteiro e possui uma base moral, em conflito com a ética. Quando a moral é colocada a serviço da dominação, a ética não encontra espaço para gerar reflexão. Neste caso, a motivação ignora completamente a fundamentação. Esta motivação encontra no campo dos valores culturais a sua base de sustentação. Em uma cultura machista, por exemplo, se o homem se sente traído em sua “honra” ele encontrará motivação para matar sua mulher e toma esta atitude em nome de um valor moral, explorado em suas tradições culturais. Neste contexto, a sua violência contra a mulher encontra explicação e justificação.

Mas, qual seria a diferença básica entre ética e moral? Enquanto a moral exige apenas adesão, a ética exige reflexão. Enquanto a moral se limita a normas pré-definidas nos limites de uma determinada cultura, a ética busca extrapolar estes limites tomando como referências valores que se constituem como princípios.

Sendo assim, em uma cultura machista o debate sobre gênero parece ser ameaçador. Em uma cultura racista o debate sobre cotas para as Universidades Públicas parece ameaçar a meritocracia branca. Em uma cultura cristã fundamentalista a laicidade do Estado serve apenas de aparência. Não importam os princípios que sustentam a alteridade e a dialogicidade. O que interessa é a sustentação de valores morais que garantam uma relação de dominação já constituída. Estes valores são cultivados pelos hábitos, costumes e tradições, sendo reproduzidos nos núcleos familiares de um determinado grupo social. Enfim, são valores repassados por meio de uma relação educativa.

A educação na disputa pela hegemonia

No Brasil, mais do que nunca, o Estado está em disputa. As classes sociais estão em guerra. Contudo, quais são as armas da elite brasileira em luta pelo controle social? Ela já percebeu que a mesma estratégia que funcionou na colonização continua eficiente até os dias de hoje: é mais fácil convencer e dominar investindo no campo dos valores morais do que no campo da força bélica. Por isso o projeto colonial sempre precisou da religião como instrumento ideológico. Toma-se como ideologia um conjunto de ideias que gera convencimento e adesão colocadas na perspectiva das relações de poder. Afinal, os colonizadores sabiam: não bastava vencer uma guerra para estabelecer a dominação. Como afirma Gramsci, o poder é garantido fundamentalmente pela hegemonia cultural. Contudo, para isto, segundo o mesmo autor, a classe dominante precisa basicamente de três instrumentos: o sistema educacional, as instituições religiosas e os meios de comunicação.

⁴ Filósofo, doutor em Ciências da Religião, professor do Curso de Ciências Sociais da URCA.

Atualmente, na disputa pelo controle do Estado e pela hegemonia, podemos observar que a grande mídia brasileira já está nas mãos da classe dominante. O crescimento das escolas, faculdades e universidades particulares colocou grande parte do sistema educacional também nas mãos da classe dominante, impedindo que seus professores e estudantes discutam a conjuntura brasileira, as relações de poder no campo da política, ou mesmo questões que envolvam a moral que serve de sustentação da hegemonia vigente. O campo da educação, nestes últimos anos, foi profundamente mercantilizado com o objetivo de preparar mão de obra qualificada para o mercado capitalista.

Contudo, para a elite dominante, isso não é o bastante. Ela percebe que ainda não possui o completo domínio sobre as redes públicas de ensino. Este se tornou um campo específico de disputa ideológica. O que justifica a famigerada “reforma do ensino médio”, o projeto “escola sem partido”, a bandeira levantada contra o que eles mesmos definiram como “ideologia de gênero”.

No entanto, não podemos perder de vista o fato de que a disputa pelo domínio do sistema educacional está ligada a um plano bem maior e muito bem arquitetado. E este possui como pano de fundo uma dimensão ideológica que precisamos evidenciar. Afinal, se preparamos nossas crianças, adolescentes e jovens para o mundo do trabalho, retirando direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, vamos precisar da moral e da religião para evitar a rebeldia descontrolada. Tal foi a estratégia utilizada pelos colonizadores ao chegarem ao Brasil.

Neste contexto entra o debate sobre o gênero. O argumento moral gera motivação, sem fundamentação: “nossas criancinhas estão correndo perigo”; “estão querendo acabar com nossas famílias”. Diante deste apelo moral, não há espaço para reflexão em busca de uma fundamentação ética. Afinal, a motivação é “sacralizada” e mitologizada.

De acordo com Feuerbach, Deus é a essência humana exteriorizada, que o ser humano não reconhece como sua essência projetada, e que volta para ele como Deus.⁵ Associando esta argumentação à crítica nitzschiana, podemos dizer que os seres humanos projetam para Deus as suas necessidades morais. Portanto, quando parece estarem defendendo Deus, na verdade estão defendendo seus valores morais. Neste contexto, Deus deveria morrer para que a moral, que serve como elemento de dominação, pudesse ser desconstruída. Afinal, o que estaríamos matando não seria Deus, mas um mito. Uma construção humana. Por isso Paulo Freire já denunciava que os opressores, para dominarem e controlarem os oprimidos, precisam mitologizar a realidade. Isto é, sacralizar o argumento para gerar convencimento e adesão, o que é indispensável no campo da ideologia e na perspectiva da colonialidade.

Portanto, não existe neutralidade no mito e na ideologia. São duas dimensões que estão sempre ligadas à guerra entre as forças de dominação e a luta pela libertação. Na disputa entre a hegemonia e a contra-hegemonia.

Se o Estado está em disputa, o sistema educacional, como aparelho ideológico dele, foi colocado em xeque. Em meio a tudo isso está o educador e a educadora. A “escola sem partido” representa claramente a “lei da mordaga”, que busca tirar do educador aquilo que ele possui como caráter inalienável: sua liberdade de expressão e de posicionamento.

Neste contexto, o que representa a discussão sobre gênero? Apenas um elemento motivacional, como argumento moral, para gerar um tipo de convencimento e adesão a nível nacional que possibilite algo muito maior: a retomada da completa hegemonia. Portanto, uma estratégia ideológica.

Como afirma Vladimir Safatle, “o Brasil cria coesão através da constituição de inimigos internos”. (2017, p.60). Entre estes inimigos agora estão o professor e a professora. São estes e estas que agora colocam em risco a “ordem nacional”, ameaçando

⁵ Sobre este assunto cf. Ludwig Feuerbach. *A essência do cristianismo*. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1997.

de suas veias: é o seu pensamento” (2008, p.416). Sendo assim, se eu consigo produzir uma imagem de Deus, por meio de uma narrativa moral, e faço toda uma coletividade voltar seu pensamento para este deus, então eu tenho em mãos um instrumento ideológico de dominação utilizado em todos os processos de colonização. É uma forma eficiente de internalização da submissão. Quando Moisés, conduzindo o seu povo para a “terra prometida”, fala em nome de Deus, ele está autorizado a colocar em sua narrativa todos os valores morais entendidos como necessários para criar coesão na difícil e árdua missão de atravessar o “deserto” da individualidade, em busca de uma sociabilidade harmoniosa. Neste contexto, se os valores existem a partir de uma construção humana, e se são sacralizados a partir de uma narrativa, então é possível transformar valores morais em “vontade de Deus”. Sendo assim, é possível afirmar a vontade humana como vontade divina. Para um povo religioso, nada mais convincente e agregador que a “palavra” e a “vontade” de Deus. Ela é capaz de legitimar todo um projeto de dominação.

Intolerância e tolerância em debate

Na perspectiva do que vimos anteriormente, qual é o perfil dos que são transformados em inimigos? Aqueles que não comungam dos mesmos valores morais que servem de “substrato” da hegemonia. Com isso, o sentimento de intolerância é alimentado como uma estratégia. Afinal, a intolerância justifica a violência.

Por outro lado, perguntamo-nos: neste contexto de intolerância, a tolerância seria uma saída? A tolerância garantiria uma relação de alteridade? A tolerância garantiria uma relação dialógica?

Eu não preciso conhecer e nem dialogar para tolerar. Mas preciso, no mínimo, respeitar. Sendo assim, combater a intolerância é algo profundamente necessário e emergencial em nossos dias. Afinal, esta postura manifesta ódio. O ódio justifica a violência. A violência canalizada para uma vítima, que assume o papel do “bode expiatório”, justifica o sacrifício. É neste sentido que os projetos de leis disseminados nas câmaras de vereadores de todo o país contra o que ideologicamente foi definido como “ideologia de gênero” se espalham como um grande ritual para apaziguar a violência contida na cultura cristã que não suporta discutir a sexualidade e o gênero por se tratar de um debate que atinge a relação de poder. Sendo assim, como afirma René Girard, “A função do ritual é ‘purificar’ a violência, ou seja, ‘enganá-la’ e dissipá-la sobre vítimas que não possam ser vingadas” (1990, p. 53). Enfim, a violência sacralizada pela moral busca atingir o perfil de uma vítima que não possui poder de reação. O que não coloca em risco o sistema de dominação hegemônico.

É neste contexto que colocamos a questão: se a intolerância deve ser superada, a tolerância seria o ponto de chegada, ou um novo ponto de partida? Não seria um momento de passagem?

Se a tolerância for tomada como uma forma de respeito, ela pode ser a primeira etapa de superação da intolerância. Inclusive porque o respeito abre espaço para o diálogo. Respeitar extrapola os limites do “suportar”. O respeito leva em conta a diferença com a possibilidade de convivência. A arte talvez seja a melhor forma de linguagem para abrir estes espaços de reflexão onde o “contemplar” vai além do observar e suportar. Na contemplação a manifestação artística ganha vida e autonomia, entrando em ação, atingindo o espírito humano.

As narrativas da classe dominante em curso apontam os diferentes como aqueles que colocam em risco a ordem social. Sendo assim, em nome de uma “ordenação” artificial e mitológica, geram uma aceitação coletiva, provocando a subjetivação necessária para uma nova forma de colonização. Se o mito nasce a partir de uma narrativa, ganha vida por meio de uma aceitação coletiva e se mantém por meio de rituais e sacrifícios, tudo isso pode ser encontrado no que está em curso atualmente. A narrativa moral gerou adesão. O ritual está acontecendo nas câmaras de vereadores em todo o país; e o sacrifício já está sendo anunciado: a legitimação da intolerância e da violência em nome de uma motivação irracional. E a vítima? Aqueles que não encontram forças para reagir. Como já nos alertava Paulo Freire, quando o oprimido toma para a sua defesa o argumento do opressor ele se torna elemento

as criancinhas indefesas e as famílias brasileiras com estrutura monogâmica e moral cristã. São estes e estas que agora, pela discussão de gênero, colocam em risco até mesmo a sobrevivência da espécie humana. Uma grave ameaça a ser combatida. Neste campo de batalha a nossa classe política é revestida com a falsa roupagem dos defensores da moral e dos bons costumes. E, mesmo sem fundamentação legal ou racional, fortalecem a narrativa que alimenta a justificativa de um “salvador da pátria”, que legitima a violência em nome da “ordem” e do “progresso”, em defesa da “soberania”. Como afirma Agamben, “soberana é a esfera na qual se pode matar sem cometer homicídio” (2015, p. 35). Mas, como se não bastasse a legitimação do assassinato – como aconteceu e continua acontecendo com nossos indígenas, com negros da periferia, com as mulheres, com os LGBTs, etc., - coloca-se em curso também um processo de invisibilização. Quem são os que morrem nas filas dos hospitais por falta de atendimento na área da saúde pública? Quem são os jovens assassinados nas periferias das grandes capitais em confronto com a polícia? Quem são as mulheres estupradas e assassinadas rotineiramente neste país? Quem são os trabalhadores e trabalhadoras em luta pela conquista da terra que perdem a vida nas chacinas encomendadas? Quem são os trabalhadores e trabalhadoras atrás das máquinas e das burocracias que estão vendo seus direitos serem retirados em nome da retomada de uma “economia” divinizada? Eles e elas não possuem rostos e nem história na justificativa do Estado agindo em nome da soberania nacional. Eles e elas representam uma ameaça para a ordem pública. Eles e elas são hoje o que os negros e os indígenas foram no período mais perverso da colonização.

A dimensão da colonialidade na atualidade

Se olharmos mais atentamente para o que estamos vivendo na atualidade em nosso país, podemos perceber um determinado modelo de neocolonialismo em curso. O projeto “escola sem partido”, por exemplo, busca invisibilizar os nossos educadores e educadoras. O que os filhos e filhas das famílias tradicionais cristãs precisam aprender não pode passar mais pela análise e reflexão crítica do professor no campo da política, da religião ou da sexualidade. Os educadores e educadoras não podem assumir mais a condição de sujeitos de pensamento autônomo. Eles e elas devem ser objetivados em uma relação de ensino-aprendizagem que favoreça a manutenção da cultura dominante. Precisam apenas ser instrumentos de ação para a manutenção do sistema hegemônico que, em nosso país, está retomando seu curso de completa dominação.

Enfim, os que estão levantando bandeiras da “escola sem partido” já tomaram o partido da classe dominante. Os que estão levantando a bandeira de combate à ideologia de gênero estão exatamente se utilizando deste debate ideologicamente. Afinal, o que está em jogo não é a lei que estão votando nos mais diversos municípios e estados brasileiros, porque neste campo não há fundamentação legal atualmente. O objetivo é fortalecer um projeto hegemônico que, de alguma forma, precisa se transformar em uma ideologia que gera convencimento e adesão, ofuscando e distorcendo a realidade, transformando a classe dominada em instrumento de um projeto de dominação. E tudo isso utilizando-se da mesma estratégia colonialista, fazendo o oprimido assumir o discurso do opressor, voltando-se contra aqueles grupos que poderiam ajudar no processo de libertação. E neste campo ideológico, um dos elementos mais agregador é a religião, a partir dos valores morais. Mesmo porque, “a religião se assenta menos em sutilezas teológicas do que na virtude agregativa na qual ela é ou não capaz de impulsionar” (MAFFESOLI, 1988, p. 100). Neste sentido, a religião pode servir de força agregadora para um movimento de libertação, como também para processo de hegemonia em função da dominação.

Como afirma Durkheim, “O que o fiel dá ao seu deus, não são alimentos que coloca sobre o altar, nem o sangue que faz correr

fundamental para a manutenção e o avanço da dominação. Contudo, no campo da educação nós podemos provocar o parto deste sistema opressor. Não pregando a tolerância diante de um mito com sustentação moral, mas “desmitologizando” para dialogar em nome de princípios que extrapolam estes limites. É por isso que este campo está em disputa. Nós, querendo ou não, estamos em meio a esta guerra. O que nos cabe não pode se limitar ao combate da intolerância, mas à formação humana para a sensibilidade e o diálogo. Somente quando elevado à categoria de sujeito, em sua dignidade e direitos, é que é levado em conta, com a possibilidade de que ele pense diferente e faça outras escolhas. Só assim eu posso dialogar com ele. Esta atitude vai muito além da tolerância.

Se tomarmos a origem da palavra tolerância a partir do latim *tolerare*, veremos que é um termo que significa "suportar" ou "aceitar". Enquanto você apenas suportar, não estará disposto a dialogar.

Outro conceito muito comum para o termo tolerar consiste em aceitar aquilo que não se quer ou não se pode impedir. Um exemplo muito simples: diante das manifestações das religiões de matrizes africanas, em geral, encontramos dois posicionamentos negativos: por aprendermos que é manifestação diabólica, mesmo sem conhecer, eu não vou tolerar, porque o narrador (líder religioso) me ensinou assim (intolerância); ou, pelo fato de saber que elas existem, independente de minha vontade, não pretendo conhecer, mas aprendi que tenho de tolerar, aceitar a sua existência (tolerância). Novamente afirmamos: estas duas posturas não garantem o diálogo inter—religioso, nem mesmo um processo de humanização.

Só há diálogo na relação de alteridade, no encontro entre eu e tu⁶, entre dois sujeitos que se abrem, de forma “desarmada” para o conhecimento mútuo. Essa postura, no entanto, não elimina as tensões das diferenças, não elimina as discordâncias, não elimina o conflito. Contudo, no campo dialógico, as tensões, as discordâncias, os conflitos não eliminam o respeito à dignidade e ao direito do outro. Este é um exercício que nos desafia todos os dias e em toda a nossa vida. Afinal, durante toda a nossa existência, somos seres em construção, a partir da sociabilidade.

Considerações

O Estado está em disputa entre as classes sociais. O sistema educacional foi colocado em pauta no projeto de hegemonia da classe dominante. Nós, educadores e educadoras, querendo ou não, estamos inseridos nesta “guerra”. Mas, será que temos clara consciência desta realidade? Se temos, deixamos claro o nosso posicionamento? Se nos posicionamos, será que levamos as nossas convicções para as nossas salas de aula?

Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário que professores e professoras compreendam o seu lugar e o seu papel nesta luta e assumam a condição de guerreiros e guerreiras em uma batalha épica entre o mito e a razão; entre a fundamentação racional e a pura motivação moral; entre um processo de alienação em curso, por meio de argumentos morais, e o despertar da consciência crítica, que pode gerar reação coletiva, “empoderamento”, protagonismo e participação cidadã. Nesta guerra ideológica nós temos de admitir que estamos em desvantagem. Isso porque, como vimos anteriormente, o discurso moral é mais agregador que o discurso racional, tomando a ética como base de reflexão. Contudo, talvez esta seja justamente a hora de descobrirmos o potencial revolucionário que possui a rede pública de ensino, a partir da relação educativa. O que vimos em São Paulo recentemente, quando os estudantes ocuparam dezenas de escolas públicas para protestarem contra a merenda escolar, pode nos servir de base para alimentarmos a esperança. Precisamos agora, mais do que nunca, descobrir a possibilidade real e concreta dos educadores e educadoras entrarem no campo da práxis para, junto aos nossos educandos e educandas, minarmos este projeto de hegemonia em curso, que legitima e estimula a intolerância e a violência em nossas relações sociais.

⁶ Sobre este assunto cf. BUBER, Martim. *Eu e tu*. 2 ed. São Paulo: Moraes, 1978.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Meios sem fim: notas sobre a política. Belo Horizonte: Ed. Reimp, 2015.

BUBER, Martin. Eu e Tu. 2 ed. São Paulo: Moraes, 1978. (Introdução e Tradução: Newton Aquiles Von Zuben).

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Trad. Joaquim Pereira Neto)

FEUERBACH, Ludwig. A Essência do cristianismo. 2 ed. Campinas: Papirus, 1997. (Trad. José da Silva Brandão).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIRARD, René. A Violência e o sagrado. São Paulo: UNESP; Paz e Terra, 1990. (Trad. Martha Conceição Gambini).

GRAMSCI, Antônio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Quaderni del carcere. Edição crítica de Valentino Gerratana. Turim: Einaudi, 1975.

MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Trad. Alúcio Ramos Trinta)

SAFATLE, Vladimir. Só mais um esforço. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

EDUCAR PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM TEMPOS DE INTOLERÂNCIA

Ercília Maria Braga de Olinda⁷
Maria Paula Jacinto Cordeiro⁸

Todas as religiões precisam umas das outras, não apenas naquilo que têm em comum, mas também em suas diferenças. Dessa forma, elas se complementam. Em nossa própria religião, queremos nos sentir em casa, e na outra religião queremos nos sentir como hóspedes, não estrangeiros. (Paul Schwarzenau)

Para início de conversa

No presente ensaio refletimos sobre a importância do diálogo inter-religioso num contexto mundial caracterizado pelo acirramento de pensamentos retrógrados e de ameaças à democracia. O respeito entre as religiões não é caminho, nem meio, é fundamento para a edificação de formas de convivência humana no planeta, capazes de superar preconceitos, intolerância, obscurantismo e fundamentalismos. O diálogo leva ao enriquecimento mútuo, indo além da noção de tolerância (suportar, sustentar, aceitar). Trata-se de nos sentirmos hóspedes e não estrangeiros, diante da opção religiosa do outro!

Infelizmente, os dados do “Sumário Executivo 2016 – Liberdade Religiosa no Mundo” e do “Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015)” traçam um quadro de crescente intolerância religiosa. Onde estariam as raízes deste triste quadro? Por que as violências religiosas se perpetuam e se ampliam num cenário cada vez mais pluralista? Qual educação é requerida para colaborar na superação deste quadro? Antes de avançarmos, expomos uma síntese dos documentos anteriormente citados, para oferecer um panorama da gravidade da situação.

O relatório da ACN (2016), “Liberdade Religiosa no Mundo”, construído sob uma lente católica, aponta os países que possuem menor tolerância religiosa e relata estudos de caso no Iraque, no Quênia, no Reino Unido, na França, em Mianmar e na China. Ressalta-se no relatório a discussão sobre os impactos da ascensão do grupo extremista Estado Islâmico (EI) e a atuação de atores não estatais nos contextos de perseguição religiosa¹¹. O período em análise, de junho de 2014 a junho de 2016, viu surgir o hiperextremismo islamita, com atuação cruel, violenta e sem precedentes, caracterizado por: praticar crença extremista, fundamentada num sistema radical de lei e governo; realizar tentativas sistemáticas de destruir grupos que não concordem com a sua perspectiva, incluindo seus próprios membros que questionem as ações do EI; promover recrutamento e intimidação por meio de redes sociais; exibir violência extrema nos meios de comunicação disponíveis; oferecer impacto global com ataques violentos de um em cada cinco países do mundo, tornando-se fator chave na migração desesperada de mais de 65 milhões de refugiados.

⁷ Doutora em Educação, com pós-doutorado em Ciência da Religião, professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

⁸ Doutora em Sociologia, com pós-doutorado em Educação Brasileira, professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri.

⁹ Elaborado pela Fundação Pontifícia ACN (Ajuda à Igreja que Sofre). Disponível em: <http://www.religious-freedom-report.org>. Acesso em: 9 dez. 2017.

¹⁰ Este relatório foi publicado em 2016 e elaborado durante o governo de Dilma Roussef, pelos seguintes órgãos: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; Secretaria Especial de Direitos Humanos; Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos; Departamento de Promoção dos Direitos Humanos; Assessoria de Direitos Humanos e Diversidade Religiosa. Disponível em:

<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cnrdr/pdfs/relatorio-de-intolerancia-e-violencia-religiosa-rivir-2015>. Acesso em: 9 dez. 2017.

¹¹ Contudo, não se pode perder de vista haver fortes evidências de que o “estado islâmico” é um ator construído pelos serviços de inteligência imperialistas para desestabilizar nações utilizando a bandeira da religião por se tratar de um instrumento cultural de alta penetração ideológica.

Em nível mundial há uma preocupação com a explosão de manifestações individuais e coletivas que reacendem ódios antisemitas e antimulçumanos, inclusive em cidades e regiões onde os adeptos destas religiões conviviam passivamente. Conflitos étnicos reavivam, tendo o elemento religioso como disparador da intolerância, aumentando perseguições e atentados contra cristãos, budistas e adeptos do Sikismo e da Fé Bahai.

Já o “Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015)” reporta-se ao que preconiza os incisos VI, VII E VIII do artigo 5º da Constituição de 1988, no que se refere a direitos, liberdade de crença e livre exercício de cultos religiosos e proteção de locais onde acontecem. Trata-se de um levantamento de dados que visa documentar manifestações de violência e intolerância religiosa no Brasil, os quais, em última instância, retratam o cenário de desrespeito à diferença e à liberdade religiosa individual. No relatório, de base quantitativa, são apontados estatisticamente casos de ofensas, discriminação, perseguições e ameaças documentadas na imprensa (65 veículos de comunicação); por denúncias em ouvidorias de Direitos Humanos (113 órgãos) nos 10 estados que mais recebem queixas; por processos judiciais (61 tribunais); autos policiais (cinco delegacias) e entrevistas (20 lideranças religiosas).

Na imprensa, de 409 matérias selecionadas, 85% são sobre agressões físicas e psicológicas, depredações em terreiros, igrejas e mesquitas, agressões por motivação religiosa em canais de televisão, vídeos veiculados no Youtube, artigos em blogs, manifestações e lutas contra discriminações, como o caso das freiras e mulçumanas que requeriam o direito ao uso de véu na cabeça para foto da carteira de motorista. A maior parte das vítimas é de religião de matriz africana (53%) e a maior parte dos agressores identificados é de religião de matriz evangélica (27%).

No contexto do levantamento de dados nas ouvidorias, o relatório traz elementos inquietantes sobre o crescimento alarmante de agressões por motivação religiosa já em anos anteriores ao período de escopo do relatório. Entre 2007 e 2011, o Índice de Hostilidade Social por motivos religiosos no Brasil passou de 0,8 a 3,5 o que o coloca em posição alta, entre os países menos tolerantes, segundo a Fundação PEW, que elaborou este índice¹². A maior parte das denúncias nas ouvidorias é de violência psicológica (66%), com dano psicológico (87%), acontecem mais em casa (36%), com agressores brancos (53%), sendo geralmente vizinho (27%) ou familiar da vítima (23%).

Para pensarmos sobre as raízes deste triste quadro

No século XVIII, em plena fase colonialista, os navios negreiros eram lotados de africanos para serem escravizados no Brasil. Porém, antes que fossem embarcados, havia uma cerimônia de batismo, uma espécie de ritual de iniciação que os preparava para a nova vida. A fala principal dizia o seguinte: “Considerem-se desde já filhos de Deus. Vocês vão para o país dos portugueses onde vão aprender as coisas da fé. Esqueçam seus países de origem, deixem de comer cães, ratos e cavalos, Sejam contentes” (OLINDA, 2003, p. 55).

Cada frase proferida pelo agente da colonização e da escravidão estava carregada de negação do outro e de imposição de valores europeus, decorrentes da consideração de que o africano era primitivo e selvagem, ou, no mínimo, um débil a ser guiado e usado como mercadoria. “Aprender as coisas da fé” representa uma negação à crença do outro, pois se considerava que as formas de relacionamento com o sagrado experimentadas há milênios por aqueles povos eram condenáveis e desprovidas de qualquer

¹² Dados disponíveis no “Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015)” (BRASIL, 2016).

valor. Depois de lhes roubarem o nome, a família, o país, suas práticas rituais e sua dignidade, ainda ordenavam: “Sejam contentes!”

A história da educação no Brasil registra, hegemonicamente, projetos formativos, políticas e ações negadoras do outro nas suas dimensões constitutivas. As classes dominantes insistiram em um modelo civilizatório importado da Europa e dos Estados Unidos da América, tido como correto, desejável e único possível. Os índios foram massacrados, e a presença física e cultural dos negros foi negada ou minimizada. As manifestações da cultura popular foram abafadas pela cultura de massa, e a religiosidade das pessoas simples foi e ainda é silenciada ou julgada como fanatismo, misticismo ou traço residual de “atraso”, sobretudo quando se trata das regiões Norte e Nordeste.

As práticas educativas dos colonizadores e das classes dominantes que perpetuam um estado de colonialidade¹³ são informadas por um projeto civilizatório eurocêntrico, machista, heterossexual que intenciona formar um ser dócil aos objetivos do sistema capitalista. Um dos paradoxos no atual quadro educacional é conviver com uma ampla teorização que mostra a dimensão política da educação e um discurso reacionário que prega uma “escola sem partido”. O saber, o poder e o saber-poder hegemônicos sempre estiveram a serviço de um pensamento subjugador, que pregou a intolerância contra tudo o que foge ao padrão aceito pelas classes dominantes.

Do ponto de vista histórico e antropológico, o desejo de transcendência esteve presente em todos os povos quando, mais do que criar sistemas e doutrinas, procuraram encontrar sentido para suas vidas. Nas práticas devocionais individuais e coletivas os seres humanos almejam encontrar um sentido de unidade com Deus, com a natureza e com os demais seres vivos, ainda que estas intenções emancipatórias tenham sido manipuladas e ainda o sejam por quem detém o controle do universo simbólico. As formas que os grupos sociais constroem historicamente para se ligar ao Criador não podem ser vistas como algo menor, como fuga, carência, alienação ou ópio, mas como mediações significativas e portadoras de sentido.

Ao falar de religião/religiosidade/espiritualidade referimo-nos a uma dimensão fundamental do humano que traz consequências para seu modo de ser, de pensar e de agir. Talvez, exatamente pelo reconhecimento da importância desta dimensão, durante quatro séculos uma única religião foi legitimada no Brasil. Um rápido exame na história nacional vai mostrar o seguinte quadro: as práticas dos nativos foram suprimidas e satanizadas; desde a primeira missa estabeleceu-se um discurso fundante sobre a religião no Brasil; os negros eram proibidos de vivenciar seus cultos aos orixás; os espíritas, candomblecistas e umbandistas foram perseguidos, espancados e presos; os missionários protestantes só tiveram permissão de atuar no Brasil no século XIX.

No século XXI já não temos mais a colonização direta de um Estado sobre sua colônia, mas temos práticas sutis de dominação que mantêm e reproduzem relações de poder que subjagam camadas significativas da sociedade, impingindo-lhes formas de violências simbólicas e materiais.

Sobre a importância da religião

Hoje, podemos falar de um reconhecimento mundial de que os graves problemas enfrentados pela humanidade, tais como: quebra de autoridade governamental; esfacelamento dos Estados; guerras, recrudescimento de conflitos tribais, étnicos e religiosos; racismos; aumento de suicídios e de uso nocivo de álcool e de outras drogas; expansão do terrorismo; controle de natalidade;

¹³ “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios, dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal”. A colonialidade vinculada às experiências colonialistas vem provando há mais de 500 anos ser profunda e duradoura. Cf. Quijano, 2009.

imigração; discriminação de gênero; catástrofes ambientais e toda problemática decorrente da civilização tecnológica com suas ameaças potenciais à vida no/do planeta, não podem ser enfrentados sem a devida consideração das suas relações com as religiões (HUNTINGTON, 1997; PYE, 2001; OLIVEIRA, 2007).

Samuel Huntington, na obra “Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”, alertou sobre os riscos das descondições dos estudos relativos às culturas e às identidades culturais no novo mapa mundial para a paz mundial e para a sobrevivência do ocidente. Ele mostrou que “a dimensão central e mais perigosa da política mundial que estava emergindo (década de 1980) era o conflito entre grupos de civilizações diferentes” (1997, p.11). Nas suas palavras “[...] a cultura e as identidades culturais – que em nível mais amplo são as identidades das civilizações – estão moldando os padrões de coesão, desintegração e conflito no mundo pós-guerra fria” (p.18-19). Sua argumentação ampla e organicamente comprometida com a manutenção da hegemonia econômica e cultural dos Estados Unidos da América e do Ocidente mostra que cada vez mais as populações se definem com base nas religiões, no idioma, nos costumes, nos antepassados, na história, nos valores e nas instituições e que as distinções primordiais no pós-guerra fria são culturais, mais que políticas, ideológicas ou econômicas. Ou seja, se o futuro da política mundial está dominado pelos conflitos entre civilizações, a religião está no “olho do furacão”. Logo, a religião é um tema central quando se trata de pensar a preservação da vida no planeta e da própria Terra.

A “explosão de religiosidades” observada em todos os continentes, principalmente a partir de 1980, deixou perplexos aqueles que viam, e outros que apostavam num caminhar da humanidade para a secularização. Os anos 1980 assistiram ao “eclipse da secularização” com a persistência das religiões institucionalizadas e com o surgimento de novos movimentos religiosos, inclusive nas sociedades industriais avançadas. Paula Montero (2012) aponta que, do ponto de vista do estudo das religiões, nasce “o desafio político e ideológico de ter de reconhecer a legitimidade cultural e política das múltiplas tradições não-cristãs tidas até muito recentemente como primitivas, supersticiosas ou simplesmente falaciosas” (p. 168). Por outro lado, afirma Montero, padres, pastores e outros representantes de diversas religiões passaram a atuar em cenários deliberativos relativos à implementação de políticas públicas de interesse social comum. Não houve, portanto, no contexto do secularismo, uma separação entre instituições religiosas e governamentais. “Ele colocou em jogo, ao contrário, uma dupla mutação na qual, por um lado, as demandas religiosas se representam nos fóruns decisórios e, por outro, agentes religiosos são chamados a colaborar na execução de políticas públicas [...] Em termos gerais é possível afirmar que saúde, educação e assistência pública tornaram-se novas jurisdições religiosas” (p. 172-173).

O reconhecimento da importância da religião na contemporaneidade, tanto nos aspectos geopolíticos quanto, e principalmente, para se pensar a formação humana em bases emancipatórias, pode ser ilustrada pela demanda crescente por cursos que tratem do fenômeno religioso e da dimensão religiosa/espiritual do ser humano. Inúmeros programas de pós-graduação lato e stricto sensu estão consolidados, tanto nas universidades públicas, quanto nas privadas, confessionais ou não. Hoje, no Brasil, há a Associação Nacional de Pesquisa e de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião que articula academicamente vinte programas de Pós-Graduação stricto sensu. Por outro lado, os pesquisadores, que se ocupam dos estudos da religião, organizam-se em redes e fóruns específicos.

Sabendo que a experiência religiosa movimenta energias e valores que podem abrir caminhos para a integração e crescimento da pessoa humana e que a religião é um tema fundamental para a formação humana e, conseqüentemente, para a vida cotidiana, repercutindo, de algum modo, na formação profissional de pessoas de todas as áreas, precisamos refletir sobre o tipo de educação necessária para que haja respeito ao direito inalienável da pessoa humana de escolher sua forma de relacionamento com o sagrado. Esta liberdade inclui o direito, inclusive, de ser ateu ou agnóstico, ou, de mesmo crendo em Deus, não pertencer a qualquer religião instituída.

Apontando alguns caminhos para a educação

Ao olhar para os pilares da educação para todos (DELORS, 2012): Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, fica claro que a dimensão humanista da educação precisa ser retomada. Que a escola precisa ser um lugar de expressão, que dá a voz, que dá as condições de pertencimento a cada um que dela faz parte. É a escola o caminho para a integração, para o respeito, para a firme convicção de que todos têm o seu lugar.

Pensando em termos de sistema de ensino, parte significativa do caminho para a construção de uma sociedade que inclui e acolhe as diferenças passa pela abertura do professor para a experiência biográfica do aluno, da escola para olhar para a família sem acusações sobre o seu papel nas dificuldades de seus alunos. Sem jogos de culpados. Nos contextos de grupos, o respeito às diferenças passa pela compreensão de que para além das consciências individuais, há forças que nos conduzem a todos. E do ponto de vista fenomenológico, possibilita uma percepção do outro sem necessariamente o uso da compreensão e da razão. Cada um que veio a esse mundo tem igual direito de pertencer, de ser e de se conectar com o divino como lhe parece adequado.

Entendemos, ainda, ser necessário oferecer aos profissionais da educação, sobretudo àqueles que atuam e que atuarão no Ensino Religioso, nas ONGs, em hospitais, presídios e nas entidades religiosas, suporte teórico-metodológico para que lidem com naturalidade, espírito científico e humano, com os diferentes modos de se experienciar o sagrado. Para que a opção religiosa do outro, ou a ausência dela, seja respeitada, aceita e legitimada, faz-se necessária a consolidação de uma cultura de respeito aos direitos fundamentais da pessoa, incluindo, necessariamente, abertura dialógica intercultural e descolonizante. A visão teórica sobre o tratamento intercultural da experiência religiosa deu passos significativos nas duas últimas décadas, com reflexos na legislação e no currículo oficial das escolas, mas necessita de grandes transformações no plano do currículo efetivamente vivido nas salas de aula e nas demais práticas educativas nas famílias, nas comunidades e nas próprias instituições religiosas.

Esperamos que as reflexões aqui registradas possam contribuir na formação de pessoas que respeitem o direito de crença, previsto constitucionalmente, mas permanentemente violado no Brasil. Lembramos que, de acordo com o Censo de 2010, há 600 mil adeptos de religiões de matrizes africanas no Brasil. Os Terreiros de Candomblé e de Umbanda são atacados com frequência. As religiões mediúnicas e espiritualistas – Espiritismo, Vale do Amanhecer, União do Vegetal, Santo Daime, entre outras, além das religiões não cristãs, como Islamismo, Budismo, Hinduísmo, sofrem ataques permanentes, conforme exposto anteriormente.

Felizmente, no Ceará, sobretudo na capital e na região do Cariri, aumentam as mobilizações de pessoas, grupos e ONG em defesa do direito humano à livre opção religiosa. Seminários organizados pelo Museu do Ceará, pelas Universidades públicas e pela Ordem dos Advogados do Brasil discutem a temática, com destaque para o papel do Estado no combate à intolerância religiosa. Todos os anos são feitas mobilizações no dia 21 de janeiro¹⁴ – Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.

Também há um movimento para o desenvolvimento da espiritualidade no sentido de um trabalho interior profundo em busca de plenitude, paz e entendimento. Há um chamamento para a edificação de templos interiores e do reconhecimento da diversidade religiosa como direito humano. O teólogo Faustino Teixeira (2014, p.80) afirma: “há que recuperar o essencial ‘espírito do diálogo’, e uma atitude mais positiva e otimista face aos desígnios misteriosos de Deus para a humanidade”. Esta abertura de mentes e de corações exige conhecimento, problematização e sensibilidade para compreender o fino tecido que reveste a experiência com o sagrado e o sentido da existência para cada um, bem como o entendimento do significado formativo da pertença a determinadas tradições ou caminhos religiosos.

¹⁴ Esta data foi sancionada em 2008, através da Lei nº 11.635.

Referências

DELORS, Jacques (Org.). Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HUNTINGTON, Samuel P. Choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. São Paulo: Ed. Objetiva, 1997.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Ceará Colonial: primórdios de um projeto formativo civilizador. In: Revista Educação em Debate, Fortaleza: Edições da UFC, Ano 25, V. 01, N. 45, p. 52-56, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A Religião e o futuro da vida. Texto apresentado na abertura do Ciclo de Estudos: o Ensino Religioso em Questão. Fortaleza: UFC, 2007.

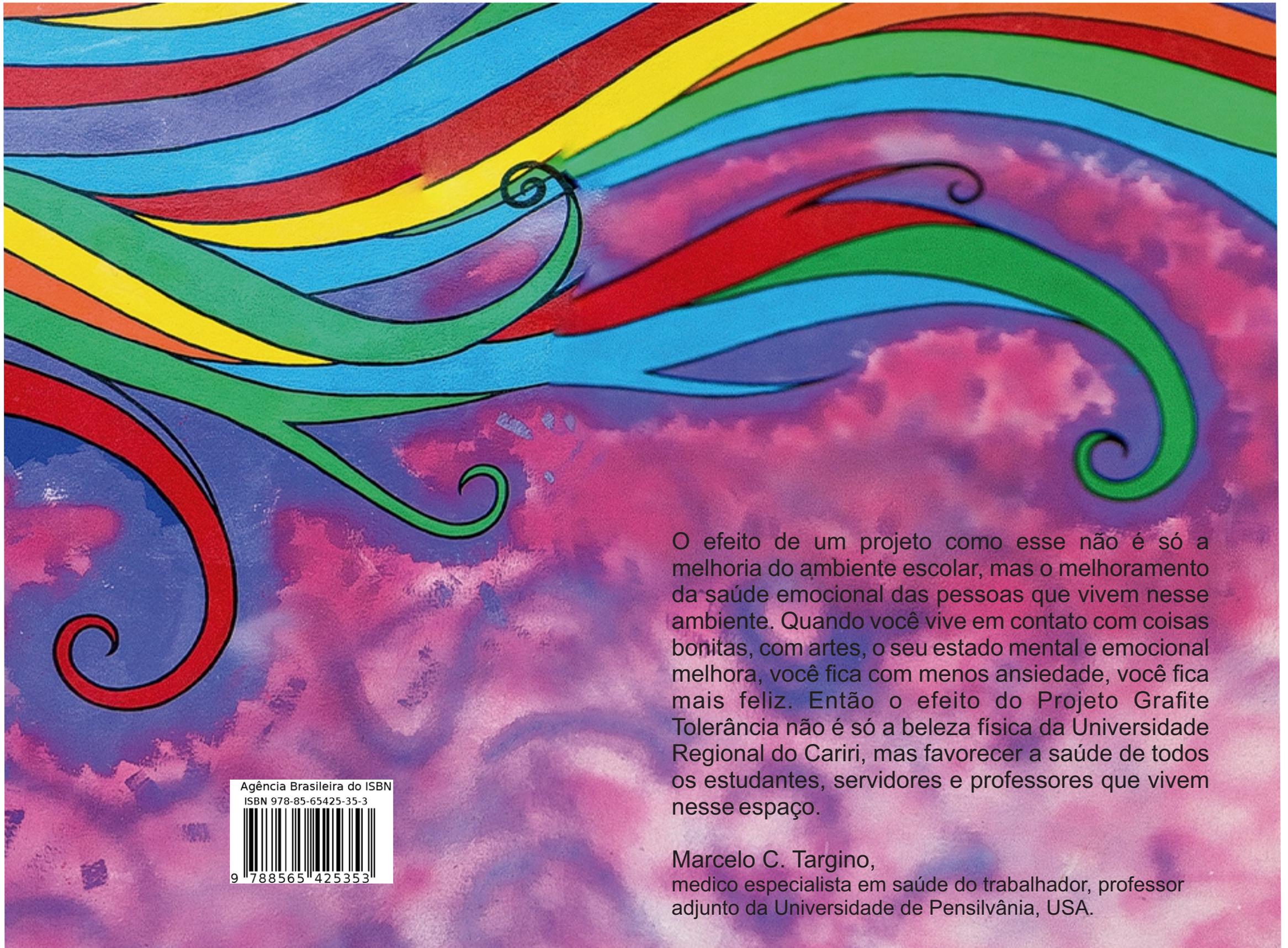
PYE, Michael. Estudos da Religião na Europa: estruturas e projetos. Revista Numen. N0. 06, Vol 4/1, p.11-31, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). Epistemologias do sul. Coimbra: Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.

BRASIL. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015) Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cnrdr/pdfs/relatorio-de-intolerancia-e-violencia-religiosa-rivir-2015>. Acesso em: 9 dez. 2017.

ACN (Aid to the Church in Need). Sumário Executivo 2016 – Liberdade Religiosa no Mundo. Disponível em: <http://www.religious-freedom-report.org>. Acesso em: 9 dez. 2017.

TEIXEIRA, Faustino. Cristianismo e diálogo inter-religioso. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.



O efeito de um projeto como esse não é só a melhoria do ambiente escolar, mas o melhoramento da saúde emocional das pessoas que vivem nesse ambiente. Quando você vive em contato com coisas bonitas, com artes, o seu estado mental e emocional melhora, você fica com menos ansiedade, você fica mais feliz. Então o efeito do Projeto Grafite Tolerância não é só a beleza física da Universidade Regional do Cariri, mas favorecer a saúde de todos os estudantes, servidores e professores que vivem nesse espaço.

Marcelo C. Targino,
medico especialista em saúde do trabalhador, professor
adjunto da Universidade de Pensilvânia, USA.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65425-35-3



9 788565 425353